



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**A ESQUERDA EM REVOLUÇÃO:**

**POPULISMO DE ESQUERDA E SOCIAL-DEMOCRACIA NO**

**PÓS-CRISE FINANCEIRA DE 2008**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de  
Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais: Segurança e Defesa

por

Eduardo Miguel Álvares Pereira Lima Gonçalves

Número de Aluno: 100517018

Instituto de Estudos Políticos



Maio de 2021





UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

**A ESQUERDA EM REVOLUÇÃO:  
POPULISMO DE ESQUERDA E SOCIAL-DEMOCRACIA NO  
PÓS-CRISE FINANCEIRA DE 2008**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de  
Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais: Segurança e Defesa

Por Eduardo Miguel Álvares Pereira Lima Gonçalves

Número de Aluno: 100517018

Sob orientação do Professor Doutor Nuno Sampaio

Instituto de Estudos Políticos

Maio de 2021

## RESUMO

Entre as temáticas que mais atenção tem merecido nos últimos anos por parte de académicos, políticos ou jornalistas encontraremos certamente o populismo, de maneira geral associado à direita do espectro político e encarado como uma crescente ameaça às democracias liberais. No entanto, a realidade de Grécia e Espanha, na sequência da Grande Recessão de 2008 e da posterior crise da Zona Euro, demonstra quão ilusória é semelhante simplificação. Aí, mais do que em quaisquer outros países europeus, observou-se a ascensão meteórica de partidos populistas de esquerda – *SYRIZA* e *Podemos* – gerando um novo equilíbrio de forças marcado, à esquerda, pela queda dos partidos tradicionais socialistas e sociais-democratas - *PASOK* e *PSOE*. Esse novo equilíbrio de forças foi o tema da presente dissertação.

Deste modo, começámos por estudar o fenómeno populista na generalidade, e só depois procurámos compreender a essência do populismo de esquerda em específico, as causas do seu aparecimento e sucesso e a forma como se distingue do populismo de direita e da esquerda clássica. Fizemo-lo maioritariamente de acordo com a abordagem discursiva de Chantal Mouffe e Ernesto Laclau. Numa segunda fase, atentámos nas consequências que a competição entre partidos populistas de esquerda e partidos de centro-esquerda teve a nível eleitoral, programático e estratégico, no seio das duas famílias políticas.

Para tal, recorremos a uma série de métodos de observação, entre os quais se destaca a análise quantitativa de discursos e manifestos eleitorais para o cálculo de rácios de populismo. Assim, concluímos que o sucesso de *SYRIZA* e *Podemos* contribuiu, não só para piores resultados eleitorais de *PASOK* e *PSOE*, mas também para a moderação ideológica e estratégica dos próprios partidos populistas de esquerda e para a adopção de um discurso mais institucionalista, ainda que mais à esquerda, por parte dos sociais-democratas.

**Palavras-chave:** Populismo de esquerda; Social-democracia; Grécia; Espanha; Grande Recessão.

**Número aproximado de palavras:** 30 000

## ABSTRACT

Amongst the most widely debated themes across the world of academia, politics or the media, we will certainly find populism, generally associated with right-wing orientations and regarded as a growing threat to liberal democracies. However, the cases of Greece and Spain after 2008's Great Recession and the Eurozone crisis show how simplistic such notion is. There, more than anywhere else in Europe, what we have witnessed was the rise of left-wing populist parties – *SYRIZA* and *Podemos* – alongside the fall of traditional socialist and social democratic parties – *PASOK* and *PSOE* – completely reshaping the balance of forces in the left. That very balance was the subject of this dissertation.

Therefore, we began with the study of the populist phenomenon in general and only then proceeded to the research on left-wing populism. During that phase we tried to grasp the essence of left-wing populist parties, the causes for their success and what drives them apart from both right-wing populism and traditional left-wing parties. We did this mostly through the lenses of Chantal Mouffe and Ernesto Laclau's discursive approach to populism. In a second stage, our focus were the consequences of the competition between centre-left and left-wing populist parties in terms of their electoral results, political agenda and strategy.

In order to do that, we have used a wide range of methods from which we highlight the calculation of populism ratios through quantitative analysis of political speeches and manifestos. As a result, it was clear that *SYRIZA* and *Podemos'* success did contribute to *PASOK* and *PSOE's* poorer electoral performances. However, that very success triggered a process of populist and ideological moderation in the left-wing populist parties and a reverse process of ideological radicalisation, despite lower levels of populist rhetoric, in the social democratic parties.

**Keywords:** Left-wing populism; Social democracy; Greece; Spain; Great Recession.

**Approximate number of words:** 30 000

*Para o meu avô, Joaquim Gonçalves, com eterna admiração*

## AGRADECIMENTOS

Se, como escreveu Ortega y Gasset, o “homem é ele a sua circunstância”, também a presente dissertação resulta de um trabalho partilhado com todos os que me circunscreveram durante o período da sua elaboração. Aqui lhes expresso a minha profunda gratidão:

Ao meu orientador, o Professor Doutor Nuno Sampaio, pelo acompanhamento próximo e atento e pelos singelos elogios com que tanto me motivou para prosseguir no rumo traçado.

Ao *Instituto de Estudos Políticos*, na pessoa da Professora Doutora Ivone Moreira, pela oportunidade que me foi oferecida de, durante um trimestre, continuar a minha investigação na qualidade de *Visiting Student* na Universidade de Oxford – *Lincoln College*. Uma honra que sempre agradecerei.

Ao *Lincoln College*, na pessoa da Dr. Jody LaPorte, pela forma calorosa como me receberam e diligentemente agiram, quando necessário, para me proporcionar a melhor estadia possível, apesar dos estranhos tempos em que vivemos.

Ao Dr. Spyros Kosmidis, da Universidade de Oxford, pelo incentivo à pesquisa na temática escolhida e pelos esclarecimentos acerca da vida política grega.

Aos meus amigos, geograficamente mais próximos ou mais distantes, pelo seu afecto e companheirismo. Em concreto, não posso deixar de agradecer de forma mais efusiva ao Athanasios Peftinas pela preciosa ajuda e paciência revelada nas necessárias traduções do grego moderno para o inglês.

À minha família, sempre atenta e orgulhosa, em Portugal e no Brasil. Em especial, aos meus queridos pais, os responsáveis maiores por todos os meus êxitos.

Ao David e ao meu irmão Henrique, duas pessoas que comigo partilharam todos os dias da elaboração desta dissertação. A eles devo o conforto nos momentos de dúvida e os sorrisos que tornam a vida leve. Como ela deve ser.

## ÍNDICE

|  |     |
|--|-----|
| <b>RESUMO</b> .....  | ii  |
| <b>ABSTRACT</b> .....  | iv  |
| <b>AGRADECIMENTOS</b> .....  | vi  |
| <b>ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES</b> .....   | ix  |
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 1   |
| <b>1. O POPULISMO</b> .....  | 8   |
| 1.1. Um conceito, várias percepções .....  | 8   |
| 1.2. Contexto histórico .....  | 11  |
| 1.3. O populismo definido .....  | 14  |
| <b>2. O POPULISMO DE ESQUERDA</b> .....  | 19  |
| 2.1. Porquê? - As causas estruturais do populismo de esquerda .....                  | 20  |
| 2.1.1. A crise da formação hegemónica neoliberal .....                               | 21  |
| 2.1.2. A crise dos partidos sociais-democratas .....                                 | 25  |
| 2.2. O quê? Como? Para quê? – A essência do populismo de esquerda .....              | 32  |
| 2.3. Quem? - A construção populista do <i>demos</i> .....                            | 35  |
| 2.4. Quando? – O “momento populista” .....   | 39  |
| 2.5. O que não? .....  | 43  |
| 2.5.1. Populismo de esquerda vs. Populismo de direita .....                          | 43  |
| 2.5.2. Populismo de esquerda vs. Esquerda tradicional .....                          | 45  |
| <b>3. O POPULISMO DE ESQUERDA AQUI E AGORA – OS CASOS DE GRÉCIA E ESPANHA</b> .....  | 48  |
| 3.1. Grécia .....  | 49  |
| 3.1.1. <i>PASOK</i> e <i>SYRIZA</i> antes da Grande Recessão .....                   | 50  |
| 3.1.2. O <i>SYRIZA</i> a caminho do governo - O populismo de esquerda em acção ..... | 52  |
| 3.1.3. O <i>SYRIZA</i> no governo – Um processo de radical moderação .....           | 56  |
| 3.2. Espanha .....   | 61  |
| 3.2.1. Contexto – antes da mobilização populista, a mobilização popular .....        | 61  |
| 3.2.2. O <i>Podemos</i> e as suas metamorfoses .....                                 | 63  |
| <b>4. OPÇÕES METODOLÓGICAS</b> .....   | 68  |
| 4.1. Questão de partida e hipóteses de investigação .....                            | 68  |
| 4.2. Metodologia de investigação .....   | 70  |
| <b>5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....                              | 75  |
| <b>CONCLUSÕES</b> .....  | 96  |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....  | 109 |

|  |            |
|--|------------|
| <b>ANEXO I – RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA RELATIVA À H1 .....</b>         | <b>117</b> |
| <b>ANEXO II – RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA RELATIVA ÀS H2 E H3 .....</b>  | <b>121</b> |
| <b>ANEXO III – RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA RELATIVA ÀS H4 E H5 .....</b> | <b>135</b> |

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| Gráfico 1: Resultados eleitorais de <i>SYRIZA</i> e <i>PASOK</i> entre 2009 e 2019 .....   | 77 |
| Gráfico 2: Resultados eleitorais de <i>Podemos</i> e <i>PSOE</i> entre 2011 e 2019. ....   | 78 |
| Gráfico 3: Evolução da retórica populista do <i>SYRIZA</i> . ....  | 81 |
| Gráfico 4: Evolução da retórica populista do <i>Podemos</i> . ....   | 82 |
| Gráfico 5: Evolução da retórica populista do <i>PASOK</i> .....  | 86 |
| Gráfico 6: Evolução da retórica populista do <i>PSOE</i> . ....  | 87 |
| Gráfico 7: Evolução ideológica dos partidos gregos de esquerda radical numa escala de esquerda-direita. ....                         | 89 |
| Gráfico 8: Evolução ideológica dos partidos gregos de esquerda radical e de centro-esquerda numa escala de esquerda-direita. ....    | 90 |
| Gráfico 9: Evolução ideológica dos partidos espanhóis de esquerda radical e de centro-esquerda numa escala de esquerda-direita. .... | 91 |
| Gráfico 10: Evolução ideológica dos partidos gregos de centro-esquerda numa escala de esquerda-direita. ....                         | 94 |

## INTRODUÇÃO

### Encontros e desencontros

“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”,<sup>1</sup> escrevia Vinícius de Moraes no seu *Samba da Bênção*, palavras eternizadas pelas vozes de incontáveis abençoados.

Numa dissertação que não poucas vezes fará referência à Grécia, é justo iniciarmos o que foi para nós uma verdadeira epopeia do conhecimento com um clássico apelo às musas. Fazemo-lo de um modo diferente dos antigos, isto é, recorrendo aos versos musicados pelo poeta e compositor brasileiro, com um propósito adicional: partilhar dois episódios da “arte do encontro” e do “desencontro”.

O primeiro deu-se a 21 de Janeiro de 2017 em Koblenz, uma cidade no Oeste da Alemanha que assinala a confluência dos rios Reno e Mosela. Aí se reuniram, na primeira de várias confluências físicas, os líderes mais destacados do populismo de direita europeu. Personalidades como Marine Le Pen (*Front National* – França), Matteo Salvini (*Lega Nord* – Itália), Frauke Petry (*Alternative für Deutschland* – Alemanha) ou Geert Wilders (*Partij voor de Vrijheid* – Países Baixos) aproveitaram a ocasião para celebrar a recente vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais americanas, ao mesmo tempo que apelavam a um grito de revolta nacionalista por toda a Europa. Nas palavras de Wilders, despertara "ontem, uma nova América, hoje Koblenz e amanhã uma nova Europa. Estamos a viver a alvorada de uma primavera patriótica. O génio não voltará a esconder-se dentro da garrafa".<sup>2</sup> Se interpretarmos o génio como o populismo de direita, é inegável a forma como tem ocupado o espaço público nos

---

<sup>1</sup> Baden Powell e Vinícius de Moraes, *Samba da Bênção*, 1967.

<sup>2</sup> José Fialho Gouveia, "Extrema-direita espera ganhar eleições em 2017 e criar uma nova Europa," *Diário de Notícias*, 22 de Janeiro, 2017, <https://www.dn.pt/mundo/extrema-direita-espera-ganhar-eleicoes-em-2017-e-criar-uma-nova-europa-5620826.html>.

últimos anos. Do discurso político à investigação académica, muitos se têm dedicado ao seu estudo e à procura das melhores estratégias de reacção a este fenómeno frequentemente retratado como ameaça existencial às democracias liberais. Da nossa parte, apesar de interessados pela dimensão populista destes partidos, desencontramo-nos deles, partindo para uma outra confluência de vozes e ideias.

Assim, o encontro que inspirou a presente dissertação deu-se em Atenas, na Praça *Omonoia*, a 22 de Janeiro de 2015. Faltavam três dias para as eleições legislativas gregas e, num palco iluminado perante milhares de pessoas, dois homens trocavam abraços que estendiam à multidão por meio de gritos de poliglota esperança. Um deles era Alexis Tsipras, líder do *SYRIZA* e rosto principal de um terramoto político que, em várias réplicas desde 2012, vinha abalando o sistema político grego. O outro, tão jovem como o primeiro e inconfundível pelo seu penteado rabo-de-cavalo, símbolo que cultivava até hoje, era Pablo Iglesias, fundador do mais recente fenómeno da política espanhola, o *Podemos*. A dada altura, num grego de sibilância castelhana, este último proclamou: “Um vento de mudança sopra pela Europa afora. Na Grécia chama-se *SYRIZA*; em Espanha chama-se *Podemos*”.<sup>3</sup> Em resposta, milhares de vozes entoaram num cântico sincronizado: “*SYRIZA, Podemos, venceremos!*”.

E venceram, mas em escalas diferentes. Na Grécia, o dia 25 de Janeiro de 2015 marcou a primeira vitória na história da democracia grega contemporânea de um partido de esquerda radical em eleições legislativas. Por sua vez, quase 11 meses depois, a 20 de Dezembro, Pablo Iglesias celebrou os 20,66% que o seu partido obtivera nessas eleições gerais, um resultado notável para uma força política com apenas um ano de vida. Em ambos os casos, verificava-se que o sucesso de duas forças populistas de esquerda arrastava consigo o declínio dos partidos sociais-democratas nos panoramas políticos respetivos. Do *PASOK* na Grécia e do *PSOE* em

---

<sup>3</sup> Óscar García Agustín and Marco Briziarelli, “Introduction: Wind of Change: Podemos, Its Dreams and Its Politics,” in *Podemos and the New Political Cycle: Left-wing Populism and Anti-establishment Politics*, eds. Óscar García Agustín and Marco Briziarelli (Cham: Palgrave Macmillan, 2018), 4.

Espanha. Agora sim nos encontramos com o tema que percorrerá as páginas da presente investigação: o populismo de esquerda e o seu impacto na criação de um novo equilíbrio de forças à esquerda do espectro político, nomeadamente no seio dos tradicionais partidos sociais-democratas.

### As múltiplas personalidades do populismo

Com efeito, ao longo de várias encarnações numa história que remonta à segunda metade do século XIX nos Estados Unidos da América e na Rússia, o populismo foi-se caracterizando por uma capacidade assinalável de se metamorfosear conforme os tempos e as geografias. Por esta razão, tem-se alimentado um aceso debate sobre a sua natureza e as consequências da sua interação com a democracia. “O populismo, para alguns, é um desafio para o funcionamento da política democrática contemporânea. Para outros é um indicador de problemas da política”, enquanto há também os que o consideram “uma força radical e fortalecedora” da democracia.<sup>4</sup> Contornando esta discussão, a britânica Margaret Canovan defende que os fenómenos populistas apenas confirmam a complexidade inerente aos regimes democráticos, sendo naturais em momentos de desequilíbrio.<sup>5</sup>

Adicionalmente, em resultado das várias adaptações populistas, foram também surgindo diversas perspectivas de análise e definição. Dentre elas, relevamos a abordagem ideacional, onde se insere a popular definição de Cas Mudde e Cristóbal Rovira Kaltwasser, que rotulam o populismo de “ideologia fina” ou “de baixa densidade”, baseada na “contraposição entre a pureza do povo e a imoralidade das elites” e distinta das tradicionais ideologias *hard*,

---

<sup>4</sup> Cristóbal Rovira Kaltwasser, Paul Taggart, Paulina Ochoa Espejo, and Pierre Ostiguy, “Populism: An Overview of the Concept and the State of the Art,” in *The Oxford Handbook of Populism*, ed. Cristóbal Rovira Kaltwasser, Paul Taggart, Paulina Ochoa Espejo, and Pierre Ostiguy (Oxford: Oxford University Press, 2017): 36.

<sup>5</sup> Margaret Canovan. “Trust the people! Populism and the two faces of democracy,” *Political Studies* XLVII, (1999): 2.

ainda que capaz de com elas se hibridizar.<sup>6</sup> Já Ernesto Laclau e sua mulher em vida, a politóloga belga Chantal Mouffe, expoentes máximos da abordagem discursiva, não concordam totalmente, encarando o populismo como um método de construção de um sujeito político, o povo, e de uma fronteira que o oporá às elites oligárquicas. A ideologia surge, sim, mas em paralelo e não fazendo parte da natureza do fenómeno populista *per se*.

De facto, ao contrário das restantes perspectivas que adoptam uma lógica positiva e objectiva, a abordagem proposta por Mouffe e Laclau caracteriza-se pelo seu carácter abertamente normativo. Além de um simples diagnóstico, eles apresentam o populismo como uma dimensão necessária à vida democrática e fazem-no em articulação com uma proposta que visa “redefinir o projecto socialista em termos de «radicalização da democracia»”.<sup>7</sup> Por um lado, o casal argumenta que as actuais democracias liberais vivem um processo de decadência que, desde a década de 1980, as vem transformando em pós-democracias. Neste estado, apesar de se respeitarem as regras formais do jogo democrático e do Estado de Direito, foram-se erodindo os princípios basilares da igualdade e da soberania popular, ameaçados pelo projecto hegemónico neoliberal que urge derrubar. Por outro lado, as transformações políticas, socioeconómicas e culturais das últimas décadas terão acelerado uma crise de representação no seio do eleitorado clássico da esquerda social-democrata tradicional, proporcionando o cenário ideal para o surgimento de novas forças políticas.

Assim, uma vez criadas as condições estruturais para a ascensão do populismo de esquerda, a Grande Recessão, iniciada em 2008 e rapidamente transfigurada em crise europeia das dívidas soberanas, forneceu os factores conjunturais essenciais ao sucesso destes novos partidos. Conforme explica o economista político Dani Rodrik, “apesar de todos os países terem sido afectados pela crise do Euro, Grécia e Espanha estiveram entre os mais severamente

---

<sup>6</sup> Marco Damiani, *Populist radical left parties in Western Europe* (New York: Routledge, 2020), 5.

<sup>7</sup> Chantal Mouffe, *Por um Populismo de Esquerda*, trad. Helena Ramos (Lisboa: Gradiva, 2019), 16.

atingidos”.<sup>8</sup> Com efeito, fenómenos como crises económicas, intervenções do FMI e políticas de austeridade, algo que ambos os países experienciaram, acentuam a clivagem socioeconómica mobilizada pelos populistas de esquerda entre “os grupos dos ricos que controlam a economia e definem as suas regras” e os “os grupos com menores rendimentos e sem acesso ao poder”.<sup>9</sup> Uma divisão que SYRIZA e *Podemos* não cessaram de explorar.

### Relevância da investigação

Por conseguinte, facilmente se compreende que Espanha e Grécia tenham sido os dois países europeus onde o populismo de esquerda mais se afirmou politicamente, o que justifica a sua escolha como principais objectos de estudo da presente investigação. No entanto, além dos países estudados, vale a pena sublinharmos a relevância do tema aqui abordado.

Em primeiro lugar, a utilização do termo “populismo” no espaço público e mediático faz-se maioritariamente de forma indiscriminada, numa amálgama que prejudica o real entendimento do fenómeno populista. De facto, populismo de esquerda e populismo de direita diferem fundamentalmente nos seus métodos e propósitos de actuação, pelo que a pesquisa acerca do primeiro se torna essencial, num cenário em que o último ocupa grande parte da atenção política e académica.

Em segundo lugar, a investigação acerca do fenómeno populista tende a privilegiar a análise dos efeitos deste sobre as democracias liberais. Nós, pelo contrário, decidimos adoptar um ponto de vista mais específico, colocando o foco na interacção entre partidos populistas de esquerda e partidos sociais-democratas e no seu impacto mútuo.

---

<sup>8</sup> Dani Rodrik, “Populism and the economics of globalization,” *Journal of International Business Policy* 1, no. 1 (2018): 26.

<sup>9</sup> Dani Rodrik, op. cit., 24.

Por último, devemos referir a centralidade que atribuiremos às teorias populistas de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. Explicamo-la pelo facto de o casal oferecer um modelo concreto de mobilização populista à esquerda, do qual Tsipras e Iglesias se apropriarão durante a sua fase de maior sucesso. Todavia, além de inspiração directa para os partidos populistas de esquerda, as ditas teorias têm representado uma inspiração indirecta para os seus estudiosos, na medida em que a maioria das fontes especializadas no *SYRIZA* e no *Podemos* os analisou pelas lentes da abordagem discursiva.

### Objectivos e organização da dissertação

Deste modo, a estrutura interna da presente investigação terá como pano de fundo a seguinte questão orientadora:

**“Qual foi o impacto da ascensão do populismo de esquerda nos partidos sociais-democratas tradicionais e nas dinâmicas de competição política entre forças de centro-esquerda e esquerda populista, considerando os casos da Grécia e de Espanha no pós-crise financeira de 2008?”.**

Ora, o percurso através do qual responderemos a essa interrogação essencial terá duas fases distintas e complementares. A primeira, teórica e conceptual. A segunda, empírica.

Em termos teóricos, desenvolveremos um raciocínio explicativo capaz de dar suprimimento às seguintes perguntas:

- O que é o populismo?
- Como entender a essência do populismo de esquerda e o contexto justificativo da sua ascensão?

- Que diferenças há entre o populismo de esquerda e o muitíssimo mais abordado populismo de direita?

- O que distingue os partidos populistas de esquerda dos demais partidos de esquerda, seja ela radical ou reformista?

Posteriormente, numa abordagem dirigida à realidade concreta, procuraremos responder às questões assim formuladas:

- Que circunstâncias explicam a emergência de partidos populistas de esquerda em Espanha e na Grécia e que estratégias adoptaram eles nos dois países?

- Como se tem materializado eleitoralmente a ascensão de *SYRIZA* e *Podemos* e que consequências teve nos resultados de *PASOK* e *PSOE*?

- Terá a nova coabitação à esquerda levado a reposicionamentos ideológicos e a alterações no modo de fazer política? Verificaremos nós uma institucionalização/moderação nos partidos populistas de esquerda e uma radicalização dos partidos reformistas?

Posto isto, desenhado que está o mapa da viagem em que nos aventuramos, retomamos a alusão às musas, na esperança que do nosso esforço resulte algo próximo de uma canção que agrade o leitor. Que, como a poesia de Vinícius de Moraes, seja fluido no ritmo, tocante na melodia e verdadeiro na letra. “A bênção!”.

## 1. O POPULISMO

### 1.1. Um conceito, várias percepções

Ainda que, como bem sabemos, a realidade seja tantas vezes mais surpreendente do que a ficção, para o árduo exercício que é o estudo da espécie humana, costuma ser mais útil uma leitura precisa do presente e das suas tendências do que uma imaginação fértil.

Neste sentido, quanto ao hoje ubíquo tema do populismo, escrevia já em 1998 Pierre-André Taguieff, filósofo francês, que “o populismo é estigmatizado como um «ismo» intrinsecamente perverso, visto como a posição política malvada por excelência, no quadro de uma visão dualista que tende para o Maniqueísmo”.<sup>10</sup> Já Jacques Rancière, seu congénere de berço e ofício, denuncia uma campanha do “mundo dos dominantes” no sentido de “amalgamar a ideia de povo democrático com a imagem da multidão perigosa”.<sup>11</sup> Tal como na Física de Partículas, onde a par da matéria está a anti-matéria, também o populismo, desde que assim é entendido, vive acompanhado pelo anti-populismo, inaugurado academicamente pelo historiador americano Richard Hofstadter. Para ele, o populismo era

“denunciado como uma formação política anormal articulada por líderes anormais - «agitadores com tendências paranóicas» (Hofstadter, 1955: 71) – e dirigida a votantes anormais, «aos desiludidos e psicologicamente sem-abrigo, aos falhados, isolados socialmente, economicamente inseguros, iletrados, pouco sofisticados, e às pessoas autoritárias de todos os níveis da sociedade»”.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Pierre-André Taguieff, “Populismes et antipopulismes: le choc des argumentations,” *Mots*, no. 55 (Juin 1998): 7.

<sup>11</sup> José Pedro Zúquete, “From left to right and beyond,” in *Routledge Handbook of Global Populism*, ed. Carlos De La Torre (New York: Routledge, 2019), 419.

<sup>12</sup> Yannis Stavrakakis, “Postscript,” in *The Populist Radical Left in Europe*, eds. Giorgos Katsambekis and Alexandros Kioupiolis (New York: Routledge, 2019), 198.

No fundo, agora nas palavras da politóloga britânica Margaret Canovan, os “movimentos populistas (...) são geralmente tratados como sintomas patológicos” que se manifestam no seio das democracias.<sup>13</sup> Contudo, ciente das limitações que semelhante simplismo representaria ao nível do estudo deste fenómeno, Canovan argumentava já em 1999 que “o populismo é uma sombra criada pela própria democracia”, com ela caminhando a par e passo. Segundo a autora, a democracia apresenta “duas faces – uma «pragmática» e uma «redentora»”.<sup>14</sup> A primeira incorpora o espírito das regras e instituições que possibilitam a conquista e o exercício pacífico do poder político. A segunda assenta na promessa democrática de garantir ao povo o controlo sobre os seus próprios destinos. Contudo, quando a tensão natural entre ambas as dimensões se desequilibra, gerando fenómenos como a corrupção (demasiado pragmatismo) ou o autoritarismo (demasiada redenção), abre-se um espaço onde tende a surgir o populismo oferecendo o “ideal de uma democracia renovada”.<sup>15</sup>

Actualmente, tendo em consideração a inegável ascensão de forças populistas, quer enquanto oposição, quer enquanto governo, em países ditos desenvolvidos como os Estados Unidos da América, a Espanha, Grécia, Itália, Polónia, Hungria ou França, muito se aprofundou o estudo desta temática, valorizando-se a sua complexidade, como sugeria Canovan. Deste modo, e aproveitando o contexto presente de pandemia global para fazer uso de uma metáfora médica, a pesquisa acerca do populismo tende a adoptar duas perspectivas. Por um lado, encarando o populismo como uma doença das democracias liberais, que deve ser combatida. Por outro lado, vendo-o como uma cura para um sistema já de si enfermo.

Neste âmbito, “para alguns, o populismo é a maior ameaça para a democracia e até para os pilares do projecto de modernidade baseado no pluralismo e na razão. Para outros, representa uma resposta democratizadora ao jugo das elites tecnocráticas globais que raptaram

---

<sup>13</sup> Margaret Canovan. “Trust the people! Populism and the two faces of democracy,” *Political Studies* XLVII, (1999): 2.

<sup>14</sup> *Ibid.*, 2.

<sup>15</sup> *Ibid.*, 10-11.

a vontade das maiorias”.<sup>16</sup> Inclusivamente, Margaret Canovan sugere que “em casos onde a mobilização populista radical contra a *partitocrazia* leva à formação de novos partidos ou à reforma da estrutura institucional, a democracia pode ser vista como um «sistema auto-correctivo»”.<sup>17</sup>

Segundo esta óptica, os próprios partidos populistas adoptam uma estratégia de afirmação baseada no retrato de qualquer crise como sendo “uma «crise do» *status quo* hegemónico (...) que necessita de renovação sistémica”, por eles corporizada. Em oposição, os partidos tradicionais estabelecidos tendem a “representar a crise como uma «crise no» sistema, atribuindo as dificuldades encontradas na sua gestão a factores predominantemente externos (...): à ameaça populista”.<sup>18</sup>

Assim, sintoma ou cura da doença, causa ou efeito da crise, ameaça obscurantista ou espírito de renovação democratizadora, o populismo é encarado de variadas formas. Por isso, para melhor o compreendermos e antes de procedermos ao arriscado exercício da procura de uma definição, é importante olharmos para encarnações passadas deste fenómeno. Para chegarmos ao que o populismo é hoje, olhemos para o que ele já foi.

---

<sup>16</sup> Carlos de la Torre, “Global populism: histories, trajectories, problems, and challenges,” in *The Routledge Handbook of Global Populism*, ed. Carlos de la Torre (New York: Routledge, 2019), 1.

<sup>17</sup> Margaret Canovan, op. cit., 14.

<sup>18</sup> Yannis Stavrakakis et al, “Populism, anti-populism and crisis,” *Contemporary Political Theory* 17, no. 1 (2017): 17.

## 1.2. Contexto histórico

Se hoje temos o populismo em voga, olhando para o passado, vários teóricos identificam o populismo em vagas.

Cas Mudde e Rovira Kaltwasser destacam o populismo agrário, o populismo socioeconómico e o populismo xenófobo. O primeiro surgiu através do movimento dos *Narodniki*, na Rússia czarista, e com o aparecimento do *People's Party*, nos Estados Unidos da América na segunda metade do século XIX. Os *Narodniki* (termo que provém do russo “ir de encontro ao povo”) eram “um grupo de intelectuais de classe-média urbana que acreditavam que os camponeses constituíam biológica e moralmente a população mais saudável e que a sociedade se deveria basear numa economia agrícola de pequenas cooperativas”,<sup>19</sup> tendo-se inclusivamente mudado para o mundo rural, de modo a educar o campesinato para a revolta. Por sua vez, o *People's Party*, partido fundado em 1892, foi o primeiro a criar e a reclamar para si o moderno termo de “populista”, agregando o operariado urbano, mas sobretudo os trabalhadores e pequenos proprietários rurais do Oeste e do Sul contra o capitalismo industrial monopolista e as elites plutocráticas das grandes cidades. Exigiam maior participação política, um Estado mais regulador, a nacionalização de certos sectores e a redução das desigualdades económicas, com o propósito de “restaurar o governo da República nas mãos do «povo simples»”,<sup>20</sup> mas após um sucesso relativo inicial, foram desaparecendo, vítimas do bipartidarismo americano.

Quanto ao populismo socioeconómico, Cas Mudde e Rovira Kaltwasser situam-no temporalmente na década de 1930, na sequência da Grande Depressão, e geograficamente na América Latina. Aí, líderes populistas como Getúlio Vargas (Brasil), Ibañez del Campo (Chile),

---

<sup>19</sup> Cas Mudde and Cristóbal Rovira Kaltwasser, "Populism," in *The Oxford Handbook of Political Ideologies*, eds. Michael Freeden and Marc Stears (Oxford: Oxford University Press, 2013), 3.

<sup>20</sup> John Judis, “Us vs Them: The birth of populism,” *The Guardian*, October 13, 2016.

Velasco Ibarra (Equador) e sobretudo Juan Domingo Perón (Argentina) “foram capazes de mobilizar diversos sectores populares e desenvolver movimentos e partidos interclassistas”<sup>21</sup> em torno da ideia de um “povo” unido contra o *establishment*, tendo alcançado bastante sucesso na incorporação das massas excluídas na comunidade política através de medidas como a extensão dos direitos sociais e o alargamento do voto feminino.

Por último, o populismo xenófobo assume-se como um fenómeno europeu, iniciado na década de 1980 e afirmando-se em definitivo nos anos 1990 e 2000. Caracteriza-se pela sua dimensão de reacção às transformações socioculturais que vinham da década de 1970 (importância crescente dos valores pós-materialistas espelhados nos movimentos sociais e ecologistas) e de rejeição à imigração que se ia registando em números consideráveis rumo à Europa Ocidental. Entre os partidos populistas xenófobos típicos podemos encontrar o *Front National*, em França, e a *Lega Nord*, em Itália, ambos partilhando uma ideologia nacionalista e autoritária fixa, apesar da assinalável “flexibilidade no que diz respeito à definição dos inimigos do povo”: os corruptos, os criminosos, as elites políticas, culturais e económicas, os *media*, os imigrantes em geral e os muçulmanos em particular.<sup>22</sup>

No entanto, outros autores como Chiapponi, Palano e Revelli apontam para “quatro vagas de populismo”.<sup>23</sup> A primeira, que já descrevemos, nos EUA e na Rússia do fim do século XIX; a segunda, anti-democrática e autoritária/totalitária, na Europa do período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial; a terceira, concentrada em Itália, na sequência da refundação do seu sistema partidário (fim do século XX); e a quarta, que hoje nos acompanha, e que se iniciou como consequência da Grande Recessão.

Assim, do mesmo modo que antes apresentámos vários entendimentos acerca do fenómeno populista e agora observámos diferenças na enumeração das suas vagas, não será de

---

<sup>21</sup> Cas Mudde and Cristóbal Rovira Kaltwasser, op. cit., 4.

<sup>22</sup> Ibid., 5.

<sup>23</sup> Marco Damiani, *Populist radical left parties in Western Europe* (New York: Routledge, 2020), 5-6.

estranhar a complexidade associada ao exercício clássico de definição do populismo. É precisamente disso que trataremos de seguida.

### 1.3. O populismo definido

Considerando o estudo que aqui faremos do caso do populismo grego, tempos houve em que de todos os cantos da Hélade acorriam ao Oráculo de Delfos viajantes em busca de respostas às mais variadas indagações, porventura com mais garantias de sucesso do que aquelas que a presente dissertação é capaz de oferecer. Contudo, mais do que a promessa de comunicação mística entre Apolo e a Pitonisa, eram as colunas do templo que asseguravam que este se mantinha de pé. Do mesmo modo, antes de nos considerarmos aptos a responder às interrogações que nos norteiam, somos obrigados a procurar uma definição para o fenómeno do populismo. Nela encontraremos as colunas que sustentarão os nossos avanços.

Perante semelhante demanda, vários académicos foram tentando encontrar os elementos comuns às encarnações populistas aqui enumeradas. A esse respeito, “Margaret Canovan viu-se obrigada a concluir que, em última instância, é impossível «encontrar a singular essência por detrás de todos os usos estabelecidos do termo»”.<sup>24</sup> No entanto, têm surgido várias abordagens ao estudo do populismo, cada uma com a sua própria definição deste fenómeno. Dentre elas, destacamos as abordagens historicista (que hoje perdeu muito da sua utilidade), estratégica, ideacional e discursiva.

De acordo com o sociólogo italiano Gino Germani ou com o já citado Richard Hofstadter, proponentes da abordagem historicista, ou da sociedade de massas, o populismo tratava-se de uma “etapa de transição provocada pela modernização da sociedade”. Os dois pensadores “argumentavam que processos abruptos de modernização, tais como a urbanização ou a

---

<sup>24</sup> Yannis Stavrakakis, “Postscript,” in *The Populist Radical Left in Europe*, eds. Giorgos Katsambekis and Alexandros Kioupiolis (New York: Routledge, 2019), 200.

industrialização, produzem massas em estado de anomia que se tornavam disponíveis para uma mobilização de cima para baixo (...) por um líder carismático”.<sup>25</sup>

Por sua vez, a abordagem ideacional, que nas últimas duas décadas conquistou bastante popularidade e aceitação acadêmica, procura explicar o fenômeno populista, suas causas e consequências, sob o prisma das ideias que o orientam. Ideias “enraizadas na cultura democrática, especialmente a crença na soberania popular”, segundo a qual “a política deve ser vista em termos de redenção – como a luta entre o povo e a elite – e não de pragmatismo, como a articulação de múltiplos e válidos interesses via instituições liberais”.<sup>26</sup> Sem almejar uma definição extensiva que abarque todos os casos de populismo, existe uma demanda pelo mínimo denominador comum, explicado de forma empírica e não normativa, ao contrário da perspectiva discursiva.

Assim, a definição ideacional por excelência é aquela desenvolvida por Mudde e Rovira Kaltwasser nos seguintes moldes:

“Definimos populismo como uma «ideologia fina» que considera que a sociedade está dividida em dois campos homogêneos e antagônicos, «o povo puro» versus «a elite corrupta», e que argumenta que a política deve ser a expressão da *volonté générale* (vontade geral) do povo.”<sup>27</sup>

O povo (*people-centrism*), a elite (anti-elitismo) e a vontade geral *Rousseauiana* (valorização da soberania popular) constituem, por isso, a essência da definição ideacional que, ao sublinhar a natureza de “ideologia fina” ou “de baixa densidade” do populismo, distingue-o das ideologias *hard* (fascismo, liberalismo, socialismo ou conservadorismo, fontes de um retrato

---

<sup>25</sup> Carlos de la Torre, “Global populism: histories, trajectories, problems, and challenges,” in *The Routledge Handbook of Global Populism*, ed. Carlos de la Torre (New York: Routledge, 2019), 4.

<sup>26</sup> Kirk A. Hawkins, “The Ideational Approach,” in *The Routledge Handbook of Global Populism*, ed. Carlos de la Torre (New York: Routledge, 2019), 58.

<sup>27</sup> Cas Mudde and Cristóbal Rovira Kaltwasser, op. cit., 6.

que nos diz como é a sociedade e de um conjunto de respostas complexas e completas sobre como ela deveria ser) com as quais ele se pode hibridizar, prova da sua maleabilidade.<sup>28</sup>

Relativamente à abordagem estratégica, também denominada de política, ela centra-se na questão comportamental dos agentes populistas e da sua acção pública, distinguindo-se, com isto, das restantes perspectivas.<sup>29</sup> Deste modo, o populismo é analisado como um estilo ou uma estratégia singular que visa a conquista e a manutenção do poder. Segundo Benjamin Moffit, é definido como um “estilo político que recorre a um apelo ao «povo contra a elite» e usa o que as elites consideram maus modos como o sotaque, a linguagem corporal, falta de gosto e a dramatização da percepção da crise (...)”.<sup>30</sup> Já Kurt Weyland complementa Moffit, reforçando a ideia de populismo “como estratégia política com três componentes: a liderança pessoal de uma figura que se dirige a uma massa heterogénea de seguidores, a maneira directa de o fazer e uma organização política pessoalizada com baixos níveis de institucionalização”.<sup>31</sup> Assim se compreende o ênfase dado, na abordagem estratégica, à personalidade e carisma do líder, mais do que às ideias por ele veiculadas.

Finalmente, há que destacar os contributos da belga Chantal Mouffe e do seu falecido marido, o argentino Ernesto Laclau, que em obras em conjunto ou em nome próprio desenharam os pilares fundamentais da abordagem discursiva ou performativa ao estudo do populismo. Nas palavras de Mouffe,

“no seu livro *On Populist Reason*, Laclau define populismo como uma estratégia discursiva para construir uma fronteira política que divida a sociedade em dois campos e apela à mobilização dos «miseráveis» contra os «que estão no poder». Não se trata de uma ideologia e não se lhe pode atribuir um conteúdo programático”.<sup>32</sup>

---

<sup>28</sup> Ibid., 6.

<sup>29</sup> Robert R. Barr, “Populism as a Political Strategy,” in *The Routledge Handbook of Global Populism*, ed. Carlos de la Torre (New York: Routledge, 2019), 44.

<sup>30</sup> Carlos de la Torre, op. cit., 6.

<sup>31</sup> Robert R. Barr, op. cit., 46.

<sup>32</sup> Chantal Mouffe, *Por um Populismo de Esquerda*, trad. Helena Ramos (Lisboa: Gradiva, 2019), 22.

Com efeito, o pensador argentino acreditava que o “populismo expressa o acto democrático *par excellence*: a constituição do povo”,<sup>33</sup> não como *ethnos*, plebe ou classe, mas sim como verdadeiro *demos*.<sup>34</sup> Assim, de modo a efectivar semelhante “processo de identificação”<sup>35</sup> do povo consigo mesmo, Laclau exigia a “criação de uma cadeia de equivalências entre exigências populares não satisfeitas por aqueles que estão no poder”, unindo o povo contra as elites oligárquicas.<sup>36</sup>

Em oposição às restantes abordagens, a perspectiva discursiva do populismo assume-se como inequivocamente normativa e parcial. Para Laclau e Mouffe, o populismo é um fenómeno necessário de “renascimento da política. É a revolta contra o raciocínio tecnocrático, contra a rendição da soberania nacional às instituições internacionais e da vontade popular às elites políticas neoliberais”<sup>37</sup> com o propósito final de, recuperando o agonismo na luta política, “radicalizar a democracia”, isto é, responder àqueles que gritam “Temos voto, mas não temos voz” por meio da generalização da “liberdade e igualdade para todos”.<sup>38</sup>

Por último, apresentadas as várias abordagens ao estudo do fenómeno populista, é essencial referir o exercício de vários autores no sentido de ultrapassar as dificuldades de comunicação entre diferentes perspectivas de análise. Neste âmbito, destacamos a definição sincretista de populismo de Marco Damiani. Auxiliando-se do trabalho de outros académicos, como Segatori e Tarchi, Damiani define o populismo como um fenómeno político que apresenta quatro características fundamentais:

“1) um apelo directo ao «povo», entendido como um interlocutor uno e indivisível, em cujas mãos (...) deve ser colocado o mandato da soberania popular (...) com um alto grau de

---

<sup>33</sup> Enrique Peruzzotti, “Laclau’s theory of populism,” in *The Routledge Handbook of Global Populism*, ed. Carlos de la Torre (New York: Routledge, 2019), 36.

<sup>34</sup> Marco Damiani, op. cit., 28.

<sup>35</sup> Enrique Peruzzotti, op. cit., 36.

<sup>36</sup> Giorgos Katsambekis and Alexandros Kioupiolis, “Introduction,” in *The Populist Radical Left in Europe*, eds. Giorgos Katsambekis and Alexandros Kioupiolis (New York: Routledge, 2019), 8.

<sup>37</sup> Carlos de la Torre, op. cit., 5.

<sup>38</sup> Chantal Mouffe, op. cit., 55.

desintermediação no (...) governo da vida pública; 2) a identificação do «inimigo» do povo, (...) identificado, neste caso, como a elite política, económica, financeira e cultural; 3) o uso de um estilo comunicativo agressivo (...) [recorrendo] à contraposição maniqueísta *nós vs. eles* (ou *povo vs. elite*) concebida como condição *sine qua non* para a construção do seu projecto; 4) simplificação da acção política”

e “uso maciço de velhos e novos meios de comunicação” – às quais se junta uma quinta, comum, mas nem sempre verificada: a “presença de um líder”.<sup>39</sup>

Assim, explorado o fenómeno populista em linhas gerais, é o momento de avançarmos para o caso particular do populismo de esquerda.

---

<sup>39</sup> Marco Damiani, op. cit., 4.

## 2. O POPULISMO DE ESQUERDA

Recuperando a metáfora do capítulo anterior, uma vez erigidas as colunas, é tempo de nos introduzirmos passo a passo no interior do templo. E se a Pitonisa nos transmitia as mensagens de Apolo, o populismo de esquerda, prestando culto à sua imagem do *demos* soberano, tem como oráculos e sacerdotes as figuras de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe.

Inspirados pelas suas obras, foi precisamente em Espanha e na Grécia, os países analisados na presente dissertação, que nasceram os denominados “Cluster Complutense do Populismo” (Madrid) e “Cluster Tessalonicense do Populismo” (Salónica). Do primeiro proveio grande parte da liderança do partido político fundado em 2014, *Podemos*, “descrito como uma «aplicação reflexiva da teoria populista que é única na história do populismo moderno»”.<sup>40</sup> Por sua vez, no segundo *cluster* encontramos uma fértil produção académica acerca do populismo de esquerda e do caso específico do *SYRIZA*, que em 2015 alcançou a liderança do governo grego.

Deste modo, também nós procuraremos entender o fenómeno do populismo de esquerda na Grécia e em Espanha contextualizando-o de acordo com o pensamento do casal belgo-argentino e com o auxílio de outros autores. Fá-lo-emos através de um roteiro de respostas às interrogações “porquê?”, “o quê/ como/ para quê?”, “quem?”, “quando?” e “o que não?”.

---

<sup>40</sup> José Pedro Zúquete, “From left to right and beyond,” in *Routledge Handbook of Global Populism*, ed. Carlos De La Torre, (New York: Routledge, 2019), 422-423.

## 2.1. Porquê? - As causas estruturais do populismo de esquerda

Em 1985, Chantal Mouffe e Ernesto Laclau publicaram em conjunto uma obra fundamental para a compreensão do seu pensamento, *Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics*. Nesse tomo, formularam uma crítica às concepções tradicionais de política (ideias e acção) que ainda dominavam o campo da esquerda, marxista ou social-democrata. Em resposta ao que rotulavam de ofensiva neoliberal por parte de políticos como Reagan e Margaret Thatcher, Laclau e Mouffe sublinharam a necessidade de a esquerda se adaptar a uma sociedade pós-moderna. Para tal, utilizaram como ponto de partida um “arsenal de conceitos” que o filósofo marxista e político italiano Antonio Gramsci (1891-1937) havia produzido, sobretudo a partir do cárcere, tais como “a guerra de posição, o bloco histórico, a vontade colectiva, a hegemonia e a liderança intelectual e moral”.<sup>41</sup> Destes, destaca-se a noção de hegemonia, por eles considerada “a categoria central da análise política”, transversal, por isso, a várias obras académicas dos autores.<sup>42</sup>

Neste âmbito, mais recentemente, em *Por Um Populismo de Esquerda* (2018), Chantal Mouffe escreve que

“uma formação hegemónica é uma configuração de práticas sociais de diferentes naturezas: económica, cultural, política e jurídica, e a sua articulação é assegurada em torno de alguns significantes-chave simbólicos que dão forma ao «senso comum» e oferecem o quadro normativo de uma dada sociedade”.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup>Ernesto Laclau and Chantal Mouffe, *Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics* (London: Verso, 1985), ix.

<sup>42</sup> Ibid., x.

<sup>43</sup> Chantal Mouffe, op. cit., 53.

Tendo este conceito em consideração, a autora belga justifica a presente ascensão dos partidos populistas de esquerda através de dois factores estruturais que explanaremos de seguida: a crise da formação hegemónica neoliberal e a crise dos partidos sociais-democratas.<sup>44</sup>

### 2.1.1. A crise da formação hegemónica neoliberal

Primeiramente, é útil esclarecer que por formação hegemónica neoliberal, que nos anos 1980 teria substituído a hegemonia social-democrata das três décadas após a 2ª Guerra Mundial (*les Trente Glorieuses*), Chantal Mouffe refere-se a “um conjunto de práticas político-económicas com a finalidade de impor o poder de mercado – desregulação, privatização, austeridade – e de limitar o papel do Estado à protecção dos direitos da propriedade privada e do comércio livre”, fiel a “uma concepção de sociedade e do indivíduo assente numa filosofia do individualismo e da posse”.<sup>45</sup> No entanto, da mesma forma que Marx afirmava que tanto mais próximo estaria o fim do sistema capitalista, quanto mais veloz fosse a sua expansão, Mouffe viu no sucesso do paradigma neoliberal as sementes do seu próprio declínio, propulsor dos movimentos populistas.

Em concordância com semelhante perspectiva, o sociólogo britânico Colin Crouch atribui às transformações impostas pela globalização neoliberal a responsabilidade pelo estado da política ocidental contemporânea, que apelida de “pós-democracia”. Segundo Crouch, não se trata de um retorno a um momento pré-democrático, visto que se verifica o respeito pelo Estado de Direito, pela liberdade de imprensa e opinião e as eleições são livres e justas. Contudo, apesar do regular funcionamento das instituições da democracia liberal, “a política e o governo estão paulatinamente a deslizar para as mãos das elites privilegiadas da maneira que

---

<sup>44</sup> Ibid., 15.

<sup>45</sup> Ibid., 23.

caracterizava os tempos pré-democráticos”,<sup>46</sup> ameaçando a sua energia vital, as causas democráticas da liberdade e igualdade. Neste cenário, a oligarquia política e económica “tornou-se bem mais activa que a massa de cidadãos comuns no processo de fazer o sistema político funcionar para si”, tendo aprendido a “manipular as exigências populares”.<sup>47</sup> De acordo com o autor britânico, semelhante fenómeno justifica-se pela consciência de classe e ideologia que une grandes detentores de capital e executivos, em tempos de atomização e desagregação social; pela globalização económica, que reduziu o controlo do Estado-Nação - o espaço privilegiado da democracia – sobre empresas multinacionais; e pela crescente permeabilidade dos partidos políticos às pressões e orientações de grandes empresas e *lobbies*, menorizando a importância das eleições para a definição de políticas públicas.<sup>48</sup> Curiosamente, Colin Crouch aponta para o paradoxo que consiste na pós-democracia fomentar uma politização excessiva da sociedade (*hyperdemocracy*), concentrada numa miríade de assuntos menores, como forma de distração útil às elites.<sup>49</sup>

Por seu turno, Chantal Mouffe apresenta uma visão um pouco diferente da pós-democracia como fenómeno motivador da ascensão de partidos populistas no seio das democracias europeias. Para ela, o modelo ocidental de democracia liberal está historicamente assente na

“articulação de duas tradições diferentes. Por um lado, temos a tradição do liberalismo político: o Estado de Direito, a separação de poderes e a defesa da liberdade individual; por outro lado, a tradição democrática, cujas ideias centrais são a igualdade e a soberania popular”.<sup>50</sup>

---

<sup>46</sup> Colin Crouch, *Post-democracy* (Cambridge: Polity Press, 2004), 6.

<sup>47</sup> *Ibid.*, 19.

<sup>48</sup> Colin Crouch, “The March Towards Post-Democracy, Ten Years On,” *The Political Quarterly* 87, no. 1 (January–March 2016): 71.

<sup>49</sup> *Ibid.*, 74.

<sup>50</sup> Chantal Mouffe, *op. cit.*, 25.

É precisamente essa articulação, em tensão permanente, que garante às democracias ocidentais o carácter de *politeia*, assegurando a sua dimensão pluralista.<sup>51</sup> Oscilando entre momentos de predomínio da tradição democrática e momentos em que se destaca a tradição liberal, as democracias liberais foram sempre capazes de se construir como um espaço de equilíbrio que mantinha “a possibilidade de uma negociação «agonística» entre direita e esquerda”.<sup>52</sup>

No entanto, continua Chantal Mouffe, a vitória da formação hegemónica neoliberal e do modelo económico que a acompanha, o capitalismo financeiro, eliminou “a tensão agonística entre os princípios democrático e liberal”, por meio da corrosão dos pilares constitutivos da tradição democrática: a igualdade e a soberania popular. Assim, a pós-democracia definida pela académica belga corresponde a um cenário em que se continua a falar “de «democracia», mas esta foi reduzida à sua componente liberal e apenas significa a existência de eleições livres e a defesa dos direitos humanos. O que se tornou central foi o liberalismo económico com a sua defesa do mercado livre”.<sup>53</sup>

Para a erosão do pilar da igualdade, terá contribuído “a «oligarquização» crescente das sociedades ocidentais”, marcadas pela desregulação dos mercados financeiros, pelo crescimento exponencial do sector financeiro em detrimento da economia real e pelo sério aprofundamento das desigualdades socioeconómicas, agudizadas, nos países mais desenvolvidos, pelo processo de desindustrialização e deslocalização empresarial que deixou para trás as classes trabalhadoras “perdedoras da globalização”.<sup>54</sup> A este processo, David Harvey dá o nome de “acumulação por espoliação”, referindo-se “à centralização da riqueza e do poder

---

<sup>51</sup> Ibid., 26.

<sup>52</sup> Ibid., 27.

<sup>53</sup> Ibid., 27.

<sup>54</sup> Ibid., 29.

nas mãos de poucos, através de uma série de práticas centrais do neoliberalismo como as privatizações e a financeirização da economia”.<sup>55</sup>

Relativamente à soberania popular, Chantal Mouffe vê-a substituída pela “pós-política”. De modo a compreendermos aquilo a que se refere, devemos explicar que ela considera a política como a expressão do antagonismo “constitutivo das sociedades humanas”.<sup>56</sup> Todavia, o descrito antagonismo, definido como “uma relação nós/eles em que os dois lados são inimigos que não partilham um chão comum”<sup>57</sup> só se transforma em agonismo (relação entre adversários que se consideram mutuamente legítimos e convivem pacificamente) através das práticas e instituições democráticas. Deste modo, “o confronto agonístico, longe de representar um perigo para a democracia, é na realidade a própria condição da sua existência”,<sup>58</sup> porque expressa de forma controlada o antagonismo inerente a qualquer sociedade, evitando a violência revolucionária.

Assim sendo, no âmbito da política doméstica, “quando a divisão social não se consegue exprimir por via da divisão esquerda/direita, as paixões não se mobilizam em torno de objectivos democráticos e o antagonismo toma formas que podem ameaçar as instituições democráticas”,<sup>59</sup> como é o caso do populismo de direita. Por conseguinte, somos agora capazes de entender a definição de Mouffe de “pós-política” como a realidade actual das democracias ocidentais, em que a materialização do conflito agonístico através da oposição entre alternativas de esquerda e direita, escolhidas pelos cidadãos, se terá tornado obsoleta e sido substituída pela tecnocracia e pelo “centro radical”.

Esse estado de coisas, iniciado nos anos 1980 e acelerado após a queda do Muro de Berlim, em 1989, e da alternativa política que a União Soviética corporizava, ter-se-ia

---

<sup>55</sup> Ibid., 65.

<sup>56</sup> Chantal Mouffe, *On the Political* (New York: Routledge, 2005), 9.

<sup>57</sup> Ibid., 27.

<sup>58</sup> Chantal Mouffe, *Por um Populismo de Esquerda*, trad. Helena Ramos (Lisboa: Gradiva, 2019), 94.

<sup>59</sup> Chantal Mouffe, *On the Political* (New York: Routledge, 2005), 120.

caracterizado por uma diluição da “fronteira entre esquerda e direita”, agora centro-esquerda e centro-direita em alternância permanente no poder e ambas sujeitas ao “dogma de que não há alternativa à globalização neoliberal”.<sup>60</sup> Em resultado, o “modelo pós-político actual de «consenso ao centro» retira à política (...) a sua natureza partidária”<sup>61</sup> e agonística, reduzindo a capacidade dos cidadãos influenciarem as decisões governamentais, o que, por sua vez diminui o interesse geral pela política, aumenta os níveis de abstenção (“a diferença entre centro-esquerda e centro-direita é tão minúscula que as pessoas sentem que não está nada em jogo”<sup>62</sup>), afasta os representantes dos representados (“os representantes parecem-se cada vez mais uns com os outros e cada vez menos com os seus eleitores”<sup>63</sup>) e equivale a política à “mera administração da ordem estabelecida, um domínio reservado aos especialistas”, um lugar onde “a soberania popular foi declarada obsoleta”<sup>64</sup> e os cidadãos gritam “Temos voto, mas não temos voz”.<sup>65</sup>

### 2.1.2. A crise dos partidos sociais-democratas

Como já mencionámos, Mouffe encara a crise dos partidos sociais-democratas como o segundo factor explicativo da ascensão populista, desta feita de forma bidireccional. Não só é a primeira condição para a segunda, como também o próprio sucesso de partidos populistas aprofunda a crise da social-democracia. Semelhante interacção corresponde na perfeição a um caso de “competição posicional”, em que a “mobilização populista (...) é a resposta a um tipo

---

<sup>60</sup> Chantal Mouffe, *Por um Populismo de Esquerda*, trad. Helena Ramos (Lisboa: Gradiva, 2019), 28.

<sup>61</sup> Íñigo Errejón and Chantal Mouffe, *Podemos: In the Name of the People* (London: Lawrence & Wishart, 2016), 65.

<sup>62</sup> *Ibid.*, 65.

<sup>63</sup> *Ibid.*, 66.

<sup>64</sup> Chantal Mouffe, *Por um Populismo de Esquerda*, trad. Helena Ramos (Lisboa: Gradiva, 2019), 28.

<sup>65</sup> *Ibid.*, 22.

particular de deficiência de representação”<sup>66</sup> por parte dos partidos do centro-esquerda, alimentando a “tese do vazio”, segundo a qual “a neoliberalização da social-democracia” cria um espaço vazio, posteriormente ocupado por partidos rivais à sua esquerda.<sup>67</sup>

Antes de mais, comecemos por apresentar a social-democracia como uma família política suficientemente plural para revelar bastante diversidade de país para país, mas cujas linhas fundamentais são, por um lado, a defesa de um “capitalismo domesticado, a aceitação (contra o Marxismo clássico) da necessidade e valor instrumental do mercado, mas a crença (contra o liberalismo económico) que este deve ser social e politicamente limitado”, e por outro lado, a ideia de solidariedade e justiça social.<sup>68</sup> Assim, para a materialização deste ideário, bastante bem-sucedida durante os cerca de trinta anos do período pós-guerra (1945-1973), contribuiu uma “combinação de política social, taxação redistributiva e regulação empresarial”<sup>69</sup> capaz de assegurar um consenso com os partidos conservadores em torno do Estado-Providência keynesiano e de um compromisso entre trabalho e capital, que o sociólogo económico Wolfgang Streeck apelida de capitalismo democrático.<sup>70</sup>

Contudo, desde a segunda metade da década de 1970 até a actualidade, destacamos uma série de transformações interrelacionadas de ordem socioeconómica, sociocultural e política com profundas consequências nestes partidos, que exploraremos de seguida.

Relativamente às questões socioeconómicas, o efeito da globalização sobre o mundo do trabalho nas sociedades ocidentais é indelével. A acelerada terciarização e financeirização das economias, juntamente com a sua automação, desindustrialização e deslocalização empresarial têm contribuído para a diversificação dos empregos, tal como para a sua

---

<sup>66</sup> Kenneth M. Roberts, “Left, right, and the populist structuring of political competition,” in *Routledge Handbook of Global Populism*, ed. Carlos De La Torre (New York: Routledge, 2019), 151.

<sup>67</sup> Luke March, *Radical left parties in Europe* (New York: Routledge, 2011), 6.

<sup>68</sup> Michael Keating and David McCrone, “The Crisis of Social Democracy,” Chapter 1, in *The Crisis of Social Democracy in Europe*, ed. Michael Keating (Edinburgh University Press, 2013), 4.

<sup>69</sup> Colin Crouch, “Class Politics and the Social Investment Welfare State,” Chapter 10, in *The Crisis of Social Democracy in Europe*, ed. Michael Keating (Edinburgh University Press, 2013), 156.

<sup>70</sup> Chantal Mouffe, op. cit., 35-36.

precarização e mesmo extinção, no caso do sector secundário. Em consequência, os partidos sociais-democratas, tradicionalmente ancorados na classe trabalhadora sindicalizada, não poderiam deixar de sofrer eleitoralmente devido à redução em número dos trabalhadores fabris e do poder representativo dos sindicatos. Relembremos que “o indicador mais lato da força dos sindicatos – em números e influência – que é a taxa de sindicalização (proporção da mão-de-obra empregada sindicalizada), viu quedas precipitadas em quase todo o lado”.<sup>71</sup> Ademais, as alianças entre “trabalhadores, intelectuais, classes médias profissionalizadas, sindicatos e movimentos sociais” que davam a estes partidos a dimensão de partidos de massas, foram-se deslaçando. Assim, temos hoje “partidos de massas, mas sem as massas”.<sup>72</sup>

Tendo isso em consideração, o sociólogo alemão Ulrich Beck qualifica a noção de classe como uma “categoria zombie”, demasiado ultrapassada para continuar a representar as divisões sociais numa sociedade capitalista globalizada.<sup>73</sup> Com efeito, além da clivagem tradicional entre classe trabalhadora e classe capitalista, temos vindo a assistir ao assomar progressivo de novas clivagens entre “vencedores e perdedores [da globalização], cosmopolitas ou soberanistas, socialmente seguros e inseguros, *establishment* e *anti-establishment*”,<sup>74</sup> desafiando a perspectiva clássica de análise à qual a esquerda tradicional se vinculou e que hoje tem dificuldades em actualizar.

Por último, a política económica keynesiana, que durante os anos do pós-guerra caracterizou os governos sociais-democratas, sempre se baseou no Estado-Nação como unidade fundamental de actuação, recorrendo à política fiscal e monetária com o objectivo do pleno-emprego. Todavia, actualmente, semelhante receita tem-se revelado obsoleta, na medida em

---

<sup>71</sup> Chris Pierson, “The end of revisionism?,” Chapter 11, in *Why the left loses: the decline of the centre-left in comparative perspective*, eds. Rob Manwaring and Paul Kennedy (Bristol: Policy Press, 2018), 3-4.

<sup>72</sup> René Cuperus, “Social democracy and the populist challenge,” Chapter 12, in *Why the left loses: the decline of the centre-left in comparative perspective*, eds. Rob Manwaring and Paul Kennedy (Bristol: Policy Press, 2018), 4-5.

<sup>73</sup> Marco Damiani, op. cit., 14.

<sup>74</sup> Ibid., 21.

que a globalização limitou seriamente a capacidade de intervenção do Estado-Nação, sem poderes para regular e taxar isoladamente grandes multinacionais ou influenciar os fluxos internacionais de capital. Também a política monetária foi, no seio da União Europeia, subtraída aos Estados-Membros e confiada ao Banco Central Europeu. Deste modo, a “social-democracia, tendo abandonado um pai (Marx) há várias décadas, vê-se privada de outro (Keynes). E hoje, no meio de uma nova crise, aguenta-se de pé, sem ideias, como uma remanescência do passado encarando o futuro”,<sup>75</sup> desprovida de qualquer política económica original e moderna.

Agora no que às transformações socioculturais diz respeito, há que destacar a maior heterogeneidade e atomização nas sociedades ocidentais contemporâneas, marcadas por comportamentos individualistas conducentes a uma progressiva “desfiliação”, nas palavras do sociólogo francês Robert Castel. Com este conceito, ele referia-se “aos efeitos de progressiva desagregação na sociedade contemporânea e ao risco de quebra de laços pré-existentes entre a população de uma dada comunidade política”,<sup>76</sup> ameaçando a coesão social e dificultando o papel agregador e representativo dos partidos políticos tradicionais, nomeadamente os partidos sociais-democratas, apegados a práticas e valores colectivos.<sup>77</sup>

Dentro da mesma lógica, Laclau e Mouffe sublinham o falhanço destes partidos na interpretação das novas causas pós-materialistas, patentes no Maio de 68, em França, atribuível à sua ligação histórica à “abordagem essencialista”, segundo a qual são as identidades de classe que motivam e unem politicamente os indivíduos. Ao invés, o casal defende que a esquerda tradicional deveria ter abraçado uma conceptualização anti-essencialista, representativa da pluralidade de identidades colocadas a nu pelos “novos movimentos sociais”: “a ascensão do novo feminismo, os movimentos de protesto de minorias étnicas, nacionais e sexuais, (...) as

---

<sup>75</sup> Donald Sassoon, “The Long Depression, the Great Crash and Socialism in Western Europe,” in *The Crisis of Social Democracy in Europe*, ed. Michael Keating (Edinburgh University Press, 2013), 27.

<sup>76</sup> Marco Damiani, op. cit., 16.

<sup>77</sup> Michael Keating and David McCrone, op. cit., 5.

lutas ecologistas (...) criam o potencial, mas não mais do que o potencial, para avanços em direcção a sociedades mais livres, democráticas e igualitárias”.<sup>78</sup>

Por consequência, desde a década de 1970 até hoje, têm surgido novos partidos com o objectivo de representar precisamente essa pluralidade de identidades e clivagens culturais, comumente rotulados de partidos identitários. Se a isso somarmos as novas clivagens socioeconómicas entre vencedores e perdedores da globalização, exploradas com mestria pelos partidos populistas, torna-se imperioso concluir que a social-democracia se encontra esmagada pelo populismo, de um lado, e pelo elitismo cultural, do outro. A este fenómeno, Becker e Cuperus deram o nome de “divisões da social-democracia” (“*splits of social democracy*”).<sup>79</sup>

Finalmente, quanto às transformações políticas, devemos sublinhar o profundo golpe que representou para a esquerda tradicional europeia a Queda do Muro de Berlim, em 1989, e o subsequente desmoronamento da União Soviética. Em resultado destes acontecimentos, “socialistas e sociais-democratas da Europa Ocidental foram acometidos de uma profunda crise sistemática” e “experimentaram uma completa mudança de paradigma, levando à perda de noção do seu papel natural e provocando uma dificuldade de reconhecimento e consenso entre o seu eleitorado”.<sup>80</sup> Teorizada principalmente por Anthony Giddens e executada por políticos como Tony Blair e o seu *New Labour* ou Bill Clinton, a *Terceira Via* foi essa mudança de paradigma, encarada por muitos como uma traição, uma “capitulação ao neoliberalismo”. Na verdade, confirmando tal ponto de vista, a própria Margaret Thatcher, perto do fim da sua vida, afirmou da seguinte forma que o seu maior sucesso tinha sido “Tony Blair e o *New Labour*. Forçámos os nossos adversários a mudar de ideias”. Novas ideias essas que retratavam a *Terceira Via* como “uma forma de política «para lá da esquerda e da direita»” e uma “concepção

---

<sup>78</sup> Ernesto Laclau and Chantal Mouffe, *Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics* (London: Verso, 1985): 1.

<sup>79</sup> René Cuperus, op. cit., 3.

<sup>80</sup> Marco Damiani, op. cit., 37.

mais avançada de «política progressista»<sup>81</sup>, baseada na desregulação dos mercados financeiros, flexibilização laboral e crescente redução do papel do Estado na economia, quer sob a forma de privatizações, quer através da introdução dos privados como prestadores de serviços públicos.

Deste modo, tendo em consideração a defesa do critério do pragmatismo, segundo o qual *what matters is what works* (o que importa é o que funciona), na elucidativa expressão de Tony Blair, Chantal Mouffe fala de uma “transformação total da social-democracia em social-liberalismo” que “proporcionou as condições para a consolidação da hegemonia neoliberal na Europa Ocidental”.<sup>82</sup> Neste processo de aproximação ou mesmo “consenso ao centro”, os partidos sociais-democratas ter-se-ão resignado a gerir uma realidade política sem alternativa à globalização neoliberal, ao invés de a procurarem transformar, como sempre haviam prometido fazer. O resultado foi, nas palavras de Yanis Varoufakis, um “pacto faustiano” (um pacto com o diabo), que trouxe resultados eleitorais muito satisfatórios no curto prazo, à custa de uma traição às origens com consequências futuras.<sup>83</sup> Substituindo a referência literária por terminologia política, Varoufakis estava a referir-se a uma grave crise de representação que condenou uma parte dos eleitores tradicionais dos partidos sociais-democratas a procurar noutro lado alguém que os defendesse. De facto, como argumentam Laclau e Mouffe, num cenário em que “a divisão esquerda/direita diminui, uma nova clivagem toma o seu lugar. A chamada clivagem populista, a divisão entre «o povo» e a «elite»”.<sup>84</sup> E este foi o alimento dos partidos populistas.

Em suma, ao longo das últimas décadas, os partidos sociais-democratas, baluartes da democracia liberal desde o fim da Segunda Guerra Mundial, viram-se envolvidos num processo complexo no qual foram simultaneamente espectadores passivos e actores enérgicos, vítimas impotentes e agentes catalisadores. Provavelmente longe ainda de um desfecho, o estado

---

<sup>81</sup> Chantal Mouffe, op. cit., 42.

<sup>82</sup> Ibid., 42.

<sup>83</sup> Chris Pierson, op. cit., 7.

<sup>84</sup> René Cuperus, op. cit., 2-3.

actual desta peça em vários actos vê-se marcado por populações economicamente desfavorecidas, indivíduos culturalmente isolados e eleitores sentindo-se politicamente traídos. Um público demasiado extenso para sem voz, luz e palco passar muito tempo.

## 2.2. O quê? Como? Para quê? – A essência do populismo de esquerda

Explicitados os factores que servem de base para a mobilização populista, importa agora compreender as características da mesma, na sua variante de esquerda. Continuaremos, por isso, atentos às contribuições de Mouffe e Laclau, “os cientistas políticos que mais atenção dedicaram na literatura sobre o populismo à hipótese de uma nova esquerda radical capaz de inovar as categorias políticas contemporâneas e torná-las mais funcionais para a renovação política”.<sup>85</sup>

Deste modo, principiaremos a caracterização do populismo de esquerda pela enunciação do seu propósito fundamental, a radicalização da democracia, que consiste na extensão dos “princípios ético-políticos do regime liberal-democrático”,<sup>86</sup> liberdade e igualdade, a todas as relações sociais e a todos os sujeitos políticos. Assim se retomaria o processo que Alexis de Tocqueville apelidou de “revolução democrática”,<sup>87</sup> iniciado no século XVIII e intensificado nos seguintes, mas interrompido pelo triunfo da hegemonia neoliberal e da pós-democracia.

Como tal, a estratégia populista de esquerda assenta na “construção de uma vontade colectiva, de um «povo» apto a produzir uma nova formação hegemónica, que restabeleça a articulação entre pluralismo liberal e democracia”. Ela implicará a rejeição e combate aos princípios socioeconómicos neoliberais, tal como aos agentes que os perpetuam. No entanto, o regime liberal-democrata não é posto em causa. Recorrendo à terminologia de Mouffe, uma coisa são os “princípios ético-políticos da *politeia* liberal-democrática” e outra “as suas diferentes formas de inscrição hegemónica”. Daqui decorre a classificação do populismo de

---

<sup>85</sup> Carlos de la Torre, ed., *The Routledge Handbook of Global Populism* (New York: Routledge, 2019), 297.

<sup>86</sup> Chantal Mouffe, op. cit., 49.

<sup>87</sup> Ibid., 52.

esquerda como “reformista radical”, tão distante do “reformismo puro” da *Terceira Via*, quanto da “política revolucionária” marxista, inimiga da democracia-liberal.<sup>88</sup>

Relativamente ao quadro valorativo do populismo de esquerda, identificamos a inclusão social como princípio orientador. No fundo, o objectivo da radicalização da democracia, que se pode exprimir através da ideia de democratização da liberdade e da igualdade, corresponde precisamente a um propósito de inclusão de todos os cidadãos na *politeia* liberal-democrática. Em complemento, surgem como ideais secundários o pacifismo, a participação democrática o mais alargada possível, a igualdade de género e a não-discriminação étnica ou sexual, a protecção e reconhecimento civil de migrantes e refugiados e o ecologismo.<sup>89</sup>

De facto, é relevante este enfoque na questão ambiental, visto por Mouffe como uma forma de conquistar eleitorado “actualmente na área hegemónica neoliberal”, mas sensível às críticas ao modelo económico produtivista e à necessidade de uma “transição energética”.<sup>90</sup>

De igual modo, faz parte da estratégia populista de esquerda a reclamação da bandeira do patriotismo, rejeitando que ela pertença exclusivamente a um ideário de direita e argumentando que “não há nada mais patriótico que livrar um país da injustiça” ou “defender os direitos e liberdades conquistadas pelos nossos antepassados”.<sup>91</sup> Semelhante visão insere-se na crença de que, apesar dos desafios impostos pela globalização, o Estado-Nação continua a ser a unidade preferencial de actuação para a transformação de uma sociedade e, portanto, num primeiro momento, o palco por excelência da luta hegemónica pela radicalização da democracia.

Quanto à própria ostentação do título de populistas de esquerda, recordemo-nos da formulação de Ernesto Laclau segundo a qual é populista a estratégia discursiva tendente à

---

<sup>88</sup> Ibid., 54-55.

<sup>89</sup> Carlos de la Torre, op. cit., 301.

<sup>90</sup> Chantal Mouffe, op. cit., 67.

<sup>91</sup> Íñigo Errejón and Chantal Mouffe, op. cit., 12.

criação de uma fronteira entre o povo e a elite no poder. Uma estratégia que, obviamente, está dependente da forma como se constrói esse povo. Por conseguinte, não basta a classificação de populista e a sua dicotomia povo/elite. É essencial a referência à “fronteira tradicional entre esquerda e direita”<sup>92</sup> e o consequente posicionamento destes partidos à esquerda, na medida em que a construção do povo se faz em torno dos valores da igualdade e da justiça social.

Assim se compreende o tom enfático da seguinte afirmação de Chantal Mouffe em conversa com Íñigo Errejón, um dos fundadores do partido espanhol *Podemos*:

“Sim, somos populistas porque somos democratas, e há necessariamente uma dimensão populista em qualquer democracia que almeje a construção de um *demos*, um povo. E também somos populistas de esquerda porque o nosso objectivo é radicalizar a democracia. (...) Estou convencida de que a disputa política europeia fundamental nos próximos anos será entre o populismo de direita e de esquerda. A chave é o modo como o povo é construído”.<sup>93</sup>

Vejamos como essa construção se faz à esquerda.

---

<sup>92</sup> Chantal Mouffe, *op. cit.*, 87.

<sup>93</sup> Íñigo Errejón and Chantal Mouffe, *op. cit.*, 127.

### 2.3. Quem? - A construção populista do *demos*

Significativamente diferente da oposição marxista clássica entre proletariado e capitalistas, que coloca a classe social como categoria agregadora e mobilizadora do antagonismo, o populismo de esquerda resgata da terminologia *gramsciana* o conceito de “bloco histórico”. Ele representará a unidade social de ação capaz de se constituir como povo em conflito com a “oligarquia”.

Explicando, o conceito de “bloco histórico” foi imaginado por Georges Sorel e apropriado pelo marxista italiano Antonio Gramsci, que o desenvolveu sob a forma de uma “aliança de forças sociais cujo objectivo comum é alcançar a hegemonia estrutural (económica) e super-estrutural (política, cultural, ideacional e moral) necessária ao governo de uma dada comunidade política”.<sup>94</sup> Não mais entendido em sentido revolucionário e como veículo representativo do proletariado, o “bloco histórico” do populismo de esquerda assume hoje dimensões muito mais alargadas, reflexo de uma sociedade pós-industrial mais complexa e atomizada.

Deste modo, a construção do *demos* populista sob a forma de “bloco histórico” faz-se recorrendo a uma “cadeia de equivalências” que une a maioria heterogénea de “subordinados”, contra a minoria de “opressores”, em torno de uma “grande variedade de exigências democráticas”,<sup>95</sup> articuladas no sentido de derrubar o paradigma neoliberal dominante.

Com efeito, Chantal Mouffe, fiel à dimensão esquerdista desta variante do populismo, chama a atenção para a “grande variedade de lutas anticapitalistas”,<sup>96</sup> motivadas pela “emergência de novos antagonismos”, tão mais visíveis quanto mais abrangente for a hegemonia neoliberal. É nesta lógica que se compreende a estratégia populista de esquerda de

---

<sup>94</sup> Carlos de la Torre, op. cit., 296.

<sup>95</sup> Chantal Mouffe, op. cit., 84.

<sup>96</sup> Ibid., 57.

procurar ir além dos tradicionais eleitores de esquerda, leia-se classe trabalhadora, para construir um povo “em torno de um projecto que responda às diferentes formas de subordinação”, novas e velhas, decorrentes das relações de “exploração”, “dominação” e “discriminação” que perpassam as sociedades contemporâneas.<sup>97</sup>

Em consequência, na óptica populista de esquerda devem fazer parte do seu povo, do seu “bloco histórico”, todos aqueles que se encontrem na condição de subordinados ou subalternos. A saber, empregados por conta de outrem, do sector público ou privado, trabalhadores independentes, precários e desempregados, pequenos empresários, pensionistas, mulheres mal-pagas, artistas, intelectuais e académicos, jovens, migrantes, refugiados e minorias sexuais.<sup>98</sup> No fundo, quem se sinta ameaçado ou fragilizado na sua qualidade de vida e perspectivas de futuro.

No entanto, torna-se imperioso tentar entender o que levaria uma mulher de meia-idade, ambientalista, lésbica e negra a considerar-se parte de um todo que incluía um jovem rapaz heterossexual, estudante universitário e asiático ou um homem branco desempregado de longa duração. O que impediria cada uma destas pessoas de se isolarem em plataformas reivindicativas (movimentos, partidos, sindicatos...) em defesa das suas identidades singulares? Ernesto Laclau responde com o seu conceito de “lógica de equivalência”, garante da articulação funcional entre “uma multiplicidade de exigências homogêneas tais que mantêm a diferenciação interna do grupo”.<sup>99</sup> E define-o como uma lógica em que

“todas as exigências, apesar do seu carácter diverso, tendem a agregar-se, formando o que se chama de cadeia de equivalências. Isto significa que cada exigência individual é

---

<sup>97</sup> Ibid., 66.

<sup>98</sup> Marco Damiani, op. cit., 35.

<sup>99</sup> Chantal Mouffe, op. cit., 68.

constitutivamente múltipla: por um lado, é o seu eu particular e, por outro, aponta, através de laços de equivalência, para a totalidade das outras exigências”.<sup>100</sup>

Logo, depende desta cadeia de equivalências o sucesso dos partidos populistas de esquerda, em detrimento de partidos puramente identitários.

Em resumo, acabámos de cobrir os dois primeiros elementos fundamentais da construção populista do povo, segundo Ernesto Laclau. Foram eles 1) a criação de uma lógica de equivalência entre exigências populares não satisfeitas pelos agentes do poder oligárquico e 2) a identificação de um “bloco histórico” de oprimidos reclamando a reconquista da soberania popular. Por fim, estamos em condições de avançar para 3) a formação de uma fronteira dividindo “a sociedade em dois campos: os poderosos e os oprimidos”.<sup>101</sup> Para tal, enumerados os membros da segunda categoria, resta-nos conhecer os pertencentes à primeira, à oligarquia. São eles os privilegiados, “a casta”, na terminologia do partido espanhol *Podemos*. No entanto, à pergunta formulada por Chantal Mouffe em diálogo com Íñigo Errejón, “Quem é a *casta*?”, ele assume que “o poder mobilizador do termo deriva exactamente da sua ausência de definição”. Ele quer-se vago de modo a aumentar o seu peso simbólico, mas é fácil para a esquerda populista incluir nesses “*top 1%*”, outro marcador simbólico bastante popular, a elite política e financeira responsável pelo “assalto às instituições” democráticas com o intuito de as moldar para o “benefício dos poucos e à custa dos muitos”.<sup>102</sup>

Assim sendo, podemos inserir esta construção dicotómica da sociedade num processo mais largo de “restabelecimento do carácter agonístico da democracia”,<sup>103</sup> rompendo com décadas de aprofundamento da pós-política e da pós-democracia.

---

<sup>100</sup> Francisco Panizza, ed., *Populism and the mirror of democracy* (London: Verso, 2005), 37.

<sup>101</sup> *Ibid.*, 37-38.

<sup>102</sup> Íñigo Errejón and Chantal Mouffe, *op. cit.*, 133.

<sup>103</sup> Chantal Mouffe, *op. cit.*, 88.

Em suma, tendo sempre em vista o objectivo final da radicalização da democracia, a estratégia populista de esquerda assenta na construção simbólica de um *demos* cativo de pretensas elites oligárquicas, com o propósito de repolitizar a sociedade, reacender o seu agonismo perdido e, assim, derrotar a formação hegemónica neoliberal.

#### 2.4. Quando? – O “momento populista”

Se nos lembrarmos do contexto favorável à mobilização populista, exposto anteriormente, e o somarmos às características únicas desta estratégia política, que acabámos de elencar, observamos que temos já identificadas as personagens e montado o cenário para o desenrolar da trama. Pede-se agora um estímulo externo, um grito por “acção!” e a compreensão dos protagonistas do seu significado.

Segundo Ernesto Laclau, esse estímulo, essa fagulha pronta a incendiar a pradaria, está expressa no seu conceito de “deslocação”, “entendido como o momento de falhanço que rompe com a realidade estabelecida e desencadeia um conflito antagonístico” (agonístico, para Mouffe) “entre articulações discursivas em competição para impor uma nova hegemonia”.<sup>104</sup> Então, que momento de “deslocação” *laclauniana* é esse, dínamo dos actuais projectos populistas?

Falamos, sem surpresa, da Grande Recessão, que teve o seu início em 2008, nos Estados Unidos da América, sob a forma de crise do mercado imobiliário *subprime*, mas que rapidamente se estendeu ao resto do mundo, após a falência inesperada do gigante financeiro *Lehman Brothers*. Na Europa, de modo a fazer face às perspectivas de recessão económica e aos riscos de uma crise bancária sistémica, os países optaram por uma injeção de liquidez na economia, através de despesa pública e, quando necessário, por resgates às instituições financeiras em dificuldades. No entanto, os défices excessivos, juntamente com estruturas económicas débeis para enfrentar choques externos, aumentaram consideravelmente os receios dos mercados financeiros em torno dos países da Europa do Sul (pejorativamente denominados de *PIGS* – Portugal, Itália, Grécia e Espanha – ou *PIIGS*, se incluirmos a Irlanda, também em dificuldades, mas de âmbito principalmente financeiro), pressionando os seus juros da dívida pública para

---

<sup>104</sup> Yannis Stavrakakis et al, “Populism, anti-populism and crisis,” *Contemporary Political Theory* 17, no. 1: 14.

níveis insustentáveis. Iniciava-se assim uma outra crise em cima da anterior, a crise das dívidas soberanas, ou crise da Zona Euro. Em consequência, a solução adoptada a nível europeu foi uma política de austeridade destinada a equilibrar estruturalmente as economias, reduzindo défices e dívidas, de modo a reconquistar a confiança dos mercados financeiros. Além disso, países como a Grécia (2010), Portugal (2011) e, em menor medida Espanha (2012), necessitaram de resgates externos, auxílios do Fundo Monetário Internacional, Comissão Europeia e Banco Central Europeu, a chamada *Troika*, no âmbito de exigentes programas de intervenção económico-financeira.

De facto, numa perspectiva global, Chantal Mouffe aponta para a Grande Recessão como o momento em que os defeitos da formação hegemónica neoliberal ficaram a nu e Colin Crouch defende que a resposta à crise correspondeu precisamente àquilo que se esperaria de regimes pós-democráticos, na medida em permitiu uma aceleração no processo de redução do “tamanho e do alcance do Estado Social” e se baseou em decisões tecnocráticas pouco democráticas e nada transparentes.<sup>105</sup>

Já numa óptica mais específica, centrando-nos nos países intervencionados do Sul da Europa, não se podem ignorar as consequências socioeconómicas da crise e dos respectivos programas austeritários de reequilíbrio estrutural. O desemprego, a elevação dos níveis de pobreza, a redução salarial e a crescente precarização laboral, somados à “fuga de cérebros” sob a forma de emigração qualificada, à diminuição do investimento interno e externo e à deterioração dos serviços públicos, apesar do aumento considerável da tributação fiscal, contribuíram para um contexto marcado pela crispação política e pelo recrudescimento da conflitualidade social.

---

<sup>105</sup> Colin Crouch, “The March Towards Post-Democracy, Ten Years On,” *The Political Quarterly* 87, no. 1 (January–March 2016): 72.

Deste modo, num caldo fervilhante de depressão económica e instabilidade política, os teóricos do populismo de esquerda voltam a resgatar Gramsci para dele aproveitarem a ideia de “crise de autoridade”, formulada a propósito do período entre guerras (1918-1939), mas aplicável ao cenário da Grande Recessão.

“Segundo Gramsci: «se a classe governante perdeu o seu consenso, i.e. não é mais “líderante” mas apenas “dominante”, exercendo só força coerciva, isto significa que as grandes massas se desligaram das suas ideologias tradicionais, e já não acreditam no que acreditavam anteriormente»”.<sup>106</sup>

Assim, será precisamente durante este *interregnum* gramsciano em que “o velho está a morrer e o novo ainda não pode nascer”<sup>107</sup> que a mobilização populista se dará, construindo a sua própria narrativa da crise e oferecendo respostas políticas alternativas a uma massa de cidadãos atingidos pela recessão económica e sentindo-se afastados das elites governativas, deslegitimadas na sua autoridade e capacidade representativa.

A este estado de coisas Chantal Mouffe atribuiu o epíteto de “momento populista”, uma situação em que “sob a pressão das transformações políticas ou económicas, a hegemonia dominante é desestabilizada pela multiplicação de exigências e da insatisfação”, deixando de “contar com o apoio popular”. Em resultado, dá-se a construção de um novo “bloco histórico”, de um “novo sujeito de acção colectiva – o povo - capaz de reconfigurar uma ordem social sentida como injusta”.<sup>108</sup>

Por conseguinte, na Europa do pós-crise financeira de 2008, assistimos tanto ao nascimento como ao reaparecimento fulgurante de partidos populistas, prontos a ajustar a cada realidade nacional concreta a teorização política que temos vindo a apresentar, mas sempre fiéis à fronteira que opõe o povo oprimido às elites oligárquicas. No entanto, devemos distinguir

---

<sup>106</sup> Marco Damiani, op. cit., 33-34.

<sup>107</sup> Yannis Stavrakakis, op. cit., 8.

<sup>108</sup> Chantal Mouffe, op. cit., 23.

entre representações díspares destas construções. À direita, partidos como o *Vox* (Espanha), o *Rassemblement National* (antigo *Front National* – França) ou a *Lega Nord* (Itália), cavalgando o mesmo “momento populista” que partidos de esquerda, como o *Podemos* (Espanha), *La France Insoumise* (França) ou o *SYRIZA* (Grécia), partem de uma conceptualização diametralmente oposta do povo, procurando a edificação de comunidades políticas incompatíveis com as imaginadas à esquerda. Por esta razão, é útil para o próprio estudo do populismo de esquerda aqui desenvolvido compreendermos as diferenças entre este último e o populismo de direita, muitíssimo mais presente no espaço público e académico. É o que faremos de seguida.

## 2.5. O que não?

### 2.5.1. Populismo de esquerda vs. Populismo de direita

Autores como Chantal Mouffe insistem na previsão de que no futuro próximo assistiremos a uma realidade política orientada pela oposição entre populismo de esquerda e populismo de direita. Sendo ambos adeptos da criação de fronteiras na abordagem social, seguiremos o mesmo princípio para traçar a linha que separa uma variante populista da outra.

Aqui, orientar-nos-emos pela distinção frequentemente aceite sugerida pelos investigadores Cas Mudde e Rovira Kaltwasser. Na sua óptica, o populismo de esquerda assume-se como “inclusivo”, enquanto o de direita é apodado de “exclusivo”.<sup>109</sup>

Por isto, ao nível socioeconómico, do lado do populismo de esquerda existe a intenção de incluir vários grupos de cidadãos, nomeadamente os mais desfavorecidos e marginalizados, no esforço de redistribuição do rendimento. Ao que o populismo de direita se opõe, explorando a contraposição retórica entre cidadãos contribuintes e cidadãos subsídio-dependentes, que devem ser excluídos do auxílio estatal.

Quanto à dimensão política, enquanto o primeiro luta por maior participação e representatividade, através, por exemplo, da extensão da cidadania a imigrantes em condições específicas, o segundo esforça-se por limitar os direitos políticos dos não-nacionais.

De igual modo, podemos destacar um terceiro factor de diferenciação, associado à construção simbólica do conflito como “nós vs. eles”. Por um lado, o populismo de esquerda edifica o seu amplo “nós”, o seu povo heterogéneo, através da inclusão de todos os discriminados ou oprimidos por relações de subordinação. Por outro lado, o populismo de direita baseia-se numa definição homogénea de povo, um “nós” “constituído por uma

---

<sup>109</sup> Marco Damiani, op. cit., 38.

população que partilhe as mesmas características culturais, linguísticas e religiosas”.<sup>110</sup> Adicionalmente, seguindo a mesma lógica, não é difícil de entrever uma concepção contrária do adversário, do “eles”. Segundo De Cleen e Stavrakakis, se para os populistas de esquerda a dicotomia se orienta segundo um eixo “vertical cima/baixo”, com as elites no topo e o povo na base, para o populismo de direita a oposição faz-se horizontalmente “dentro-fora”, entre nacionais e estrangeiros.<sup>111</sup> Já John Judis qualifica o populismo de esquerda como diádico, dada a oposição bidimensional povo/elite, e o populismo de direita como triádico, uma vez que além dessa divisão, cultiva-se a identificação de um terceiro elemento, um inimigo protegido pelas elites “às custas do povo autêntico e legítimo”.<sup>112</sup> É precisamente o facto de fazerem parte deste elemento externo “em geral os imigrantes vistos como ameaças à identidade e à prosperidade do país”<sup>113</sup> que justifica acusações de xenofobia direccionadas ao populismo de direita.

Por esta razão, os partidos populistas de esquerda reclamam-se agentes vivificadores da democracia contra o consenso ao centro tecnocrático e “modelo para uma «resistência anti-fascista» contemporânea”.<sup>114</sup>

Finalmente, importa sublinhar que enquanto à direita o foco é colocado em questões culturais e identitárias, com alusões frequentes a um passado puro que a globalização veio corromper, a esquerda centra-se sobretudo em matérias socioeconómicas, com a igualdade à cabeça. Nesse sentido, dada a fidelidade à luta anti-capitalista, a esquerda populista pode-se classificar primeiro como esquerda e só depois como populista. O mesmo já não é tão claramente verificável do outro lado do espectro político.<sup>115</sup>

---

<sup>110</sup> Ibid., 38.

<sup>111</sup> De Cleen, Benjamin et al, “The Potentials and Difficulties of Transnational Populism: The Case of the Democracy in Europe Movement 2025 (DiEM25),” *Political Studies* 68, no. 1 (2020): 150.

<sup>112</sup> Carlos de la Torre, op. cit., 102.

<sup>113</sup> Chantal Mouffe, op. cit., 34.

<sup>114</sup> Carlos de la Torre, op. cit., 422.

<sup>115</sup> Luke March, “Left and right populism compared: The British case,” *British Journal of Politics and International Relations* 19, no. 2 (2017): 287-288.

## 2.5.2. Populismo de esquerda vs. Esquerda tradicional

Tendo em consideração a natureza bidimensional do populismo de esquerda, torna-se imperioso, após a sua comparação com outros populismos, proceder agora à confrontação entre vários tipos de esquerda. Vejamos, então, em que são os partidos populistas de esquerda diferentes de outras formações políticas no mesmo quadrante político.

Numa perspectiva que coloque em foco a relação com o contexto político liberal-democrata e com o contexto socioeconómico neoliberal, Chantal Mouffe defende que se podem identificar três tipos de políticas de esquerda. Em primeiro lugar, teríamos o “reformismo puro”, confortável quer com a democracia liberal, quer com a hegemonia neoliberal, associado ao centro-esquerda. Em segundo lugar, encontramos a “política revolucionária” da extrema-esquerda, desejosa de uma ruptura absoluta com o regime democrático constitucional e empenhada no combate ao capitalismo em todas as suas formas. Finalmente, Mouffe apelida os partidos populistas de esquerda de “reformistas radicais”, na medida em que se proclamam defensores ardentes da democracia liberal, ao mesmo tempo que desejam uma transformação socialista da estrutura económica neoliberal, condição para a radicalização da democracia.<sup>116</sup>

No que diz respeito ao modo de encarar o conflito inerente a qualquer sociedade e à sua projecção política, as diferenças também são expressivas. Criticado por um alegado “consenso ao centro” iniciado pela *Terceira Via*, o centro-esquerda é acusado pelos partidos populistas de esquerda de ter apagado a fronteira entre esquerda e direita, o que impossibilita a operacionalização da clivagem *nós vs. eles*, essencial a qualquer democracia.<sup>117</sup> Assim, se o centro-esquerda representa a negação do conflito, a esquerda marxista e o populismo de

---

<sup>116</sup> Chantal Mouffe, op. cit., 55.

<sup>117</sup> Francisco Panizza, op. cit., 69.

esquerda, por sua vez, abraçam-no convictamente. No entanto, distanciam-se relativamente à construção do *nós*.

Portanto, tomando por base a categorização do britânico Luke March, podemos distinguir entre “esquerda de classe” e “esquerda de povo”.<sup>118</sup> Segundo a esquerda classista, é de acordo com a oposição entre classe proletária e classe burguesa, trabalho/capital, que se deve organizar o conflito *nós vs. eles*. Aqui, forma-se um *nós* homogéneo integrado somente pelas classes trabalhadoras. Pelo contrário, contra semelhante “essencialismo de classe”<sup>119</sup> incapaz de, nas palavras de Mouffe e Laclau em 1985, “«dividir a totalidade do corpo social em dois campos antagónicos»”,<sup>120</sup> o populismo de esquerda procura a construção de um povo heterogéneo que acolha todos os oprimidos pelas múltiplas relações de dominação que o neoliberalismo produz. Em vez de trabalho/capital, a oposição faz-se na forma povo/elite ou baixo/cima. Curiosamente, se a esquerda populista encara a perspectiva classista como incompleta, a esquerda marxista retrata a concepção populista como uma “luta de classes imatura dos ignorantes”, rudimentar e pouco refinada, uma vez que lhe falta um equivalente à sistematização marxista das relações económicas que regem a sociedade.<sup>121</sup>

Adicionalmente, é-nos possível encontrar mais um factor de diferenciação na estratégia de articulação interpartidária. Enquanto os sociais-democratas do centro-esquerda tradicional e a esquerda marxista estão confortáveis com a “lógica das duas esquerdas” (esquerda radical minoritária e perpetuamente afastada do governo e centro-esquerda maioritário, capaz de governar), os partidos populistas de esquerda procuram corporizar um único projecto progressista que una todo esse quadrante do espectro político.<sup>122</sup>

---

<sup>118</sup> Marco Damiani, op. cit., 35.

<sup>119</sup> Chantal Mouffe, op. cit., 16.

<sup>120</sup> Marco Damiani, op. cit., 36.

<sup>121</sup> Yannis Stavrakakis, “Postscript,” in *The Populist Radical Left in Europe*, eds. Giorgos Katsambekis and Alexandros Kioupiolis (New York: Routledge, 2019), 204.

<sup>122</sup> Ibid., 40.

Por outro lado, Mouffe afasta a esquerda populista da social-democracia no que concerne à sua economia política, observando uma fidelidade obsoleta dos partidos de centro-esquerda a soluções *keynesianas* de “promoção do consumo” funcionando como “motores de destruição do ambiente”, incompatíveis com o “ecossocialismo” advogado pelos populistas.<sup>123</sup>

Finalmente, Juan Carlos Monedero, um dos fundadores do partido espanhol *Podemos*, destaca a força mobilizadora do populismo de esquerda numa fase “destitutiva” (de desafio à ordem estabelecida), mas aponta as suas insuficiências relativamente à fase posterior, a “constitutiva” (da governação propriamente dita),<sup>124</sup> momento em que a esquerda social-democrata tradicional pode alegar uma inequívoca vantagem obtida através de décadas de governação. Consideramos esta diferença fundamental no estudo contemporâneo do populismo de esquerda e dedicaremos parte da investigação que se segue precisamente à fase “constitutiva” das democracias ocidentais.

Tal como no dilema clássico da ciência comportamental - *nature vs. nurture* - se procura entender a influência do meio envolvente, em conjunto com a predisposição genética, na capacidade de moldar a acção dos indivíduos, um dos objectivos da presente dissertação será avaliar as consequências da governação na política dos partidos populistas de esquerda, agora que conhecemos a sua natureza, o seu *ADN* teórico. Será que a necessidade de governar, directa ou indirectamente, leva a uma aproximação dos partidos populistas às propostas sociais-democratas, mais moderadas, naquilo que poderíamos apelidar de “efeito palácios”, a contenção natural dos impulsos aquando da entrada pelos portões ornamentados do poder, com a obediência a todos os ritos e fórmulas de convivência que o exercício deste exige? E por outro lado, será também justo que nos questionemos sobre uma eventual radicalização do centro-esquerda tradicional, contagiado pelo ímpeto populista, sinal dos tempos.

---

<sup>123</sup> Chantal Mouffe, op. cit., 59-60.

<sup>124</sup> José Pedro Zúquete, op. cit., 423.

### 3. O POPULISMO DE ESQUERDA AQUI E AGORA – OS CASOS DE GRÉCIA E ESPANHA

Parte da beleza fundamental das ciências sociais deriva da indeterminação inerente ao seu objecto de estudo – o ser humano nas suas várias dimensões, presentes, passadas e até futuras. Mas se a indeterminação apresenta uma face fascinante, associada ao perpétuo movimento transformativo dos fenómenos sociais, encerra uma realidade cruel, desconhecida por exemplo, das ciências exactas. É a realidade do sofrimento físico, do falhanço moral, da dor tangível que não deve deixar de ser utilizada como instrumento de análise e que, tragicamente, pode até ser um resultado actual de conclusões que outrora nos pareceram justas. Assim, com um olhar bem diferente do químico, do biólogo ou do físico ao entrarem no seu asséptico laboratório de tons frios, positivamente determinísticos, encaremos nós um outro laboratório, vibrante em cor e rumor, simultaneamente trágico e promissor, tão definitivo quanto contraditório. Entremos, também nós, no laboratório para a ciência política contemporânea que foram os anos da crise da Zona Euro em dois países: Grécia e Espanha.

### 3.1. Grécia

Nas palavras de René Cuperus, em *Why the left loses: the decline of the centre-left in comparative perspective* (2018), fazendo uso adaptado da famosíssima fórmula inicial com que Karl Marx inicia o *Manifesto Comunista* (1848), “um espectro paira sobre a social-democracia europeia: a «Pasokização»”<sup>125</sup> (ou *Pasokificação*), isto é, o declínio dos partidos tradicionais do centro-esquerda social-democrata em resultado da ascensão de alternativas de esquerda mais radical. Este termo, popularizado tanto no meio académico quanto entre os políticos profissionais, teve como exemplos práticos a queda abrupta do *Parti Socialiste*, em França, nas eleições presidenciais e legislativas de 2017 ou resultados pouco conseguidos do *Partido Socialista Obrero Español* e do *Partido Democratico* italiano em actos eleitorais recentes (ainda que suficientes para participação governativa directa). No entanto, o caso paradigmático de *pasokização*, responsável pelo próprio nome do conceito, correspondeu ao quase desaparecimento do partido pilar do centro-esquerda grego, o Movimento Socialista Pan-Helénico, também conhecido como *PASOK* (Πανελλήνιο Σοσιαλιστικό Κίνημα), nos anos de 2012 em diante, acompanhado pela ascensão fulgurante do *SYRIZA*, a Coligação da Esquerda Radical (Συνασπισμός Ριζοσπαστικής Αριστεράς). De forma a compreendermos o que motivou este novo cenário, faz sentido recuarmos um pouco à Grécia pré-Grande Recessão.

---

<sup>125</sup> René Cuperus, op. cit., 2.

### 3.1.1. PASOK e SYRIZA antes da Grande Recessão

Após a Segunda Guerra Mundial, a Grécia viveu anos de extrema instabilidade que contaram com uma guerra civil (1946-49) e uma ditadura militar (1967-74). Assim, apenas em 1974 se iniciou em pleno a transição para a democracia (*Metapolitefsi*, grego para “mudança de regime”), assente num sistema político estabilizado por dois pilares fundamentais: no centro-esquerda, o PASOK, fundado em 1974 pelo carismático Andreas Papandreou, e no centro-direita, o partido conservador-liberal *Nova Democracia* (*ND - Νέα Δημοκρατία*), que liderou o primeiro governo democraticamente eleito do novo regime.<sup>126</sup> À semelhança das restantes democracias europeias, as quatro décadas seguintes foram marcadas por um bipartidarismo clássico, com a governação a recair alternadamente num dos dois maiores partidos. No que diz respeito a resultados, se positivamente é assinalável a convergência económica e política da Grécia com o resto da Europa, tendo aderido às Comunidades Europeias em 1981, é importante destacar, por outro lado, a forma como ambas as forças políticas foram construindo uma rede tentacular de clientelismo que se estendia do Estado à sociedade civil, com o propósito de consolidar o seu poder político “à custa do bem-estar geral”, devido a uma “má alocação crónica dos fundos estatais” que contribuiu para uma acumulação insustentável de dívida pública.<sup>127</sup> Com efeito, em consequência deste “clientelismo burocrático”, o PASOK mereceu o epíteto de “partido do Estado”, designação explorada pelos seus adversários sobretudo após o início da crise da dívida soberana.<sup>128</sup>

Por sua vez, o espaço político à esquerda do PASOK, muito marcado pela fragmentação, apresentava como partido mais relevante o KKE, Partido Comunista Grego (Κομμουνιστικό Κόμμα Ελλάδας), ortodoxo no seu marxismo-leninismo, concorrendo com outras formações

---

<sup>126</sup> Paris Aslanidis, and Cristóbal Rovira Kaltwasser, “Dealing with populists in government: the SYRIZA-ANEL coalition in Greece,” *Democratization* 23, no. 6 (2016): 1078.

<sup>127</sup> *Ibid.*, 1078.

<sup>128</sup> Christos Lyrintzis, “The Socialists,” Chapter 18, in *The Oxford Handbook of Modern Greek Politics*, eds. Kevin Featherstone and Dimitri A. Sotiropoulos (Oxford: Oxford University Press, 2020), 4.

menos bem-sucedidas associadas ao eurocomunismo ou aos movimentos sociais e ecologistas. No entanto, da panóplia de pequenos partidos, associações, movimentos sociais e cidadãos independentes que povoavam o espaço entre o *PASOK* e o *KKE*, surgiu em 2004 a coligação *SYRIZA*, cujo membro principal era o partido *Synaspismos* (Coligação da Esquerda, Ecologia e Movimentos - Συνασπισμός της Αριστεράς, της Οικολογίας και των Κινήματων). Liderada inicialmente por Alekos Alavanos e, a partir de 2009, pelo jovem Alexis Tsipras, esta aliança plural que se propunha a construir “uma frente anti-neoliberal mais alargada contra o bipartidarismo”<sup>129</sup> obteve de 2004 a 2009 resultados eleitorais bastante modestos, oscilando entre os 3% e os 5%.<sup>130</sup>

Numa primeira fase, sensivelmente até 2010, ano do primeiro resgate financeiro à Grécia, podemos identificar a coligação *SYRIZA* como um partido de nicho,<sup>131</sup> ancorado numa estratégia de concentração em certas temáticas com as quais se pretendia associar e ver associado (“*issue ownership strategy*”<sup>132</sup>). Endereçando-se sobretudo a um eleitorado jovem e urbano e imiscuindo-se em vários movimentos sociais, com os quais procurava “aprender” e actuar “por dentro e lado a lado”, nas palavras de Alavanos, a coligação nunca foi capaz de “estabelecer uma dialéctica eficaz de representação entre o particular e o universal (entre a «juventude» e o «povo», entre os movimentos e o todo social)”.<sup>133</sup>

Todavia, a crise financeira que se iniciou nos Estados Unidos em 2008 e que, na Europa, se transformou numa heterogénea crise das dívidas soberanas teve na Grécia efeitos devastadores tanto para a sociedade como para o sistema político. O bipartidarismo, construído

---

<sup>129</sup> Giorgos Katsambekis, “The Populist Radical Left in Greece: Syriza in opposition and in power,” in *The Populist Radical Left in Europe*, eds. Giorgos Katsambekis and Alexandros Kioupiolis (New York: Routledge, 2019), 26.

<sup>130</sup> Yiannos Katsourides, “The Radical Left,” in *The Oxford Handbook of Modern Greek Politics*, eds. Kevin Featherstone and Dimitri A. Sotiropoulos (Oxford: Oxford University Press, 2020), 5.

<sup>131</sup> Marco Damiani, op. cit., 109.

<sup>132</sup> Myrto Tsakatika, “SYRIZA’s Electoral Rise in Greece: Protest, Trust and the Art of Political Manipulation,” *South European Society and Politics* 21, no. 4 (2016): 526.

<sup>133</sup> Giorgos Katsambekis, op. cit., 26-29.

à volta do *PASOK* e da *Nova Democracia*, implodiu por completo em resultado de um terramoto político que levaria o *SYRIZA* à condição de maior partido grego. Mas o impulso externo ao partido das várias crises (financeira, económica, social, política) não é suficiente para explicar a sua ascensão meteórica. Faltava uma metamorfose interna. Nesta dimensão, o *SYRIZA* revelou inequívoca mestria na leitura dos novos tempos e adoptou uma verdadeira estratégia populista de esquerda que, se analisada em detalhe, nos transporta para os escritos de Chantal Mouffe e Ernesto Laclau.

### 3.1.2. O *SYRIZA* a caminho do governo - O populismo de esquerda em acção

De acordo com o padrão das quatro décadas anteriores, o *PASOK* de George Papandreou venceu as eleições de 2009 com uma expressiva maioria absoluta (43,9% - 160/300 deputados), sucedendo à *Nova Democracia* no governo da Grécia. Todavia, tamanha vitória não protegeria suficientemente o seu executivo da tempestade que estaria prestes a enfrentar. Nesse mesmo ano, a revelação por parte do próprio governo de que documentos oficiais enviados à União Europeia relativos ao desempenho das contas públicas nacionais haviam sido manipulados pelo executivo anterior expuseram a real fragilidade das finanças gregas. Num contexto de crise económica mundial, a reacção dos mercados não se fez esperar, alarmados pelo risco da dívida soberana da Grécia. Em resultado, os juros dos *bonds* helénicos elevaram-se a tal ponto que tornaram inviável a contracção de novos empréstimos pelos meios tradicionais e inevitável um pedido por parte de Papandreou de um resgate financeiro que evitasse um trágico *default*. Assim, a 8 de Maio de 2010 foi assinado o primeiro Memorando de Entendimento entre o Estado grego e a *troika* de instituições credoras (Fundo Monetário Internacional, Banco Central Europeu e Comissão Europeia), delineando um vasto programa de austeridade e reformas estruturais que a Grécia deveria cumprir em troca de um empréstimo de 110 mil milhões de euros.

Entretanto, enquanto se debatia com as dificuldades de financiamento externo, a economia real ia sofrendo os efeitos de uma deterioração acelerada com consequências sociais gravíssimas. De facto, com taxas de crescimento negativas do PIB real sucessivas na ordem dos -4,3% em 2009, -5,5% em 2010, -10,1% em 2011, -7,1% em 2012 e -2,7% em 2013,<sup>134</sup> assistiu-se a uma subida dramática da taxa de desemprego (de 7,8% em 2008 para 27,5% em 2013), em especial do desemprego jovem (52% em 2012) e da percentagem de pessoas em risco de pobreza e exclusão social (mais de 30% em 2011).<sup>135</sup>

Perante o escalar daquilo que o *SYRIZA* viria a apelar de “crise humanitária”<sup>136</sup> e o “crescente empobrecimento, frustração e raiva” de “largas secções do eleitorado ao longo do espectro político” levando-as a “abandonar as suas preferências partidárias anteriores e a entrar num estado mais fluido”, podemos aplicar o conceito de “deslocação” *laclauiana*. Na verdade, foi precisamente essa a leitura da coligação *SYRIZA*, que vislumbrou o emergir de uma crise de autoridade do sistema político grego como o momento ideal para construir e representar uma “nova maioria social”, uma nova frente hegemónica.<sup>137</sup>

Deste modo, o *SYRIZA* abandonou a sua identidade de partido de nicho para abraçar uma nova estratégia de protesto, associando-se activamente ao “movimento das praças” (em especial a Praça *Syntagma*, em frente ao parlamento) que os *Aganaktismenoi* (“os Indignados”) foram ocupando durante os meses de Maio a Agosto de 2011, clamando pelo fim da austeridade, contra o bipartidarismo e a favor da democracia directa. Com efeito, vários membros da aliança de esquerda participaram pessoalmente nos protestos, enquanto o “próprio *SYRIZA* agiu como representante político e defensor do movimento dos Indignados no parlamento e junto da comunicação social”.<sup>138</sup> O propósito desta nova abordagem estratégica

---

<sup>134</sup> Eurostat

<sup>135</sup> Marco Damiani, op. cit., 99.

<sup>136</sup> Ibid., 103.

<sup>137</sup> Giorgos Katsambekis, op. cit., 30.

<sup>138</sup> Myrto Tsakatika, op. cit., 527.

era substituir os antigos apelos aos jovens e a indivíduos politicamente engajados pela construção de “um povo”, unido por uma cadeia de equivalências que aglutinasse todos aqueles que sofriam os efeitos da crise económica e da austeridade e se sentiam traídos pelos partidos tradicionais. Por esta razão, a identificação com os *Aganaktismenoi* e, numa fase seguinte, a sua representação foram modos de o SYRIZA criar uma conexão privilegiada com uma série de exigências plurais que emanavam de uma entidade que Tsipras via como “uma nova maioria social que começava a tomar forma”. Em resumo, para ele “«as praças são o espaço e o laço que articula várias heterogeneidades, vários movimentos que procuram uma nova forma de mobilizar e politizar, e constituem uma força significativa de disputa, resistência e subversão» (SYRIZA 2011)”.<sup>139</sup>

Assim sendo, identificado o momento da deslocação e constituído o “nós”, o “povo” heterogéneo segundo bases não classistas, é claro o guião populista de esquerda seguido pela coligação SYRIZA, transformada oficialmente num partido unificado em 2012. Logo, para uma plena interpretação da teoria de Laclau e Mouffe faltava o estabelecimento de uma linha de agonismo/antagonismo e do “eles”.

Este último passo tornar-se-ia bastante evidente após a demissão do governo do PASOK, no final de 2011, e da formação de um executivo técnico de unidade nacional liderado pelo ex-vice-presidente do BCE, Lucas Papademos, suportado no parlamento tanto pela *Nova Democracia* como pelo PASOK. Além de preparar o caminho para as eleições legislativas de 2012, Papademos contou também com o apoio dos dois maiores partidos (e de outros partidos menores) para a assinatura de um segundo Memorando de Entendimento com a *Troika*, em troca de 130 mil milhões de euros. Então, aproveitando este novo acordo que vinculava os dois pilares do bipartidarismo grego, o partido de Tsipras avançou com um discurso que ia além das clivagens tradicionais esquerda/direita e estabelecia uma nova divisão fundamental entre

---

<sup>139</sup> Giorgos Katsambekis, op. cit., 31.

partidos pró-Memorandos de Entendimento (à cabeça *PASOK e Nova Democracia*) e partidos anti-Memorandos de Entendimento, um campo onde o *SYRIZA* se reclamava como única alternativa “anti-austeridade, anti-neoliberal e anti-sistema”<sup>140</sup> viável e europeísta (ao contrário do *KKE*, que advogava o abandono da Zona Euro e da UE).

Nesse sentido, de forma a tornar credíveis as novas intenções do *SYRIZA*, mais uma actualização estratégica se revelou necessária. Havia que conjugar o protesto com uma dimensão propositiva que transmitisse ao eleitorado grego a ideia de competência e confiança num partido sem qualquer experiência governativa. Foi com esse propósito que Tsipras partiu para as eleições de 2012 agitando a bandeira de um “governo da esquerda” à esquerda do *PASOK* que contaria com economistas e outros técnicos respeitados no panorama grego e que, dois anos depois, em 2014, foi apresentado o emblemático “Programa de Salónica”, com um plano concreto de acção para o dia seguinte a uma vitória eleitoral do *SYRIZA*. “Na frente interna, iria introduzir medidas de emergência para enfrentar a crise humanitária, promover justiça fiscal, criar emprego e aprofundar a democracia. Na frente externa, iria exigir uma política de «quantitative easing» pelo BCE (...)” e, no fundo, “renegociar os termos dos acordos dos resgates com os credores, permanecendo numa Zona Euro reformada”.<sup>141</sup> Semelhante combinação de protesto e ambição governativa significou um distanciamento da abordagem clássica da esquerda radical sem pretensões maioritárias, a lógica das “duas esquerdas”, que a teoria populista de esquerda apoda de obsoleta e inútil.

Por fim, importa referir que construção antagónica do “eles” se fez de acordo com a oposição “baixo/cima”, “povo” contra a “elite”. Internamente, esta elite oligárquica era constituída “pelo triângulo do pecado, que tem o sistema político bipartidário corrupto no seu

---

<sup>140</sup> Ibid., 31.

<sup>141</sup> Myrto Tsakatika, op. cit., 530.

vértice superior, os banqueiros no outro” e os “*media* no terceiro”,<sup>142</sup> todos eles alegados lacaios das forças do capitalismo financeiro global, corporizadas pela *troika* de instituições internacionais que, por meio da imposição da austeridade anti-democrática, teria retirado a soberania das mãos do povo grego.

Consequentemente, podemos confirmar a natureza populista do *SYRIZA* também através da sua poderosa dimensão discursiva e propagandística, centrada nos três eixos da teoria *laclauiana*, o povo, a elite e o conflito entre ambos. A título de exemplo, destacamos os seguintes *slogans* de campanha encontrados em cartazes, discursos de Tsipras ou declarações eleitorais entre 2012 e 2015: “Somos Nós ou Eles”; “Juntos conseguimos derrubá-los”; “*SYRIZA* és tu” (com uma referência ao lado ao heterogéneo “tu” – “professor, estudante, médico, recentemente despedido, desempregado, pensionista, agricultor, etc”); “Eles decidiram sem nós: nós seguimos em frente sem eles”.<sup>143</sup> Palavras fortes e divisivas, cujo impacto rapidamente se fez sentir nas urnas.

### 3.1.3. O *SYRIZA* no governo – Um processo de radical moderação

Num breve resumo, a crise económica e as suas graves consequências sociais conducentes à radicalização de largas camadas do eleitorado (em especial das classes médias proletarizadas), somadas a uma eficaz estratégia de protesto e corporização de uma alternativa política por parte do *SYRIZA* e a uma excessiva convergência ao centro do *PASOK*,<sup>144</sup> irremediavelmente associado ao falhanço governativo das décadas passadas e às medidas de

---

<sup>142</sup> Takis S. Pappas and Paris Aslanidis, “Greek Populism: A Political Drama in Five Acts,” in *European Populism in the Shadow of the Great Recession*, eds. Hanspeter Kriesi and Takis S. Pappas (Colchester: ECPR Press, 2015), 194.

<sup>143</sup> *Ibid.*, 195.

<sup>144</sup> Yiannos Katsourides, *op. cit.*, 6.

austeridade do presente, em conjunto com a *Nova Democracia*, prepararam o terreno para a tempestade que as eleições de 2012, 2014 e 2015 representaram no sistema político grego.

Em 2012, duas eleições legislativas no espaço de dois meses (Maio e Junho) elevaram a votação do *SYRIZA* dos 4,6% de 2009 para 26,8% (resultado de Junho), um salto impressionante que lhe garantiu o estatuto de maior partido da oposição ao governo de grande coligação entre a *Nova Democracia*, o partido mais votado (29,6%), e o *PASOK*, que colapsou de forma histórica para os 12,2%. Já as eleições europeias de 2014 viram a primeira vitória nacional do *SYRIZA* (26,5%), antecipando o resultado das eleições parlamentares de Janeiro de 2015, em que o partido obteve 36,3% dos votos, suficientes para formar governo com um pequeno partido de direita populista anti-austeritária, *ANEL* (Gregos Independentes), naquilo que foi o primeiro executivo da democracia grega liderado por um partido da esquerda radical. Num extremo oposto dos resultados, o *PASOK* viu-se reduzido a uma banalização eleitoral preocupante (4,7%) que deu origem ao termo *pasokização*.

Deste modo, o recém-eleito primeiro-ministro Alexis Tsipras, secundado pela figura pouco ortodoxa do ministro das finanças Yanis Varoufakis, assumiu como objectivo principal do início do seu mandato a renegociação do Memorando de Entendimento com a *troika* de instituições credoras, na tentativa de cancelar parte da dívida pública (por eles considerada ilegítima e ilegal), suavizar as metas orçamentais até a economia estar a crescer a um ritmo sustentável e reverter algumas privatizações e reformas no mercado laboral.<sup>145</sup>

Com efeito, após meses de negociações infrutíferas com os parceiros europeus, de cofres públicos vazios e com limites de levantamentos bancários diários estabelecidos pelo governo grego, os credores ofereceram a Tsipras um novo acordo para um terceiro Memorando. Por seu turno, o primeiro-ministro, recusando ceder à pressão, convocou um referendo (Julho de 2015) sobre a aceitação ou recusa deste novo plano de austeridade. Apoiando o campo do

---

<sup>145</sup> Myrto Tsakatika, op. cit., 525.

“Não” ao acordo, o *SYRIZA* saiu novamente vencedor das urnas com 61% dos votos, que esperava conseguir utilizar no reforço da sua posição negocial em Bruxelas. Contudo, pouco tempo depois, perante a ameaça real de uma saída da Grécia da Zona Euro com efeitos devastadores para a sua economia, Tsipras viu-se sem outra alternativa que não aceitar um terceiro Memorando de Entendimento, mais exigente que os anteriores.<sup>146</sup>

Defendido no seio do partido como um “recoo estratégico”,<sup>147</sup> este novo programa não evitou várias defecções de membros do *SYRIZA* (inclusive de Varoufakis) e grande contestação nacional, levando à demissão voluntária do governo, em busca de nova legitimidade eleitoral. Apesar de uma ligeira perda de votos, o partido de Tsipras voltou a vencer as eleições de Setembro de 2015 com 35,5% dos votos, que lhe permitiram formar novo governo com o partido *ANEL*.

Logicamente, a estratégia com que partiu para essas eleições teve que ser diferente das do passado recente, uma vez que a clivagem anti/pró-Memorandos não servia mais ao partido, agora que havia assinado um novo acordo com a *Troika*. Por isso, o *SYRIZA* fez campanha segundo a “dimensão «velho» - «novo»”,<sup>148</sup> alegando uma vantagem moral face aos partidos tradicionais, que responsabilizava pela crise, corrupção e clientelismo que grassavam no país. “O *slogan* principal da campanha tinha escrito: «Estamo-nos a livrar do velho. Estamos a ganhar o amanhã»”.<sup>149</sup>

Por sua vez, também a postura no governo acabou por mudar. Ao invés da constante antagonização dos adversários internos e externos, optou-se por uma normalização de relações com a oposição da *Nova Democracia*.<sup>150</sup> Já a nível da UE, Tsipras foi encetando uma aproximação ao Partido Socialista Europeu, participando em várias das suas cimeiras na esperança de granjear

---

<sup>146</sup> Yiannos Katsourides, op. cit., 9.

<sup>147</sup> Ibid., 9.

<sup>148</sup> Myrto Tsakatika, op. cit., 536.

<sup>149</sup> Giorgos Katsambekis, op. cit., 38.

<sup>150</sup> Paris Aslanidis, and Cristóbal Rovira Kaltwasser, op. cit., 1082.

apoios para uma grande aliança progressista capaz de reformar a União.<sup>151</sup> Um caminho de moderação e consenso algo criticado por aliados da família política europeia a que pertence o SYRIZA (Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Nórdica Verde), como foi o caso de Jean-Luc Mélenchon (*La France Insoumise*), que chegou a pedir a expulsão do partido grego.<sup>152</sup>

Relativamente à governação propriamente dita, o executivo de Tsipras viu-se forçado a levar a cabo um conjunto de medidas austeritárias, privatizações e reformas estruturais contrárias ao seu credo ideológico, num exercício de pragmatismo pontuado por intenções de proteger as camadas mais pobres da população (“austeridade socialmente sensível”).<sup>153</sup> Por conseguinte, privado da agenda socioeconómica tradicional de um partido de esquerda, o SYRIZA dedicou-se a outras causas políticas e socioculturais, como a “guerra à corrupção”, uma reforma constitucional, a extensão dos direitos sociais de certas minorias (por exemplo, a concessão de cidadania a imigrantes de segunda geração e a legalização de uniões civis entre casais do mesmo sexo) e um importante acordo com a República da Macedónia do Norte acerca do reconhecimento do nome oficial do país.<sup>154</sup>

Em suma, existe um amplo consenso científico acerca da transformação e moderação do SYRIZA enquanto partido populista de esquerda desde a sua ascensão ao poder. Apesar de manter o carácter “inclusivo”, na terminologia de Mudde e Kaltwasser, o populismo moderado deste partido foi perdendo a dimensão socioeconómica de esquerda e adoptando um tom mais moralizador sobretudo em torno do tema da corrupção. Por isto, podemos afirmar, como o investigador Yiannos Katsourides, que o “SYRIZA representa um exemplo claro de como as dinâmicas centrípetas e de moderação associadas à participação governativa afectam negativamente a identidade de um partido radical”,<sup>155</sup> hoje muito mais próximo da social-

---

<sup>151</sup> Yiannos Katsourides, op. cit., 9.

<sup>152</sup> Giorgos Katsambekis, op. cit., 41.

<sup>153</sup> Yiannos Katsourides, op. cit., 10.

<sup>154</sup> Giorgos Katsambekis, op. cit., 38.

<sup>155</sup> Yiannos Katsourides, op. cit., 12.

democracia. Assim, malgrado o término com sucesso do programa de resgate a 20 de Agosto de 2018, pouco menos de um ano depois o SYRIZA (31,5%) acabaria por perder as eleições legislativas para a *Nova Democracia* (39,8%) de Kyriákos Mitsotákis, o actual primeiro-ministro da Grécia, com um resultado demonstrativo da consolidação de um novo bipartidarismo.

### 3.2. Espanha

Apesar de o SYRIZA se apresentar claramente como o partido populista de esquerda mais bem-sucedido da Europa, é comum a identificação do espanhol *Podemos* como o exemplo típico<sup>156</sup> de aplicação prática das teorias de populismo imaginadas por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe.

#### 3.2.1. Contexto – antes da mobilização populista, a mobilização popular

A transição democrática espanhola, iniciada em 1975 após a morte de Francisco Franco, culminou com a aprovação em referendo da Constituição Espanhola de 1978 e produziu uma democracia liberal assente num bipartidarismo dominado pelo *Partido Socialista Obrero Español (PSOE)*, de centro-esquerda, e pelo *Partido Popular (PP)*, de centro-direita.

Contudo, depois de mais de trinta anos de alternância governativa entre os dois partidos, o sistema político espanhol viu-se transformado pela ascensão de novas forças políticas capazes de desafiar o domínio das antigas. Um desses jovens partidos foi o *Podemos*, nascido em 2014, mas cuja criação é indissociável de algo que surgiu três anos antes: o movimento “15-M”.

Em 2011, na sequência de dois anos seguidos de uma recessão económica que elevou a taxa de desemprego acima dos 20% e obrigou à tomada de exigentes medidas de austeridade por parte do executivo socialista de José Luis Zapatero, o dia 15 de Maio ficou marcado pelo início de uma onda avassaladora de protestos em várias praças por todo o país. Tendo como berço a praça madrilenha *Puerta del Sol*, o movimento “15-M” nasce após a adesão de milhões de pessoas que se auto-intitulam “Indignados” à revolta contra o “empobrecimento material e

---

<sup>156</sup> Marco Damiani, op. cit., 81.

o esvaziamento da democracia”.<sup>157</sup> Nos acampamentos, em assembleias cidadãs ou em manifestações frente às câmaras, entoavam-se gritos de “democracia já!” ou “que se vão todos!”, dirigidos às elites políticas do bipartidarismo espanhol, às elites financeiras nacionais e internacionais e às instituições europeias.<sup>158</sup>

Apesar da maioria absoluta que levou o *PP* de Mariano Rajoy, teoricamente avesso às reivindicações dos “Indignados”, ao Palácio da Moncloa e da continuação de políticas orçamentais restritivas, acentuadas após o resgate europeu (Comissão Europeia e BCE, com vigilância do FMI) à banca espanhola no valor de 100 mil milhões de euros, o movimento “15-M” teve um profundo impacto social e político no país. Nas palavras de um dos fundadores do *Podemos*, Juan Carlos Monedero, “o Movimento 15-M repolitizou a Espanha, mas fê-lo de forma original. Repolitizou o conflito, não contra imigrantes, contra a política, ou contra os sindicatos, mas sim contra os políticos do bipartidarismo e contra os banqueiros”.<sup>159</sup> De acordo com Íñigo Errejón, outro dos fundadores do partido, os “Indignados” vieram provar que “uma maioria diferente era possível, uma maioria transversal”.<sup>160</sup> Assim, depois de anos a ocupar as ruas de Espanha, havia que aproveitar a “janela de oportunidade” aberta pelos “15-M” para “ocupar a representação” política.<sup>161</sup>

---

<sup>157</sup> Alexandros Kioupkiolis, “Late modern adventures of leftist populism in Spain: The case of Podemos, 2014–2018,” in *The Populist Radical Left in Europe*, eds. Giorgos Katsambekis and Alexandros Kioupkiolis (New York: Routledge, 2019), 49.

<sup>158</sup> Marco Damiani, op. cit., 82.

<sup>159</sup> Marco Damiani, op. cit., 84.

<sup>160</sup> Íñigo Errejón and Chantal Mouffe, op. cit., 75.

<sup>161</sup> Alexandros Kioupkiolis, op. cit., 62, 49.

### 3.2.2. O *Podemos* e as suas metamorfoses

Oficializado como partido a 16 de Janeiro de 2014, o *Podemos* surge como conclusão lógica de anos de reflexão e debate por parte de um grupo de intelectuais que, dias antes, havia publicado um manifesto com o título sugestivo “*Mover ficha: convertir la indignación en cambio político*”.<sup>162</sup> Criado em torno de três professores da *Universidad Complutense* de Madrid, Juan Carlos Monedero, Íñigo Errejón e Pablo Iglesias, esta nova força política congregava militantes do movimento “15-M”, o partido *Izquierda Anticapitalista* e várias figuras sem experiência partidária oriundas de áreas como a cultura, o associativismo ou as universidades. Deste modo, inspirados pela experiência sul-americana dos governos populistas da “Onda Rosa”, especialmente pelos casos da Bolívia, Argentina e Venezuela, os líderes do partido procuravam adaptar à Europa em crise as lutas que nesses países se haviam encetado contra a globalização neoliberal e a favor da recuperação da democracia, alegadamente capturada pelas elites oligárquicas, com o intuito de fortalecer o Estado-Social e alargar direitos sociais e económicos a uma maioria de cidadãos afectados pela recessão e pelas políticas de austeridade.

Posto isto, é possível identificar três fases distintas nos anos que se seguiram à criação do *Podemos*: primeiro uma fase como “partido-movimento”, uma segunda marcada pela estratégia da “máquina de guerra eleitoral” e uma terceira de “guerra de posição”.<sup>163</sup>

Primeiramente, na forma de “partido-movimento”, o *Podemos* cultivou uma grande proximidade com os movimentos sociais de protesto ligados aos “Indignados”, quer por meio da integração de vários activistas nas suas fileiras, quer através de novos modos de fazer política, mais próximos da lógica dos movimentos do que dos partidos institucionalizados. Uma das novidades trazidas pelo partido liderado por Pablo Iglesias foi uma “política dos comuns”, “um

---

<sup>162</sup> Marco Damiani, op. cit., 85.

<sup>163</sup> Óscar García Agustín and Marco Briziarelli, “Introduction: Wind of Change: Podemos, Its Dreams and Its Politics,” in *Podemos and the New Political Cycle: Left-wing Populism and Anti-establishment Politics*, eds. Óscar García Agustín and Marco Briziarelli (Cham: Palgrave Macmillan, 2018), 11.

processo em que a representação governativa se torna um assunto de leigos”.<sup>164</sup> Além de nenhum dos seus dirigentes ter tido experiência política significativa, o *Podemos* baseou o seu primeiro programa político nos contributos da participação colectiva livre e aberta a cidadãos organizados em “círculos” e escolheu o sistema de primárias abertas para a selecção de candidatos às eleições europeias de 2014. Por esta via, prosseguiu uma estratégia de “transversalidade”, dado que se dirigia a uma massa de eleitores com preferências ideológicas e condições socioeconómicas diferentes, mas que partilhavam a desilusão com o sistema político vigente e o desejo de maior participação democrática.<sup>165</sup> A clivagem esquerda-direita perdia assim a preponderância para a oposição entre “*el pueblo*”, “*la gente*”, “*la ciudadanía*”, “*la mayoría social*”, “*la patria*” e “*la casta*”, a oligarquia política (*PP* e *PSOE* apresentados como um só, o “*PPSOE*”<sup>166</sup>) e financeira que, executando uma “*trama*”, conspiraria para esvaziar a soberania popular através de políticas neoliberais em benefício próprio.<sup>167</sup>

Em segundo lugar, há que destacar o “tecnopopulismo” de um partido que colocou em prática uma “máquina de comunicação” destinada a tomar de assalto o espaço mediático e articular de forma convencional (programas de televisão) ou mais moderna (utilização de plataformas digitais próprias para votações e debates e de redes sociais – *Facebook*, *Twitter*, *Reddit*) uma “cadeia de equivalências” para a construção do seu “povo”.<sup>168</sup> Nesta missão, foi essencial o recurso à figura carismática de Pablo Iglesias como símbolo agregador.

Em consequência desta estratégia, nas eleições europeias de 2014, quatro meses após a sua fundação, o *Podemos* obteve um surpreendente resultado de 7,98%, que lhe conferiu o quarto lugar e cinco deputados europeus, posteriormente inseridos no grupo parlamentar da Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Nórdica Verde.

---

<sup>164</sup> Alexandros Kioupiolis, op. cit., 54.

<sup>165</sup> Ibid., 55.

<sup>166</sup> Marco Damiani, op. cit., 88.

<sup>167</sup> Alexandros Kioupiolis, op. cit., 50.

<sup>168</sup> Ibid., 56.

Na sequência deste primeiro sucesso, os dirigentes do partido, crenes na ideia da “hipótese *Podemos*”,<sup>169</sup> isto é, a possibilidade da ascensão meteórica do partido ao governo em pouco tempo, como num *blitz* militar, optaram por uma organização mais centralizada em torno da cúpula do partido, com Pablo Iglesias à cabeça. Este acréscimo de verticalidade, em detrimento do horizontalismo da fundação, ficou evidente na *Asemblea Ciudadana “Sí, se puede”* (o primeiro congresso do partido, de Setembro a Novembro de 2014), onde se aprovou a troca das primárias abertas e dos programas políticos feitos colectivamente por um clássico sistema de listas eleitorais e de programas desenhados pela direcção e depois sufragados. Votada favoravelmente por quase 90% dos participantes, a proposta de Iglesias e do seu núcleo mais próximo gerou uma formação política bastante híbrida “com uma estrutura interna indefinida”, misturando centralmente “uma liderança monocrática forte e activistas web e tradicionais lado a lado, organizados de forma mais territorial e conectados às actividades políticas locais”.<sup>170</sup>

De facto, num primeiro momento a nova estratégia do partido como “máquina de guerra eleitoral” garantiu-lhe resultados extraordinários, considerando a sua juventude. Em Maio de 2015, nas eleições locais e regionais, optaram por participar em coligações heterogéneas de partidos de esquerda e movimentos independentes, ao invés de apresentarem candidaturas próprias.<sup>171</sup> Desta forma, puderam cantar vitória em grandes cidades como Madrid, Barcelona, Saragoça, Corunha ou Cádiz. Contudo, a grande surpresa surgiu poucos meses depois, nas eleições legislativas de Dezembro de 2015, apelidadas pelo *Podemos* de “segunda transição” democrática, na medida em que se confirmou a crise do bipartidarismo e produziu um parlamento fragmentado com várias forças políticas relevantes para a viabilidade

---

<sup>169</sup> Óscar García Agustín and Marco Briziarelli, op. cit., 11.

<sup>170</sup> Marco Damiani, op. cit., 90.

<sup>171</sup> Alexandros Kioupiolis, op. cit., 61.

governativa. Uma dessas forças era o *Podemos*, que conquistou o terceiro posto (20,7%), muito próximo do *PSOE* (22%), segundo atrás do *PP* (28,7%).<sup>172</sup>

Todavia, as dificuldades na formação de um governo estável precipitaram novas eleições em Junho de 2016, naquilo que representou um indicador para a terceira fase do *Podemos*. Desta feita, a opção da direcção do partido passou por uma coligação com o histórico partido de esquerda radical *Izquierda Unida*, parceria recusada nas eleições anteriores com a intenção de manter uma imagem de pureza face aos partidos tradicionais e de transversalidade ideológica. Assim, a aliança denominada *Unidos Podemos* alcançou um resultado considerado positivo (21,1%), apesar da perda total de votos e do falhanço na tão almejada ultrapassagem aos socialistas do *PSOE* (22,7%).<sup>173</sup>

Na verdade, “Pablo Iglesias anunciou após as eleições gerais de 26 de Junho de 2016 que a chamada «hipótese *Podemos*» tinha passado”. Havia agora que trocar a estratégia da “máquina de guerra eleitoral” pela “«guerra de posição» ou «guerra de trincheiras» (Gramsci 1971) cujo objectivo era a criação de um «bloco histórico»”. Com a confirmação do fim do bipartidarismo e do *Podemos* como terceira força política iniciava-se um novo ciclo assente numa lógica de institucionalização (menos protesto activista, mais iniciativa parlamentar), reforço da centralização e dos poderes do líder e assunção da identidade de esquerda em detrimento da populista.<sup>174</sup> No entanto, sublinhamos que este novo ciclo abriu uma brecha irreparável na unidade do partido com o confronto no segundo congresso (Fevereiro de 2017) entre o estratega Íñigo Errejón e o líder Pablo Iglesias. Enquanto o primeiro criticava a colaboração com a esquerda tradicional em defesa de uma transversalidade populista (“populismo de classe-média”) que ultrapassasse a dicotomia esquerda/direita, com “um pé firmemente na rua e outro nas instituições”, Iglesias optava por um estilo plebiscitário e

---

<sup>172</sup> Marco Damiani, op. cit., 90.

<sup>173</sup> Ibid., 91.

<sup>174</sup> Óscar García Agustín and Marco Briziarelli, op. cit., 11.

burocrático de relação entre líder e militantes, acoplado à moderação do confronto entre povo e elites e à recuperação da agenda clássica da esquerda social-democrata.<sup>175</sup> Com efeito, foi a visão de Pablo Iglesias que triunfou, empurrando Íñigo e o seu ideário populista para segundo plano (Errejón viria a abandonar o *Podemos* em 2019 para fundar o *Más País*).

Adicionalmente, também a posição dúbia do partido em relação à questão catalã acrescentaria problemas a este novo ciclo, com a defesa de um referendo sobre a independência da Catalunha (antagonizando defensores da unidade de Espanha), perante o qual se deveria votar contra (antagonizando os independentistas).

Em resumo, tornam-se evidentes as diferenças entre o *Podemos* de 2014 e o *Podemos* de 2017, muito mais centralizado, hierárquico e institucional, próximo dos partidos convencionais em geral e dos sociais-democratas em específico e distante do populismo progressista radical dos primeiros dias. Um desvio do projecto original demasiado acentuado para não trazer consigo consequências eleitorais.

Por conseguinte, o ano de 2019 representou um momento de evidente recuo na escalada que o partido havia iniciado em 2014-2015. Depois de resultados decepcionantes nas eleições europeias (10,17% - quarto lugar) e locais/regionais (derrotas em várias cidades, como Madrid), a nova coligação liderada por Iglesias, agora intitulada *Unidas Podemos*, obteve 14,3% dos votos (quarto lugar) nas eleições legislativas de Abril e 12,9% (quarto lugar) nas novas eleições de Novembro. No entanto, fruto de um quadro parlamentar extremamente fragmentado que obrigava o vencedor *PSOE* (28%) a negociar, o partido de Pablo Iglesias aceitou integrar o executivo liderado por Pedro Sánchez, naquilo que constitui a sua primeira experiência governativa e, porventura, o início de uma quarta fase para o *Podemos*.

---

<sup>175</sup> Alexandros Kioupiolis, op. cit., 63-64.

## 4. OPÇÕES METODOLÓGICAS

### 4.1. Questão de partida e hipóteses de investigação

Firmemente ancorados nas bases teóricas atrás desenvolvidas e ao corrente do contexto relevante nos dois países em análise, encontramos-nos em plenas condições de avançar para a fase seguinte. Nela, procuraremos responder à questão de partida da presente dissertação, isto é, **“Qual foi o impacto da ascensão do populismo de esquerda nos partidos sociais-democratas tradicionais e nas dinâmicas de competição política entre forças de centro-esquerda e esquerda populista, considerando os casos da Grécia e de Espanha no pós-crise financeira de 2008?”**. Para tal, será essencial laborar sobre as seguintes hipóteses de investigação:

- **H1**: Esperamos que a ascensão eleitoral dos partidos populistas de esquerda se faça à custa, em grande parte, da perda de votos dos partidos sociais-democratas tradicionais.

- **H2**: Esperamos que, depois do seu impacto inicial e perante a forte probabilidade de virem a desempenhar ou desempenharem de facto funções governativas, os partidos populistas de esquerda moderem a sua dimensão populista.

- **H3**: Esperamos que, em face do sucesso eleitoral repentino dos partidos populistas de esquerda, se assista à incorporação de elementos populistas na estratégia e no discurso dos partidos de centro-esquerda estabelecidos.

- **H4**: Esperamos que, no processo de moderação com vista à ascensão ao governo ou resultante do exercício do poder, os partidos populistas de esquerda reduzam também a sua dimensão ideológica esquerdista.

- **H5**: Esperamos que, no sentido de ocupar parte do terreno eleitoral reclamado pelos partidos populistas de esquerda, os partidos sociais-democratas reforcem a sua dimensão ideológica de esquerda.

Desta forma, ser-nos-á possível avaliar as consequências, não só eleitorais, mas também a nível programático e discursivo, que a ascensão do *SYRIZA* e do *Podemos* teve nos seus congéneres de centro-esquerda, o *PASOK* e o *PSOE*, respectivamente, tal como na produção de um novo quadro partidário.

Adicionalmente, importa sublinhar uma vez mais que a escolha de Espanha e da Grécia como países analisados se justificou pelo facto de *Podemos* e *SYRIZA* corresponderem aos casos de maior sucesso de partidos populistas de esquerda no âmbito da Europa Ocidental contemporânea, operacionalizando de forma típica elementos cruciais da teoria populista de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe.

#### 4.2. Metodologia de investigação

De seguida, cumpre-nos explicar a forma como procederemos à investigação relativa a cada uma das cinco hipóteses apresentadas.

- **H1:** De modo a avaliar a repercussão eleitoral do crescimento de partidos populistas de esquerda nos seus congéneres sociais-democratas, analisaremos os resultados das eleições parlamentares e europeias em Espanha e na Grécia, entre 2009 e 2019. Em função dos mesmos, calcularemos o coeficiente de correlação linear ( $\rho$ : coeficiente de correlação de Pearson) entre os resultados obtidos por *SYRIZA* (variável  $x$ ) e *PASOK* (variável  $y$ ), no caso grego, e por *Podemos* (variável  $x$ ) e *PSOE* (variável  $y$ ), no caso espanhol. À partida, esperamos uma correlação negativa forte entre as duas variáveis, isto é, que a ganhos eleitorais por parte de *SYRIZA* e *Podemos* correspondam perdas eleitorais no seio do *PASOK* e do *PSOE*, e vice-versa.

- **H2:** Como já mencionámos, são vários os autores que registam a moderação do populismo do *SYRIZA*, uma vez no governo,<sup>176</sup> e do *Podemos*, numa fase da sua existência política em que se tornou provável o exercício de funções governativas.<sup>177</sup> Logo, será com base nestas observações que analisaremos manifestos eleitorais dos dois partidos e discursos dos seus líderes entre 2011 e 2019 (começando apenas em 2014 no caso do *Podemos*), com o propósito de obtermos prova empírica da moderação do seu populismo.

No entanto, Kirk Hawkins afirma que “o rótulo de *populista* é frequentemente aplicado sem qualquer justificação empírica sistemática”,<sup>178</sup> o que demonstra a dificuldade em se obter uma medida válida de populismo que seja equivalente, por exemplo, à forma como se classifica

---

<sup>176</sup> Yiannos Katsourides, op. cit., 12; Paris Aslanidis, and Cristóbal Rovira Kaltwasser, op. cit., 1087; Giorgos Katsambekis, op. cit., 41.

<sup>177</sup> Alexandros Kioupiolis, op. cit., 62.

<sup>178</sup> Kirk A. Hawkins, “Is Chávez Populist? Measuring Populist Discourse in Comparative Perspective,” *Comparative Political Studies* 42, no. 8 (August 2009): 1048.

um partido num espectro esquerda-direita. Deste modo, inspirados nas investigações de Teun Pauwels (2011),<sup>179</sup> a título individual, e associado a Matthijs Rooduijn (2011),<sup>180</sup> optámos por uma análise quantitativa do conteúdo de manifestos e discursos eleitorais (preferidos, sempre que possível, pela sua natureza mais emocional). De acordo com este método, os “textos deixam de ser tratados como discurso para interpretar, mas sim como dados sob a forma de palavras”<sup>181</sup> que serão contadas de forma automática por um computador. De facto, em contraste com métodos de análise qualitativa que impliquem o recurso a intérpretes treinados, destacamos as vantagens de quantitativamente o processo ser muito menos demorado e os resultados serem mais confiáveis, uma vez que se elimina a subjectividade inerente ao factor humano.<sup>182</sup>

A nível operacional, começaremos por elaborar um dicionário de termos populistas seguindo uma lógica próxima das definições ideacional (de Cas Mudde e Cristóbal Rovira Kaltwasser) e discursiva (de Ernesto Laclau) de populismo, expostas no início da presente dissertação. Assim, construiremos uma lista de palavras associadas 1) à constituição de um “povo” ou a ele referentes, 2) a uma elite e ao decorrente anti-elitismo e 3) à valorização da soberania popular, nomeadamente por meio do exercício de formas de democracia directa. Posteriormente, traduziremos este dicionário geral de inglês (língua escolhida, em vez do português, por ser o idioma da bibliografia consultada para a elaboração do dicionário) para grego moderno e castelhano, ao qual acrescentaremos termos específicos ao contexto de cada país (por exemplo, *casta*, utilizada em Espanha como referência à elite). Depois, realizaremos a contagem computadorizada das palavras com recurso ao *software* especializado *Yoshikoder*,<sup>183</sup> ao mesmo tempo que eliminamos os falsos positivos (termos que aparecem sem o significado

---

<sup>179</sup> Teun Pauwels, “Measuring Populism: A Quantitative Text Analysis of Party Literature in Belgium,” *Journal of Elections, Public Opinion and Parties* 21, no. 1 (2011): 97-119.

<sup>180</sup> Matthijs Rooduijn, and Teun Pauwels, “Measuring Populism: Comparing Two Methods of Content Analysis,” *West European Politics* 34, no. 6 (2011): 1272-1283.

<sup>181</sup> Teun Pauwels, op. cit., 102.

<sup>182</sup> Ibid., 104.

<sup>183</sup> Will Lowe, “Yoshikoder: Cross-platform multilingual content analysis,” Java software, version 0.6.5, 2015, <https://yoshikoder.org>.

que motivou a sua escolha). Finalmente, calcularemos a permilagem de termos populistas presentes nos documentos analisados, utilizando a palavra como unidade de medida.

Em resultado, seremos capazes de medir a evolução do discurso populista de *SYRIZA* e *Podemos* ao longo do tempo, comparando os rácios de termos populistas entre discursos e manifestos. Logicamente, estes rácios não terão significado se analisados *per se*, de forma cardinal. A sua utilidade deriva apenas de uma dimensão comparativa, ordinal, sendo que esperamos uma diminuição do valor do rácio ao longo do período em análise.

- **H3**: Considerando o sucesso da estratégia populista em agregar parcelas do eleitorado tradicionalmente fiéis aos partidos sociais-democratas, seria de esperar uma contra-ofensiva destes partidos com o propósito de recuperar os votantes perdidos. De facto, até em países como os EUA ou o Reino Unido, sem o aparecimento de partidos populistas à esquerda do *Democratic Party* e do *Labour Party*, assistimos à ascensão de uma agenda próxima do populismo de esquerda liderada por Bernie Sanders e Jeremy Corbyn (apenas este com conquista efectiva da liderança partidária), respectivamente, como tentativa de “reinventar o socialismo”.<sup>184</sup> Portanto, ganha relevância a investigação sobre uma eventual viragem populista por parte de *PSOE* e *PASOK* em países onde, comprovadamente, o populismo de esquerda foi bem-sucedido nas urnas.

Por conseguinte, seguiremos o método empírico utilizado na H2, calculando rácios de populismo através da análise quantitativa de discursos e manifestos eleitorais de *PSOE* e *PASOK* entre 2011 e 2019, na expectativa de observar um crescimento, por muito ligeiro que seja, da retórica populista.

---

<sup>184</sup> Owen Worth, “Corbyn, Sanders and the contestation of neoliberal hegemony,” in *Left Radicalism and Populism in Europe*, eds. Giorgos Charalambous, and Gregoris Ioannou (New York: Routledge, 2020), 97.

- **H4:** Da exposição teórica e qualitativa sobre os “casos do SYRIZA e do Podemos, testemunhámos uma gradual moderação do seu discurso e política, um movimento para o centro-esquerda” de partidos anteriormente firmes numa posição ideológica de esquerda radical.<sup>185</sup>

Por sua vez, observaremos agora de uma perspectiva mais empírica este processo de aproximação ao espaço tradicionalmente ocupado pelos partidos sociais-democratas. Fá-lo-emos recorrendo à base de dados do *Manifesto Project* que, através de uma análise de manifestos eleitorais, calcula as preferências políticas de “mais de 1000 partidos de 1945 até hoje em mais de 50 países e cinco continentes”.<sup>186</sup> Deste modo, será por meio da escala esquerda-direita disponibilizada pelo *Manifesto Project* que seguiremos a evolução da posição ideológica de SYRIZA e Podemos entre 2009 e 2019 (começando apenas em 2014 no caso do Podemos), esperando confirmar a nossa expectativa de uma moderação ao longo do tempo.

- **H5:** Como já lemos acima, é razoável afirmar que a “mobilização populista (...) é a resposta a um tipo particular de deficiência de representação”<sup>187</sup> por parte dos partidos do centro-esquerda, alimentando a “tese do vazio”, segundo a qual “a neoliberalização da social-democracia” cria um espaço vazio, posteriormente ocupado por partidos rivais à sua esquerda.<sup>188</sup> Assim, não será menos razoável supor que, no âmbito deste processo de “competição posicional”,<sup>189</sup> partidos como o PSOE e o PASOK adoptem programas

---

<sup>185</sup> Alexandros Kioupiolis and Giorgos Katsambekis, “New Left Populism contesting and taking power: The cases of SYRIZA and Podemos,” in *Left Radicalism and Populism in Europe*, eds. Giorgos Charalambous, and Gregoris Ioannou (New York: Routledge, 2020), 130.

<sup>186</sup> “About,” Manifesto Project, accessed March 13, 2021, <https://manifesto-project.wzb.eu/information/documents/information>.

<sup>187</sup> Kenneth M. Roberts, “Left, right, and the populist structuring of political competition,” in *Routledge Handbook of Global Populism*, ed. Carlos De La Torre, (New York: Routledge, 2019), 151.

<sup>188</sup> Luke March, *Radical left parties in Europe* (New York: Routledge, 2011), 6.

<sup>189</sup> Kenneth M. Roberts, op. cit., 151.

ideologicamente mais esquerdistas no sentido de disputar esse eleitorado com os partidos populistas de esquerda.

Por esta razão, servir-nos-emos novamente da base de dados *Project Manifesto* para medir a evolução ideológica, numa escala esquerda-direita, dos tradicionais partidos da social-democracia grega e espanhola, prevendo uma deslocação para a esquerda no período em questão.

## 5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A realização da experiência, orientada pelo método indutivo e fazendo uso de dados quantitativos (por exemplo, resultados eleitorais) e qualitativos (por exemplo, o conteúdo de discursos e manifestos políticos), propunha-se a testar cada uma das cinco hipóteses de investigação apresentadas. Assim, de seguida encontraremos a exposição e interpretação dos resultados a que chegámos.

**- H1: “Esperamos que a ascensão eleitoral dos partidos populistas de esquerda se faça à custa, em grande parte, da perda de votos dos partidos sociais-democratas tradicionais”.**

Começando pelo caso grego, foram analisados os resultados de *SYRIZA* e *PASOK* em oito actos eleitorais. Foram eles as eleições parlamentares de 2009, 2012 (Maio e Junho), 2015 (Janeiro e Setembro) e 2019, às quais se somaram as eleições para o Parlamento Europeu de 2014 e 2019. Neste âmbito, é importante sublinhar que o *PASOK* se apresentou às eleições europeias de 2014 como maior partido da coligação de centro-esquerda *Elia* (Ελιά – Δημοκρατική Παράταξη), tendo repetido a fórmula nas eleições parlamentares de Setembro de 2015 (“Coligação Democrática” - *DISI*, Δημοκρατική Συμπράταξη), nas eleições europeias de Maio de 2019 e, de novo, nas eleições parlamentares desse ano (ambas no seio do hoje activo “Movimento pela Mudança” – *KINAL*, Κίνημα Αλλαγής). Logicamente, dada a impossibilidade de destrinçar os resultados de cada um dos partidos coligados, contabilizámos como votação do *PASOK* a totalidade da votação obtida pelas coligações que integrou.

Deste modo, pudemos observar a ascensão meteórica do *SYRIZA* que, em apenas seis anos, passou de um marginal partido de protesto, a julgar pelos 4,6% dos votos válidos conquistados nas eleições parlamentares de 2009, para os 36,34% que lhe possibilitaram,

juntamente com o *ANEL*, liderar o governo da Grécia. É também de assinalar que, mesmo após um mandato marcado pela execução do terceiro *Memorando de Entendimento*, com a impopular austeridade que ele acarretou, foi de apenas cerca de 5 p.p. a perda de votos entre as eleições parlamentares de Setembro de 2015 e as eleições parlamentares de 2019, que ditaram a transição de poder do *SYRIZA* para a *Nova Democracia*.

Concomitantemente, o *PASOK*, de partido fundador e pilar da democracia grega, transformou-se numa força política menor, incapaz sequer de concorrer em nome próprio, mas apenas como membro (destacado, é certo) de uma coligação de partidos. A sua votação, que se cifrava nos 43,92% em 2009, garantindo a maioria absoluta a George Papandreou, rapidamente se reduziu para 12-13% nas eleições parlamentares de 2012, para cair para o mínimo histórico de 4,68% em Janeiro de 2015. Foi precisamente esta trajectória descendente que justificou o conceito, entretanto popularizado na Ciência Política, de *pasokização* (ou *pasokificação*), correspondente ao declínio de um partido social-democrata devido à ascensão de uma força política à sua esquerda.

No gráfico abaixo (Gráfico 1), observamos a evolução dos resultados eleitorais dos dois partidos estudados, sendo visível, especialmente de 2009 a 2015, uma clara relação inversa entre a votação do *SYRIZA* (ascendente) e do *PASOK* (descendente). Com efeito, confirmando a observação, calculámos um coeficiente de correlação linear ( $\rho$ : coeficiente de correlação de Pearson) de -0,884, o que indica uma associação estatística forte e negativa entre os resultados obtidos por *SYRIZA* (variável x) e *PASOK* (variável y). Isto significa que se verificou uma tendência de queda na votação do *PASOK* aquando de momentos de crescimento eleitoral do *SYRIZA*. Apesar de a correlação estatística não implicar causalidade, isto é, subidas do *SYRIZA* não provocam *sempre* descidas do *PASOK*, a associação empírica encontrada corresponde ao previsto pela teoria, exposta de forma geral quando abordámos a crise nos partidos sociais-

democratas, e de forma específica quando analisámos a dinâmica interna grega durante o período da crise da dívida soberana.

Ademais, somos ainda capazes de concluir acerca da solidificação de um novo bipartidarismo, com o partido de Tsipras a tomar o lugar que o *PASOK* ocupou durante várias décadas como concorrente principal da *Nova Democracia* num quadro de alternância governativa.

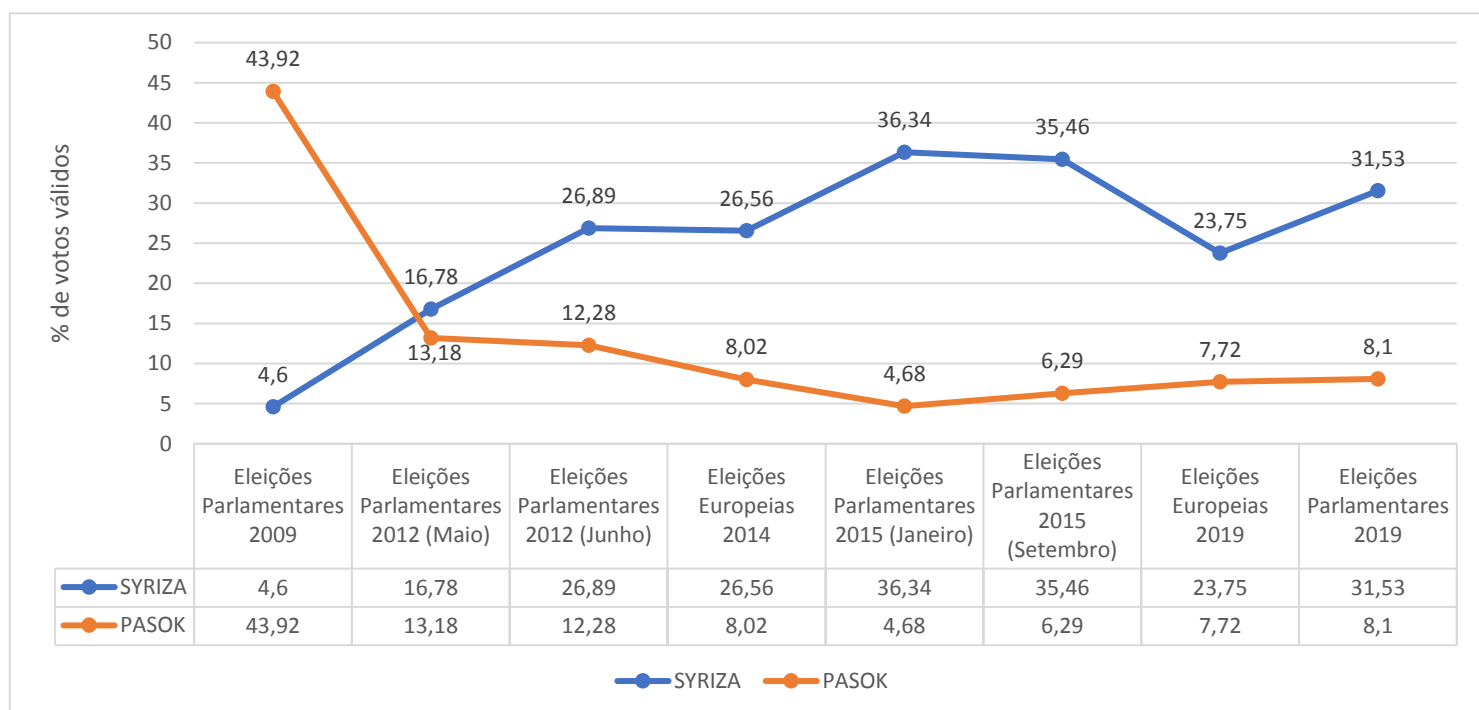


Gráfico 1: Resultados eleitorais de SYRIZA e PASOK entre 2009 e 2019 (Fonte: Ministério do Interior da Grécia, <https://ekloges.ypes.gr/en>).

Relativamente ao caso espanhol, atentámos no percurso eleitoral de *Podemos* e *PSOE* entre 2011 e 2019, nomeadamente nas eleições gerais de 2011 (sem a presença do *Podemos*, fundado apenas em 2014), 2015, 2016 e 2019 (Abril e Novembro) e nas eleições europeias de 2014 e 2019. À semelhança do que fizemos com o *PASOK*, também contabilizámos como votação no *Podemos* os resultados obtidos por este partido no seio das coligações *Unidos Podemos* (2016) e *Unidas Podemos* (2019) juntamente com a *Izquierda Unida* e outros partidos menores.

Da análise dos resultados, podemos individualizar dois momentos no que diz respeito à interação entre os partidos (ver Gráfico 2). O primeiro, de 2011 a 2016, pautado pela queda do

*PSOE* e pelo rápido crescimento do *Podemos*, que em apenas um ano conseguiu ascender ao terceiro lugar da política espanhola, num pódio partilhado de forma muito próxima com o *PSOE* e o *PP*. O segundo, de 2016 a 2019, marcado pela perda de peso eleitoral do partido de Pablo Iglesias e pela recuperação do *PSOE* que valeu a Pedro Sánchez a conquista do poder executivo, isoladamente em 2018, e em coligação governativa com o *Podemos* na sequência das eleições de Novembro de 2019. No entanto, habituado a uma média de 37,9% dos votos nas eleições gerais entre 1977 e 2011, no intervalo temporal de 2011 a 2019 o partido basilar do centro-esquerda espanhol registou os cinco piores resultados da sua história democrática pós-franquismo (o ponto mais baixo foram os 22,01% de 2015).

Deste modo, apesar de o *PSOE* ter logrado escapar a um cenário de *pasokização* clássica, muito beneficiado por não ter sido governo durante os anos da crise da Zona Euro, é inegável o impacto negativo que o aparecimento de um partido populista de esquerda como o *Podemos* teve sobre o seu desempenho eleitoral.

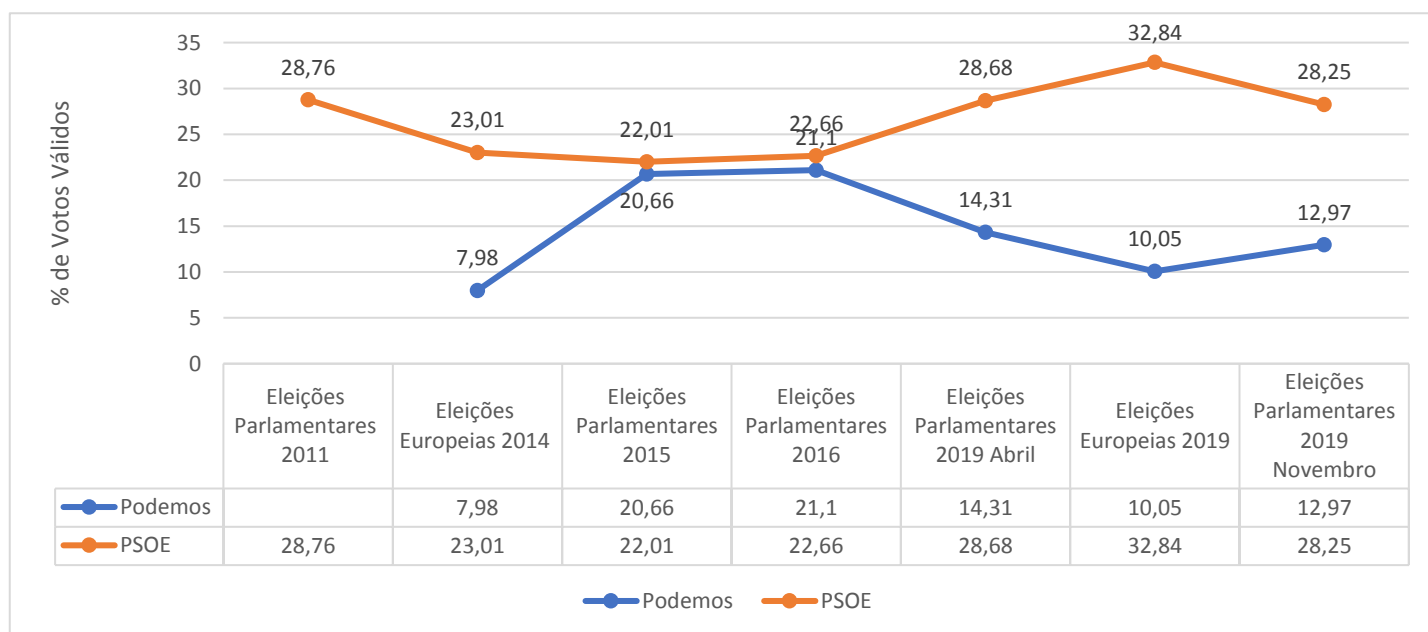


Gráfico 2: Resultados eleitorais de Podemos e PSOE entre 2011 e 2019 (Fonte: Jornal El País: <https://resultados.elpais.com/elecciones/generales.html>).

Adicionalmente, com um coeficiente de correlação linear de  $-0,523$  calculado para os resultados obtidos por Podemos (variável x) e PSOE (variável y), podemos afirmar que se verifica

uma associação negativa moderada entre ambas as variáveis. Logo, existe a tendência para uma trajetória eleitoral inversa dos dois partidos, dado que acompanhando uma subida do *Podemos*, esperamos um decréscimo na votação do *PSOE* e vice-versa. Todavia, a correlação entre as variáveis é menor do que no caso grego, algo compreensível pela diversidade de novos agentes políticos que foram ganhando peso no panorama político espanhol ao longo dos últimos anos. Partidos como o *Ciudadanos* ou o *VOX* contribuíram para uma dinâmica competição eleitoral em que o impacto do *Podemos*, apesar de estatisticamente relevante, é apenas parte da explicação para a variação nos resultados do *PSOE*. Com efeito, ao contrário do que sucedeu na Grécia, em que o tradicional bipartidarismo sofreu uma troca de actores políticos, em Espanha ele desabou totalmente, sendo substituído por um pluripartidarismo complexo em que *Podemos*, *PSOE*, *Ciudadanos*, *PP* e *VOX* são obrigados a negociações paralelas na procura de soluções governativas.

Por conseguinte, estamos em condições de validar a **H1**, uma vez que a experiência realizada nos confirmou a presença de ganhos eleitorais dos partidos populistas de esquerda à custa de perdas eleitorais dos partidos sociais-democratas tradicionais, e vice-versa. No entanto, relevamos a menor dimensão da associação estudada no caso espanhol, devido a um quadro político bastante mais rico e dinâmico, avesso a determinismos unidimensionais e em que o recuo do centro-esquerda nunca assumiu as proporções gregas.

**- H2: “Esperamos que, depois do seu impacto inicial e perante a forte probabilidade de virem a desempenhar ou desempenharem de facto funções governativas, os partidos populistas de esquerda moderem a sua dimensão populista”.**

Com o intuito de calcularmos rácios de populismo para um conjunto de manifestos e discursos políticos, começámos por elaborar um dicionário de termos populistas que funcionaria como referência para uma eficaz comparação temporal da retórica populista de *SYRIZA*, *PASOK*, *Podemos* e *PSOE*. As palavras, cuja lista completa podemos encontrar no ANEXO II, foram divididas em três categorias. A primeira, destinada a medir a ênfase dada ao “povo” e à sua constituição (denominada “*people-centrism*” – palavras como “pátria”, “cidadão(s)”, “nós”); a segunda, atenta a críticas a uma “elite”, à individualização dos seus membros e à construção de uma fronteira entre ela e o “povo” (denominada “*anti-elitism*” – palavras como “elites”, “oligarquia”, “eles”); e a terceira, relativa à valorização da soberania popular e a apelos à mobilização cívica (denominada “*popular sovereignty*” – palavras como “referendo”, “democracia”, “auto-determinação”). Seguidamente, por meio do *software* de análise quantitativa de conteúdo *Yoshikoder*, aplicámos o dicionário (traduzido) a vários manifestos eleitorais e discursos proferidos em campanhas de eleições legislativas e europeias.

Iniciámos a experiência pelos discursos de Alexis Tsipras, todos realizados em comícios entre 2012 e 2019, e os resultados, se exceptuarmos o rácio de termos populistas no discurso de 4 de Maio de 2012 (58‰), correspondem na perfeição à evolução prevista. De facto, durante o percurso ascendente que levaria o *SYRIZA* à conquista do poder executivo em 2015, o partido adoptou uma estratégia de crescente populismo, visível no Gráfico 3. Contudo, uma vez no governo da Grécia, observámos uma moderação da retórica populista, patente na redução do

rácio de termos populistas entre 2015 e 2019, de 70‰ (valor mais elevado da série) para 61‰ e depois 58‰.

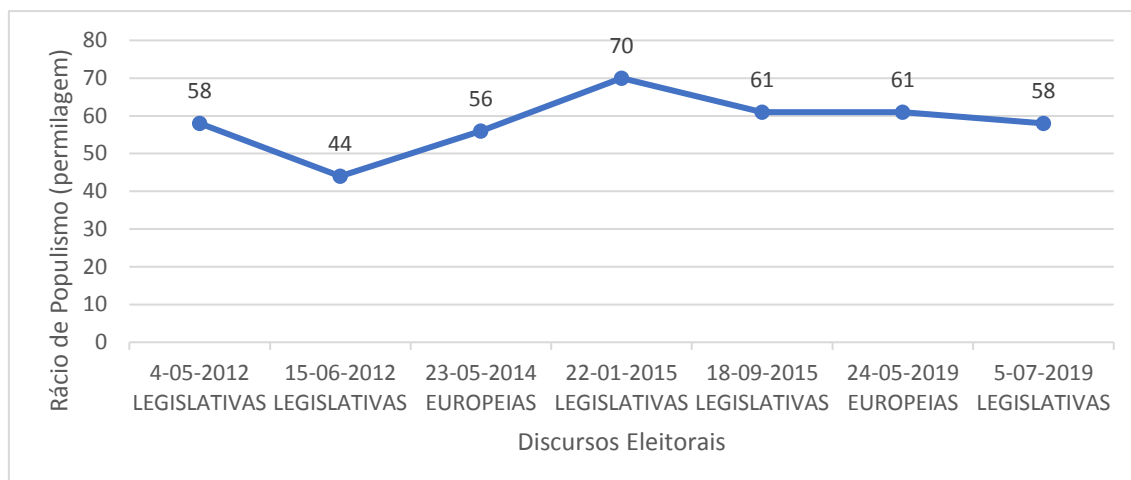


Gráfico 3: Evolução da retórica populista do SYRIZA, medida através de rácios de termos populistas (em per milagem).

Esta trajectória pode ser explicada pela quantidade de limitações impostas ao executivo de Alexis Tsipras por agentes nacionais e internacionais. “Ao nível doméstico, a vigilância da oposição *mainstream* e a maioria dos órgãos privados de comunicação social controlavam qualquer potencial tendência para a revisão de dimensões fundamentais da política grega”. Ao nível internacional, “pressões externas, especialmente por parte da *Troika*, sufocaram a ânsia de uma política económica radical”. A consequência mais visível destes constrangimentos foi a assinatura do terceiro Memorando de Entendimento com as instituições internacionais, cuja execução obrigou ao fim da “clivagem (...) populista (...) dividindo gregos entre o «povo» nobre e as «elites» corruptas”, substituída pela nova oposição do “novo” ao “velho sistema” que contribuiu para o começo de “um período de normalização”.<sup>190</sup>

Quanto ao outro partido populista de esquerda em estudo, o *Podemos*, a experiência foi feita com base em documentos políticos escritos entre 2014, ano da sua fundação, e 2019, como manifestos e programas eleitorais. Assim se compreende o valor comparativamente alto

<sup>190</sup> Paris Aslanidis, and Cristóbal Rovira Kaltwasser, op. cit., 1087.

do rácio de termos populistas no manifesto fundacional (“Manifesto Mover Ficha”) de 2014 - 83%. Apesar de ser por nós considerado um *outlier*, dada a disparidade para os restantes rácios, justificada pela sua função mobilizadora inicial, não deixa de ser ilustrativo de uma diferença relevante para com o SYRIZA. Isto porque confirma que o *Podemos* nasceu como um partido assumidamente populista, ao contrário do SYRIZA, que de força esquerdista radical se foi metamorfoseando em esquerda populista.

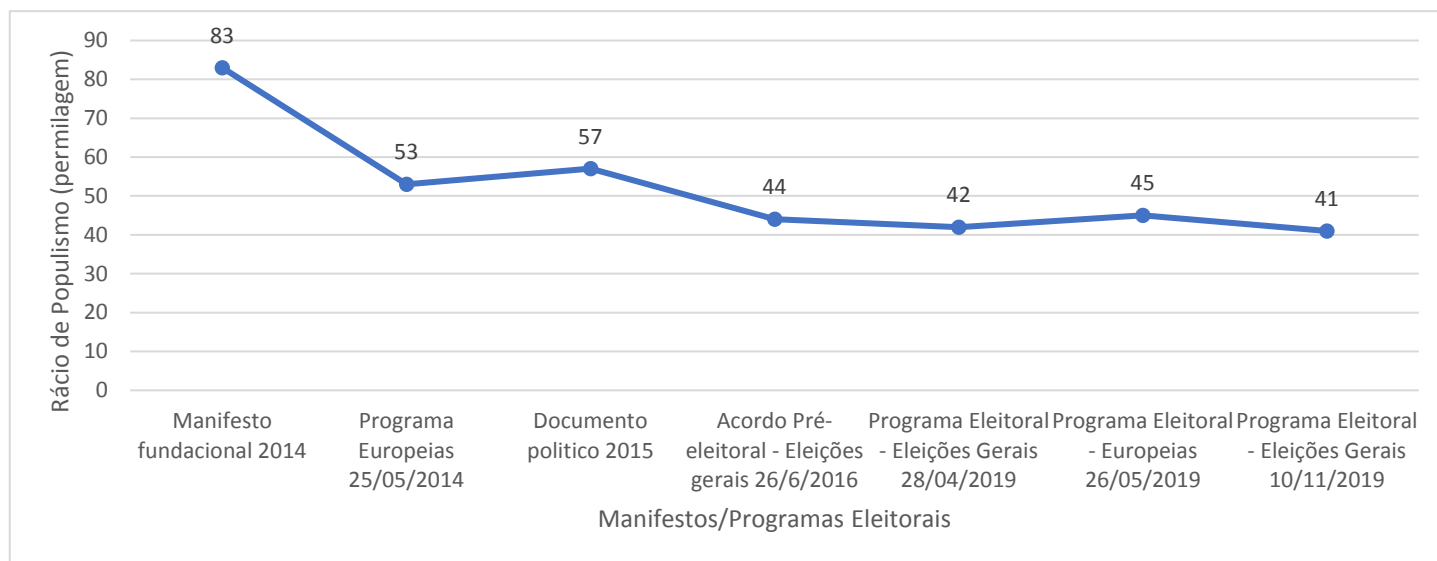


Gráfico 4: Evolução da retórica populista do Podemos, medida através de rácios de termos populistas (em per milagem).

Posteriormente, a subida de 53% para 57% coincide com o momento de maior sucesso eleitoral do *Podemos*. No entanto, encontramos neste mesmo sucesso a causa primeira do processo de involução populista, que o Gráfico 4 ilustra entre 2015 e 2019. Em linha com os resultados de Matthijs Rooduijn *et al.* (2014), que a respeito de cinco países europeus (Alemanha, França, Itália, Países Baixos e Inglaterra) concluíram que o sucesso eleitoral de partidos populistas tende a suavizar a sua dimensão populista, atribuímos a trajetória do *Podemos* a uma “tentativa de se tornar num membro aceitável de possíveis coligações com os partidos *mainstream*”.<sup>191</sup>

<sup>191</sup> Matthijs Rooduijn, Sarah L. de Lange, and Wouter van der Brug, “A populist Zeitgeist? Programmatic contagion by populist parties in Western Europe,” *Party Politics* 20, no. 4 (2014): 571.

Deste modo, ganha sentido a seguinte interrogação: se o *Podemos* moderou o seu populismo logo após um sucesso inicial, porque assistimos no caso do *SYRIZA* ao atraso deste processo, iniciado somente após a ascensão ao governo? Na verdade, se entendermos o momento de inflexão da retórica populista como aquele em que, depois de ganhos eleitorais, um partido populista é percebido por si próprio e pelos restantes como essencial ao processo de formação de um governo, é compreensível a demora do *SYRIZA* e a precocidade do *Podemos*.

Não obstante terem a noção clara de que os 26,89% alcançados nas eleições parlamentares de Junho de 2012 significavam que o partido de Tsipras corporizava um “governo-em-espera”, os partidos tradicionais concentraram-se na marginalização do *SYRIZA*, “procurando conter a maré, formando «grandes coligações»” e “alertando para os perigos do populismo”.<sup>192</sup> Em consequência, foi até este isolamento que possibilitou a intensificação da clivagem entre forças a favor e contra os Memorandos de Entendimento que tantos frutos rendeu ao *SYRIZA*.

Por outro lado, o impasse a propósito da investidura de um governo viável em Espanha, na sequência das eleições de 2015 e 2016, obrigou as restantes forças políticas, nomeadamente o *PSOE* e o *Ciudadanos*, a trazerem Pablo Iglesias à mesa de negociações. O completo oposto do *cordon sanitaire* instalado em redor do *SYRIZA*. Por conseguinte, tanto o *Podemos* quanto os restantes partidos espanhóis tiveram desde cedo a noção de que eram altas as probabilidades de o partido vir a ser chamado a integrar ou a viabilizar directamente um governo. Algo que não aconteceu logo em 2015 ou 2016, mas apenas em 2018 (suporte parlamentar) e 2019 (governo de coligação) e que explica a trajectória de moderação da retórica populista do *Podemos* após o seu impacto inicial.

---

<sup>192</sup> Paris Aslanidis, and Cristóbal Rovira Kaltwasser, op. cit., 1086.

Em resumo, por via do cálculo de rácios de populismo e da sua análise intertemporal, somos levados a confirmar a **H2**, segundo a qual *SYRIZA* e *Podemos* optaram por uma redução da sua dimensão populista após a conquista de suficiente peso político nos panoramas políticos nacionais respectivos. No entanto, enquanto para o *Podemos* bastou para tal a perspectiva realista de participação em soluções governativas, o *SYRIZA* apenas iniciou a sua inflexão estratégica uma vez instalado no governo.

**- H3: “Esperamos que, em face do sucesso eleitoral repentino dos partidos populistas de esquerda, se assista à incorporação de elementos populistas na estratégia e no discurso dos partidos de centro-esquerda estabelecidos”.**

“Mudde (2007: 283) defende que os partidos *mainstream* se tornarão mais populistas quando obrigados a competir com partidos populistas «numa tentativa de conservar ou recuperar os seus eleitores»”.<sup>193</sup> Além disso, o autor holandês afirma que este “contágio populista”<sup>194</sup> também se verifica quando os partidos da oposição, testemunhando o sucesso da estratégia populista, a copiam, não com o propósito de concorrer com os partidos populistas, mas sim de desafiar os governos em funções.

Por outro lado, Cristóbal Rovira Kaltwasser nota que uma abordagem alternativa pode passar pela “formação de uma clivagem populismo vs. anti-populismo”, em que os partidos tradicionais se apresentam como os “bons” e retratam os seus adversários populistas como os “maus”.<sup>195</sup> Aliás, na tentativa de sublinhar as diferenças entre os dois campos, não raras vezes os partidos tradicionais apontam os populistas como ameaças às democracias liberais, das quais se proclamam legítimos defensores.

Tomando como objecto de estudo o caso do social-democrata *PASOK*, dos partidos históricos gregos aquele que mais sofreu com a ascensão do *SYRIZA*, foi aplicado o dicionário de termos populistas a uma série de discursos proferidos em comícios eleitorais entre 2012 e 2019 por Evangelos Venizelos e Fofis Gennimata, os dois líderes do partido neste período. Aquilo que verificamos, espelhado no Gráfico 5, é uma queda sustentada do rácio de termos populistas calculados entre 2012 e 2015. Julgamos poder explicar esta variação com a estratégia sugerida

---

<sup>193</sup> Matthijs Rooduijn, Sarah L. de Lange, and Wouter van der Brug, op. cit., 565.

<sup>194</sup> Ibid., 564.

<sup>195</sup> Cristóbal Rovira Kaltwasser, “Populism and the Question of How to Respond to It,” in *The Oxford Handbook of Populism*, eds. Cristóbal Rovira Kaltwasser, Paul Taggart, Paulina Ochoa Espejo, and Pierre Ostiguy (Oxford: Oxford University Press, 2017): 636.

por Kaltwasser. Com efeito, paralelamente à intensificação da retórica populista do SYRIZA no mesmo intervalo de tempo, é razoável atribuímos a evolução discursiva do PASOK a uma tentativa de se apresentar como um partido responsável, experiente e digno da confiança dos eleitores, que o deveriam ver como a escolha racional e antítese do partido de Tsipras. Posteriormente, os valores mais elevados dos dois últimos discursos analisados (eleições europeias e legislativas de 2019), ainda que oscilantes, podem prenunciar uma trajectória de subida na retórica populista decorrente, como previa Mudde, de um longo período do PASOK na oposição ao governo. No entanto, é ainda cedo para tirarmos quaisquer conclusões definitivas nesse sentido.

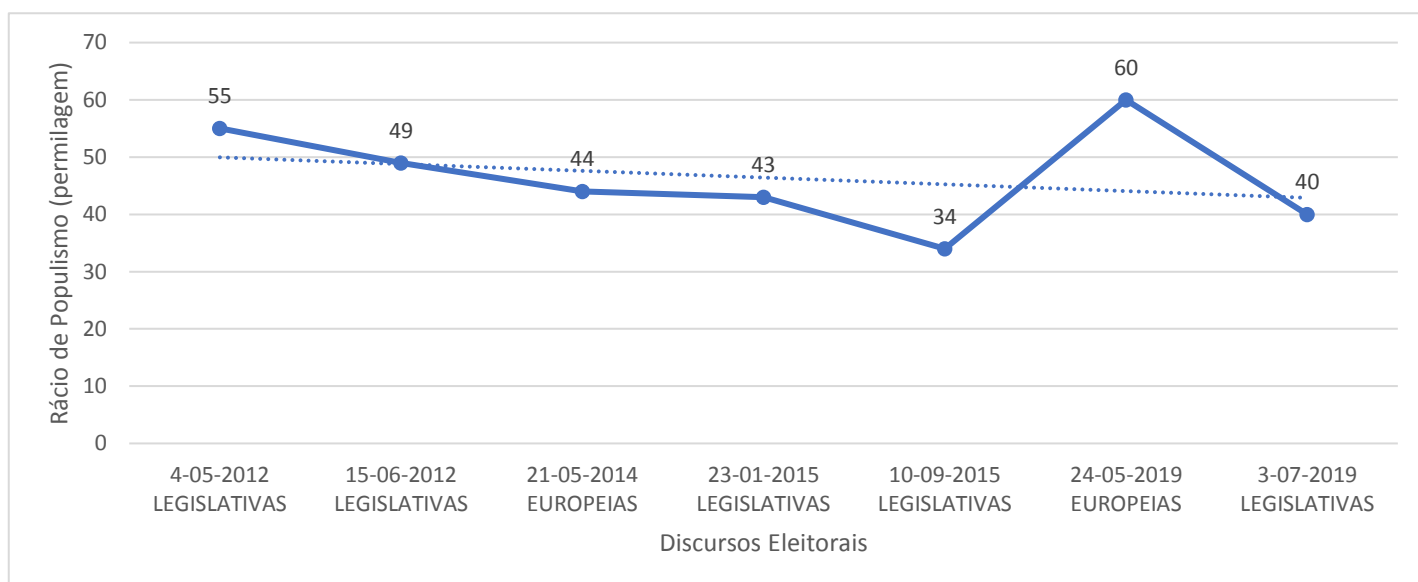


Gráfico 5: Evolução da retórica populista do PASOK, medida através de rácios de termos populistas (em per milagem).

Relativamente ao PSOE, a aplicação do dicionário de termos populistas a um conjunto de programas eleitorais publicados entre 2014 e 2019 coloca-nos perante uma variação de baixíssima amplitude (máximo absoluto: 43%; mínimo absoluto: 36%). Entendemos que o valor inicial da série, que corresponde ao seu ponto mais alto, se explica pela condição do PSOE como partido de oposição ao governo de Mariano Rajoy. Depois, o que verificamos é uma ligeira diminuição da retórica populista, que se manterá bastante estável durante as várias eleições de 2019. Portanto, tendo em consideração a pouca variabilidade dos rácios de populismo calculados, o mais lógico é concluirmos que o PSOE se manteve relativamente imune à

intensificação do discurso populista levado a cabo pelo *Podemos*. Inclusive, o que observamos se quisermos forçar uma interpretação é uma queda na retórica populista dos socialistas espanhóis. Assim, quer valorizemos a trajetória ligeiramente descendente ou a interpretemos como estável apenas, a justificação não se altera, apontando para uma estratégia de afirmação do *PSOE* como partido institucionalista, prudente e maduro, pronto para substituir de forma segura o *Partido Popular* no governo de Espanha.

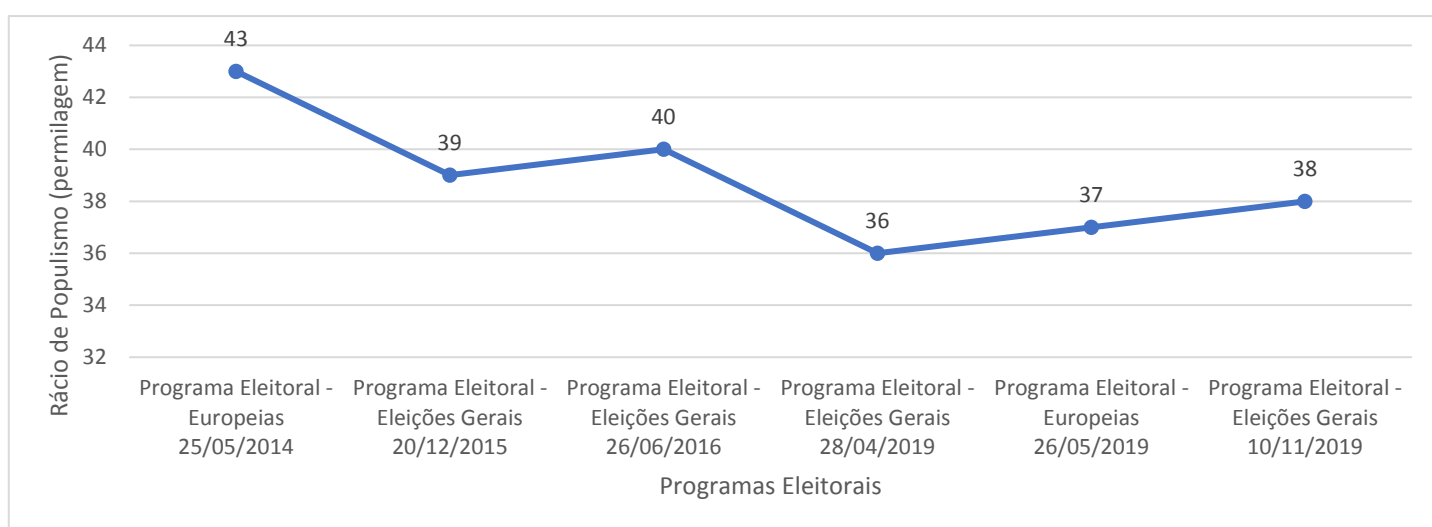


Gráfico 6: Evolução da retórica populista do PSOE, medida através de rácios de termos populistas (em permilagem).

Em conclusão, na sequência dos resultados obtidos, podemos claramente refutar a **H3**, uma vez que para ambos os partidos de centro-esquerda estudados ficou evidente uma redução da retórica populista, coincidente com o crescimento eleitoral de *SYRIZA* e *Podemos*. Deste modo, ao invés de um contágio populista, assistimos ao isolamento discursivo dos partidos populistas por parte dos partidos tradicionais, que assim procuram afirmar o seu compromisso para com a democracia liberal, retratando-se como a única alternativa responsável no campo político da esquerda. Aquilo que Matthijs Rooduijn *et al.* (2014), observaram a propósito de Alemanha, França, Itália, Países Baixos e Inglaterra, onde “os partidos *mainstream* não ficaram mais populistas quando (...) desafiados por partidos populistas”, podemos nós também aqui comprovar para o caso das forças tradicionais de centro-esquerda em Espanha e na Grécia.<sup>196</sup>

<sup>196</sup> Matthijs Rooduijn, Sarah L. de Lange, and Wouter van der Brug, *op. cit.*, 571.

- H4: “Esperamos que, no processo de moderação com vista à ascensão ao governo ou resultante do exercício do poder, os partidos populistas de esquerda reduzam também a sua dimensão ideológica esquerdista”.

De acordo com o que já escrevemos, os partidos populistas de esquerda, ocupando-o, poderão ter beneficiado de um “vazio” provocado pela aproximação dos partidos social-democratas tradicionais ao centro político, conforme ao espírito da *Terceira Via*. Mas se o SYRIZA já pertencia à família da esquerda radical, herdeiro que era do *Synaspismos*, também o *Podemos* surgiu imbuído de um radicalismo anti-capitalista típico do espaço à esquerda do *PSOE*. Com efeito, “Wagner (2012) sugere que a adopção de posições políticas mais radicais constitui uma estratégia promissora quando partidos políticos menos estabelecidos necessitam de atrair atenção pública”.<sup>197</sup> Por outro lado, mais tarde, numa perspectiva *Downsiana* é comum a existência de “incentivos centrípetos” que levam os “partidos *challenger* a aumentarem o seu apoio público através da aproximação às posições do seu principal concorrente *mainstream*”.<sup>198</sup>

Portanto, quer pelo lado da estratégia política, quer por via das limitações inerentes ao exercício da governação, já aqui sobejamente sublinhadas, torna-se expectável uma trajectória de moderação ideológica por parte de SYRIZA e *Podemos* que os aproxime das posições dos seus rivais social-democratas. Por esta razão, recorreremos à base de dados do *Manifesto Project* para acompanhar o seu percurso ideológico ao longo dos últimos anos, medido numa escala esquerda-direita (escala *rile*), em que valores mais elevados no eixo das ordenadas representam posições mais à direita e valores mais reduzidos apontam para posições mais esquerdistas.

Relativamente ao SYRIZA, a base de dados utilizada apenas possuía dados até ao fim de 2015, pelo que cingimos a análise ao período entre 2009 e 2015. Por isso, se atentarmos no

---

<sup>197</sup> Werner Krause, “Appearing moderate or radical? Radical left party success and the two-dimensional political space,” *West European Politics* 43, no. 7 (2020): 1370.

<sup>198</sup> *Ibid.*, 1368.

Gráfico 7, especificamente na linha vermelha correspondente à *Coalition of the Radical Left*, observamos um paulatino deslocamento ideológico para a esquerda (valores mais reduzidos), interrompido em 2015, o ano em que o partido de Alexis Tsipras ascendeu ao governo e o momento a partir do qual se verificou uma moderação do SYRIZA (valores mais elevados).

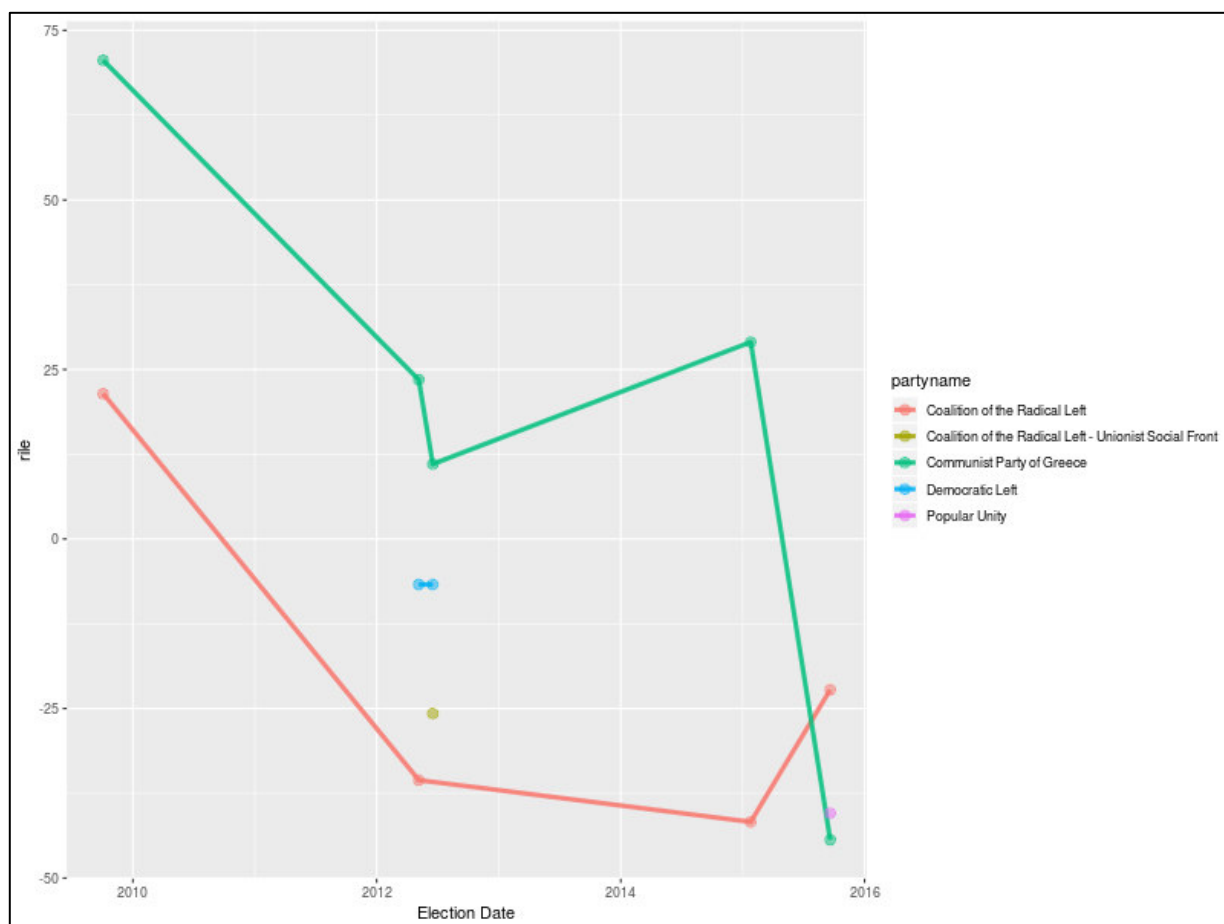


Gráfico 7: Evolução ideológica dos partidos gregos de esquerda radical numa escala de esquerda-direita.

Na verdade, se compararmos o percurso do SYRIZA com o do PASOK (linha azul – *Panhellenic Socialist Movement*), concluímos que ambos terminam a série quase na mesma posição ideológica (curiosamente, com o SYRIZA um pouco mais à direita que o PASOK), o que acentua a percepção de que o partido populista de esquerda veio ocupar política e eleitoralmente o terreno do PASOK e substituí-lo na lógica governativa do bipartidarismo grego.

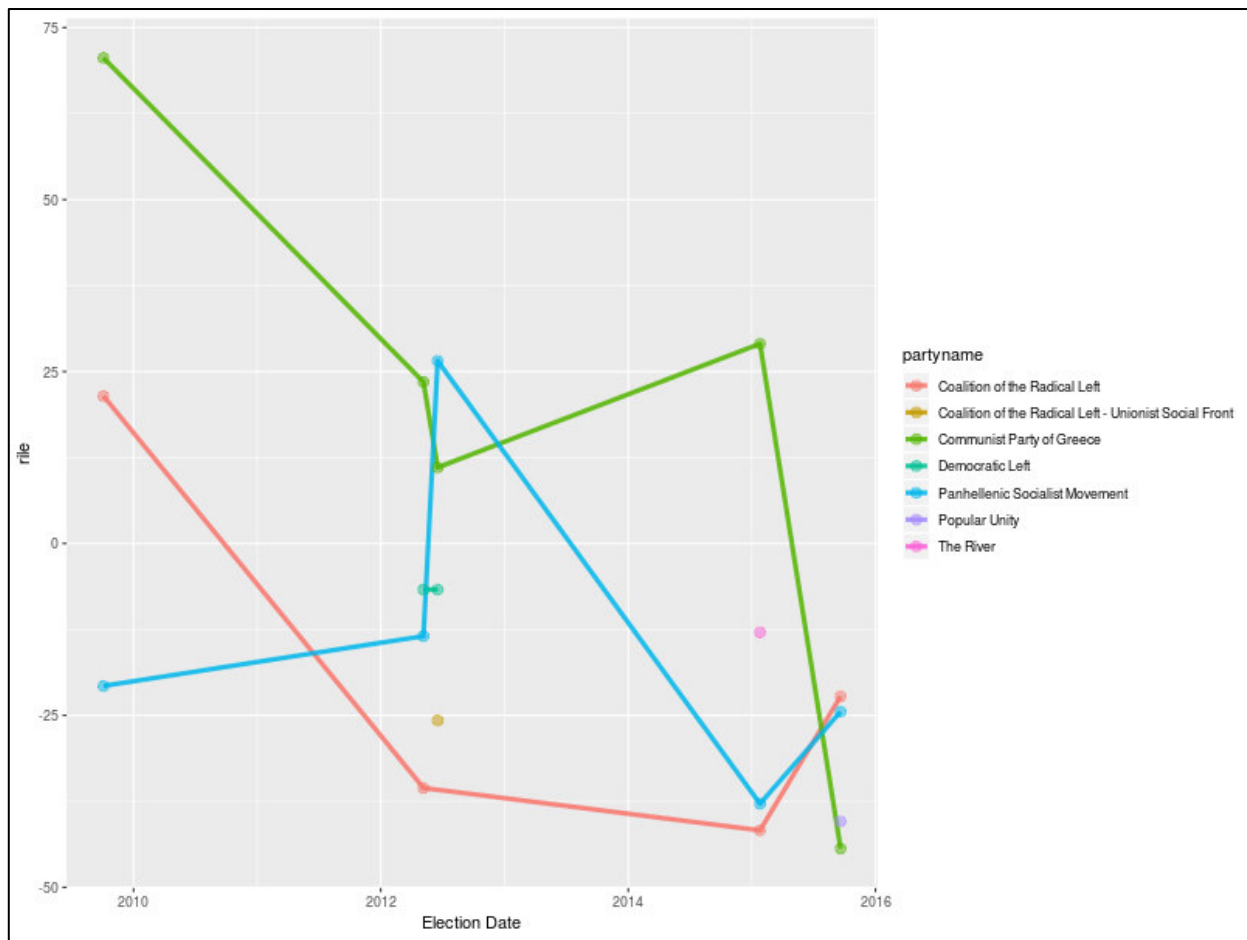


Gráfico 8: Evolução ideológica dos partidos gregos de esquerda radical e de centro-esquerda numa escala de esquerda-direita.

Quanto ao *Podemos*, cuja evolução ideológica encontramos representada no Gráfico 9 pela linha roxa (correspondente à legenda *We can*), observamos um deslocamento para a esquerda (valores mais reduzidos) entre as eleições gerais de Dezembro de 2015 e as primeiras eleições de Abril de 2019. Posteriormente, a caminho das eleições de Novembro de 2019, o partido liderado por Pablo Iglesias optou por uma inflexão à direita (valores mais elevados), num momento em que aumentavam significativamente as probabilidades de vir a integrar um governo de coligação com Pedro Sánchez.

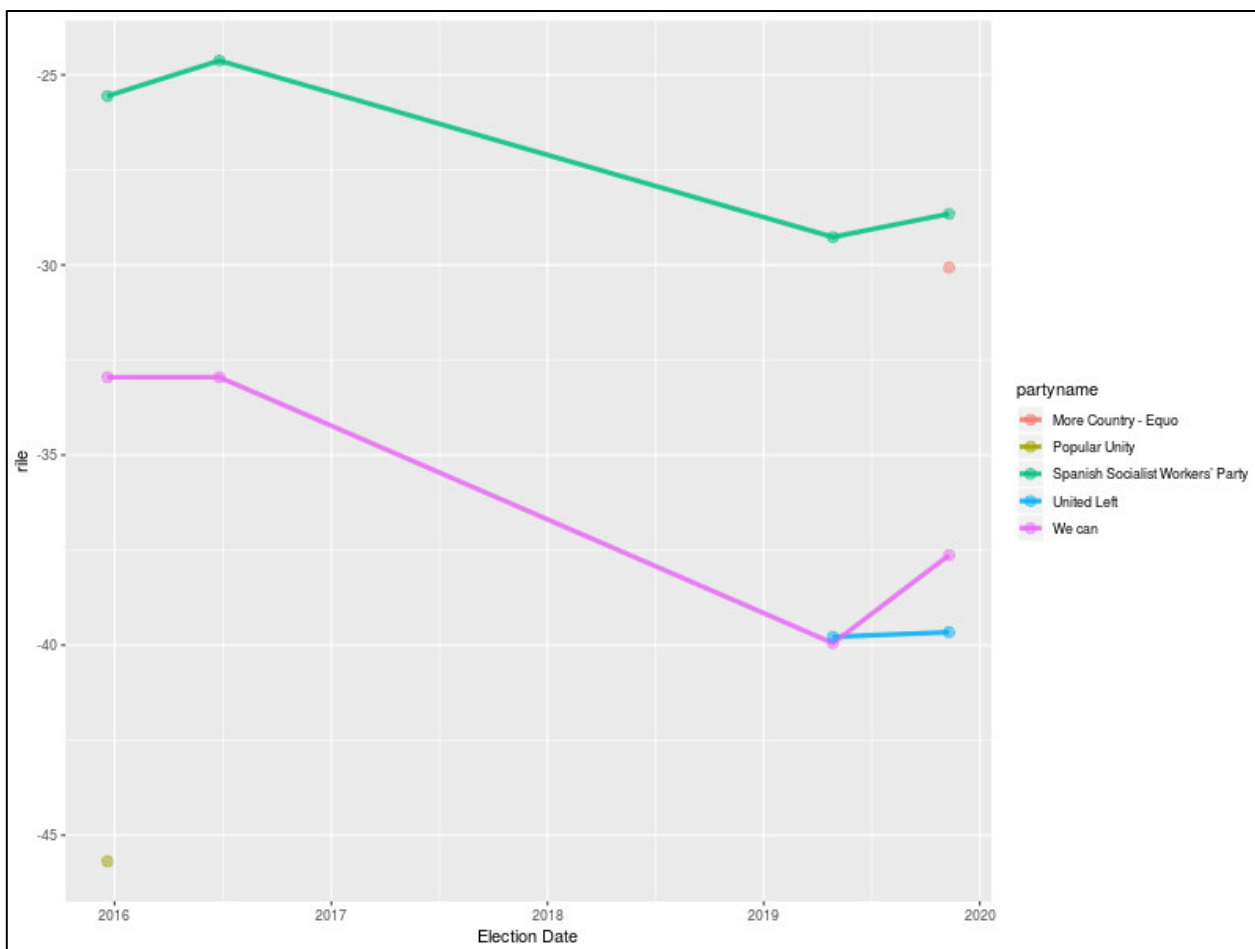


Gráfico 9: Evolução ideológica dos partidos espanhóis de esquerda radical e de centro-esquerda numa escala de esquerda-direita.

Neste caso, ao contrário do seu congénere populista grego, o *Podemos* caracteriza-se por uma posição ideológica claramente à esquerda do maior rival de centro-esquerda tradicional, o *PSOE*. Assim, apesar da recente aproximação ideológica, é evidente que o *Podemos* ainda utiliza a sua intensidade ideológica como factor de afirmação e diferenciação em relação ao *PSOE*. Aliás, articulando com os resultados da **H2**, somos capazes de corroborar as descobertas que o perito nas várias esquerdas europeias, Luke March, realizou a propósito do populismo de esquerda no Reino Unido. Escreve March que “a esquerda populista britânica é primeiro socialista e só depois populista” e que, na articulação entre os dois vectores, “a ideologia é mais importante do que o populismo *per se* na compreensão da essência dos

populismos de esquerda e de direita”.<sup>199</sup> Afirmamo-lo também nós porque, pelo menos no caso espanhol, a inflexão ideológica deu-se muito mais tarde do que a inflexão populista. No caso grego, não é possível chegar a qualquer conclusão porque as duas viragens foram concomitantes, pelo que teríamos que comparar as suas intensidades de modo a termos certezas quanto à preponderância do factor ideológico sobre o populista.

Independentemente disso, serviu a presente experiência para confirmarmos a **H4**. De acordo com a evolução ideológica de *SYRIZA* e *Podemos*, é evidente que ambos moderaram a sua posição de esquerda no espectro político, no momento em que conquistaram o poder, para os gregos, e no momento em que a formação de um governo de coligação com o *PSOE* parecia iminente, no caso dos espanhóis. Ademais, na linha do que sugere Luke March, verificámos que a fidelidade destes partidos à família política da esquerda tende a ser superior à demonstrada para com a sua natureza populista. Primeiro socialistas, populistas depois.

---

<sup>199</sup> Luke March, “Left and right populism compared: The British case,” *British Journal of Politics and International Relations* 19, no. 2 (2017): 300.

- H5: “Esperamos que, no sentido de ocupar parte do terreno eleitoral reclamado pelos partidos populistas de esquerda, os partidos sociais-democratas reforcem a sua dimensão ideológica de esquerda”.

Apesar de termos refutado a hipótese de um “contágio populista” no seio das forças políticas *mainstream*, vários autores apontam para a existência de bastantes provas segundo as quais estes partidos “ajustaram as suas posições sobre as temáticas da imigração e da integração em consequência da ascensão de partidos populistas de direita”.<sup>200</sup> Portanto, estando demonstrado que “o sucesso da direita radical afecta as posições dos partidos *mainstream*”,<sup>201</sup> podemos afirmar que, ao invés de uma apropriação de qualquer estratégia populista, o que se verifica é um contágio programático e ideológico. Ora, se o populismo de direita pode provocar em partidos tradicionais um deslocamento para a direita do espectro político, é justo interrogarmo-nos acerca da presença do mesmo efeito por parte dos partidos populistas de esquerda.

Deste modo, com o intuito de avaliarmos as consequências ideológicas do sucesso eleitoral de *SYRIZA* e *Podemos* sobre *PASOK* e *PSOE*, respectivamente, acompanhámos a evolução destes últimos numa escala esquerda-direita ao longo do tempo. Fizemo-lo novamente por meio da base de dados *Manifesto Project*.

No que concerne o *PASOK*, cuja variação posicional encontramos representada no Gráfico 10 (correspondente à linha vermelha, legendada como *Panhellenic Socialist Movement*), é visível uma aproximação à direita (valores mais elevados) entre as eleições de 2009 e as duas eleições de 2012, devido a um período no governo marcado pela aplicação das políticas de

---

<sup>200</sup> Matthijs Rooduijn, Sarah L. de Lange, and Wouter van der Brug, op. cit., 571.

<sup>201</sup> Tarik Abou-Chadi, and Werner Krause, “The Causal Effect of Radical Right Success on Mainstream Parties’ Policy Positions: A Regression Discontinuity Approach,” *British Journal of Political Science* 50, no. 3 (2020): 829.

austeridade acordadas com a *Troika*. De seguida, coincidindo com o período de maior sucesso eleitoral do *SYRIZA*, registamos uma abrupta viragem à esquerda do *PASOK* (valores mais reduzidos) a caminho das eleições de Janeiro de 2015, ligeiramente corrigida até as eleições de Setembro do mesmo ano. Comparando com o percurso do *SYRIZA*, já foi observado que ambos os partidos terminaram a série sensivelmente no mesmo ponto da escala esquerda-direita (ver Gráfico 8).

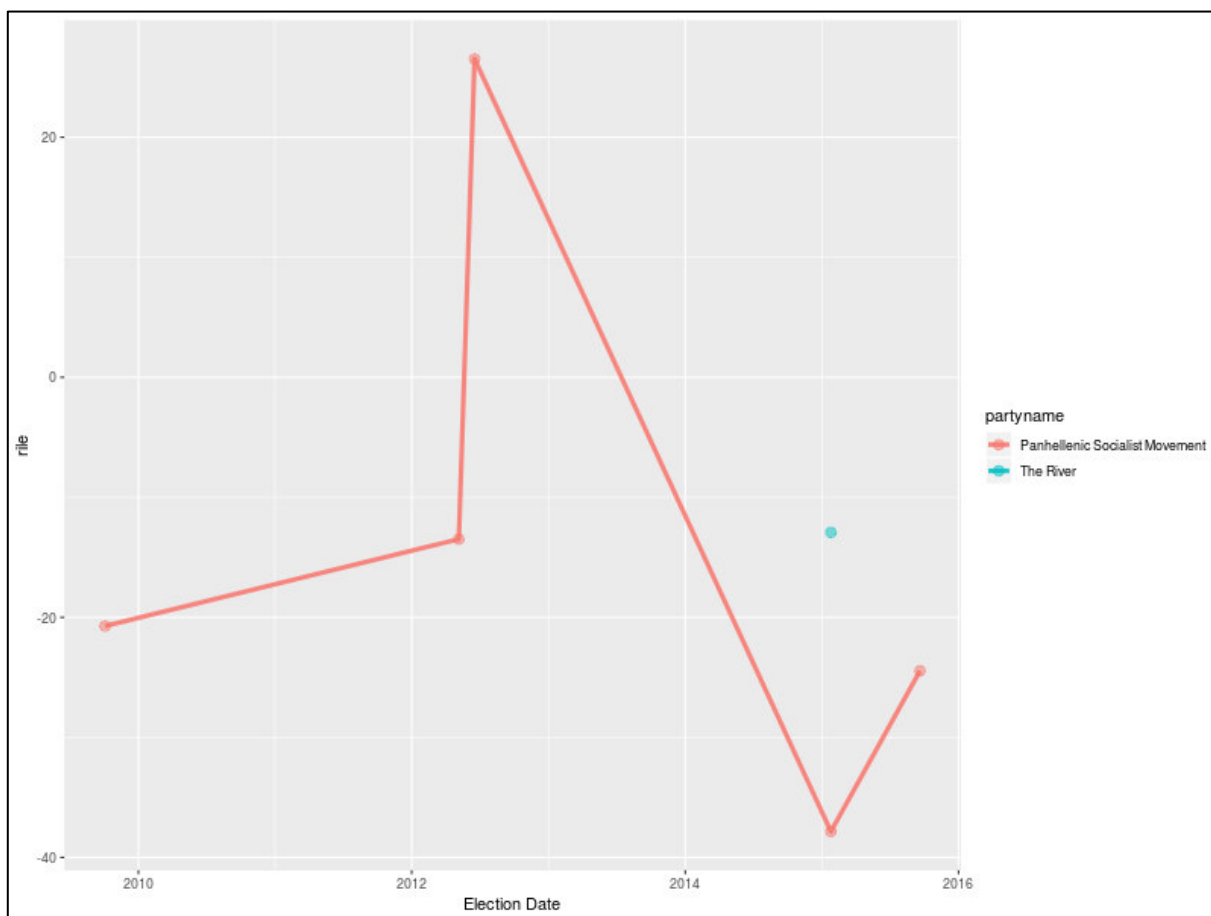


Gráfico 10: Evolução ideológica dos partidos gregos de centro-esquerda numa escala de esquerda-direita.

No que diz respeito ao *PSOE*, cuja trajetória ideológica entre 2015 e 2019 está patente no Gráfico 9 (linha verde correspondente à legenda *Spanish Socialist Workers' Party*), registamos uma evolução quase perfeitamente em paralelo com a do *Podemos*. Depois de uma pequena aproximação à direita (valores mais elevados) entre as eleições de 2015 e de 2016, o histórico partido espanhol iniciou uma clara inflexão à esquerda (valores mais reduzidos) até 2019, ano

em que a corrigiu ligeiramente. Não obstante ter finalizado a série numa posição bem menos à esquerda que o *Podemos*, interpretamos a sua evolução quase simétrica como uma reacção ao sucesso eleitoral dos populistas de esquerda, num exercício óbvio de “competição posicional”.<sup>202</sup>

Consequentemente, encontramos-nos em condições de validar a **H5**, visto que tanto o *PASOK* quanto o *PSOE* adoptaram posições ideológicas mais à esquerda perante a afirmação política de partidos populistas de esquerda. Deste modo, podemos complementar a literatura citada a respeito da interacção entre partidos populistas e partidos tradicionais com a conclusão de que, à semelhança do que ocorre à direita, também o sucesso do populismo de esquerda tem um efeito de contágio programático sobre os partidos de centro-esquerda *mainstream*.

---

<sup>202</sup> Kenneth M. Roberts, op. cit., 151.

## CONCLUSÕES

As últimas décadas, desde o *Maio de 68* até a Queda do Muro de Berlim, passando pelos desafios do novo milénio, trouxeram evidentes mudanças aos partidos da esquerda europeia. Em alguns casos, presenciámos a refundação de partidos comunistas, o seu lento desaparecimento ou uma firme resistência aos tempos modernos. Noutros, assistimos ao surgimento de novas forças políticas, ligadas às chamadas causas pós-materialistas. Falamos de partidos identitários que sacrificam a abrangência das antigas ideologias em nome de lutas mais concretas e compartimentadas como o ambientalismo, o combate pelos direitos das mulheres, das minorias sexuais ou dos animais. No âmbito desta “Esquerda em Revolução”, o mote da presente investigação, privilegiámos outro momento fundamental e outras esquerdas. Ao invés de 1968 ou 1989, o período-chave para nós foram os anos da Grande Recessão, a partir de 2008, com especial ênfase na crise das dívidas soberanas da Zona Euro. Quanto às esquerdas dentro da esquerda, concentrámo-nos na interacção entre os tradicionais partidos sociais-democratas e as forças populistas de esquerda, os dois mais directos concorrentes pela liderança deste espaço político no caso de Espanha e da Grécia.

Se duma dança se tratasse, entre dois competidores que colaboram no intuito de se ultrapassarem em brilhantismo e notoriedade, não poderíamos cingir a nossa análise aos movimentos de *SYRIZA* e *Podemos*, de um lado, e de *PASOK* e *PSOE*, do outro. Observaríamos o terreno e a forma como este favorecia ou prejudicava os dançarinos, deter-nos-íamos nas roupas que envergavam, exteriorização de uma personalidade que deveríamos estudar a fundo e de um passado a investigar sem pudor. Compará-los-íamos com os demais concorrentes, mas acima de tudo, procuraríamos absorver cada passo, aceleração ou travagem súbita, de modo a prever o segundo seguinte e a forma como a acção de um obrigava a uma reacção do outro.

De certa forma, foi precisamente isto que fizemos ao longo deste exercício de análise política comparada. Porque, também na Ciência Política, tudo é pausa e movimento, acção e

reacção, tempo e espaço, sujeito que é objecto, objecto que se reclama sujeito, competição e cooperação numa demanda pelo sucesso individual e colectivo. Da nossa parte, como espectador atento e imparcial que todo o investigador deve ser, limitámo-nos a observar e a registar. Exige-se agora que saibamos resumir o que descobrimos.

### Populismo de esquerda em teoria – A conclusão

Em primeiro lugar, é útil relembrarmos a forma como olhámos retrospectivamente para o fenómeno populista, desde a segunda metade do século XIX até os dias de hoje, num exercício que confirmou a relação umbilical entre populismo e democracia. Como escreve Margaret Canovan, “o populismo é uma sombra criada pela própria democracia”,<sup>203</sup> razão pela qual, mais do que saber se o populismo é sintoma, causa ou cura para os problemas dos regimes democráticos, devemos compreender que onde quer que triunfe a democracia, surgirão também fenómenos populistas.

No que diz respeito aos vários modos de definir e analisar o populismo, privilegiámos a abordagem performativa de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, segundo a qual este se trata de uma “estratégia discursiva para construir uma fronteira política que divida a sociedade em dois campos e apela à mobilização dos «miseráveis» contra os «que estão no poder»”.<sup>204</sup> Em complemento com a abordagem ideacional de Mudde e Kaltwasser, que nos foi bastante útil no exercício prático de medição intertemporal do populismo, conseguimos individualizar três elementos fundamentais deste fenómeno político: a constituição de um povo e sua exaltação (*people-centrism*), a construção de uma fronteira agonística no formato *nós vs. eles* em relação às elites oligárquicas (anti-elitismo) e a valorização da soberania popular.

---

<sup>203</sup> Margaret Canovan. “Trust the people! Populism and the two faces of democracy,” *Political Studies* XLVII, (1999): 2.

<sup>204</sup> Chantal Mouffe, *Por um Populismo de Esquerda*, trad. Helena Ramos (Lisboa: Gradiva, 2019), 22.

Na verdade, quer falemos do populismo de esquerda ou do populismo de direita, encontraremos um apelo transversal à recuperação dessa soberania popular perdida, justificado por teóricos como Jacques Rancière ou Colin Crouch pelo contexto de pós-democracia que, segundo eles, caracteriza o mundo ocidental contemporâneo. Por sua vez, Chantal Mouffe atribui à alegada hegemonia neoliberal as responsabilidades por esse cenário de democracia que o é apenas na forma, já que a governação propriamente dita dependerá da vontade de uma elite política e financeira que terá corroído os pilares democráticos da igualdade e da soberania popular. No entanto, a autora belga viu no triunfo da pós-democracia as sementes do seu próprio fim e os indícios da crise da formação hegemónica neoliberal.

Já os partidos social-democratas, que teoricamente poderiam beneficiar dessa crise, revelavam eles próprios sinais de um declínio prolongado. Viam-se incapazes de produzir uma política económica adaptada a uma nova economia globalizada, demasiado apegados a um conceito estreito de “classe social”, ultrapassado pela atomização das sociedades contemporâneas, e atormentados pela aproximação ao centro que a *Terceira Via* protagonizou.

Assim, se a isto juntarmos os profundos impactos socioeconómicos da Grande Recessão, iniciada em 2008, e das políticas de austeridade que os governos europeus adoptaram para enfrentar a subsequente crise da Zona Euro, assistimos à emergência de um “momento populista”. Perante tamanha crise de representação e de autoridade no seio dos regimes democráticos, conjugaram-se na perfeição uma série de factores que conduziram ao sucesso de partidos populistas de esquerda em países como Espanha e Grécia.

Portanto, entendidas as causas, chegara o momento de dissecar o populismo de esquerda em busca da sua essência. Nesta demanda, identificámos a inclusão social como valor orientador, numa lógica de retoma da revolução democrática iniciada no século XVIII. Por outras palavras, estes partidos apontam para o que Chantal Mouffe apelidou de “radicalização da democracia”, isto é a extensão dos princípios democráticos da liberdade e da igualdade a todos

os cidadãos. Por conseguinte, tendo esse propósito como pano de fundo, verificámos que a estratégia populista de esquerda se baseia na construção simbólica de um povo oprimido por elites oligárquicas, a fim de repolitizar a sociedade, reacender a sua conflitualidade adormecida e, assim, derrotar a formação hegemónica neoliberal, suposta responsável pelo declínio democrático.

Posto isto, foi exactamente devido ao estudo da dicotomia *nós vs. eles* adoptada pelo populismo de esquerda que pudemos com facilidade distingui-lo do populismo de direita. Auxiliados mais uma vez por Cas Mudde e Rovira Kaltwasser, classificámos o populismo de esquerda como “inclusivo” e o de direita como “exclusivo”.<sup>205</sup> Com efeito, enquanto o primeiro procura a inclusão de vários grupos, nomeadamente os mais desfavorecidos e marginalizados, na redistribuição do rendimento, na luta por maior participação política e representatividade e na construção simbólica do amplo *nós*, o segundo faz gala de excluir certas minorias da ajuda estatal e reduzir o seu espaço de expressão e representação, além de restringir o mesmo *nós* apenas aos cidadãos nacionais. Ademais, se à direita a mobilização populista se dá em torno de questões socioculturais e identitárias, à esquerda ela centra-se em matérias socioeconómicas. Por esta razão, observámos que o populismo de esquerda se orienta segundo um eixo “vertical cima/baixo”, com as elites no topo e o povo na base, enquanto para o populismo de direita a oposição se faz também horizontalmente “dentro-fora”, entre nacionais e estrangeiros.<sup>206</sup>

De igual modo, considerámos relevante o exercício de diferenciação dos partidos populistas de esquerda em relação às restantes forças políticas que habitam esse lado do espectro partidário. Neste âmbito, o populismo de esquerda foi incorporado na categoria do “reformismo radical”, na medida em que conjuga a ferocidade da luta anti-capitalista com a lealdade aos regimes demoliberais. Por sua vez, enquanto os seus concorrentes sociais-democratas se inserem no “reformismo puro”, confortável quer com a democracia liberal, quer

---

<sup>205</sup> Marco Damiani, op. cit., 38.

<sup>206</sup> De Cleen, op. cit., 150.

com a hegemonia neoliberal, na extrema-esquerda marxista encontramos a “política revolucionária”, a favor não só de uma transformação socialista, mas também de uma ruptura absoluta com o regime democrático constitucional.<sup>207</sup> Além disso, no que diz respeito à construção do *nós*, seguimos Luke March na distinção entre “esquerda de classe” e “esquerda de povo”.<sup>208</sup> Da primeira fazem parte tanto os partidos de extrema-esquerda quanto os de esquerda moderada, dado que limitam o conflito *nós vs. eles* à oposição entre capitalistas e classes trabalhadoras. Em oposição a este “essencialismo de classe”,<sup>209</sup> o populismo de esquerda imagina o seu povo de forma heterogênea e transversal, associando por meio de “cadeias de equivalência” todos os oprimidos por múltiplas relações de dominação, desde o homem negro desempregado até o pequeno comerciante, passando pela mãe solteira, pelo jovem ambientalista, pelo professor precário, pelo imigrante homossexual ou pelo pensionista empobrecido. Finalmente, ao contrário da lógica divisionista tradicionalmente adoptada pelos seus concorrentes de esquerda, partidos como *SYRIZA* ou *Podemos* advogam uma união de todo o espaço progressista no combate ao neoliberalismo.

Assim, resumidas as conclusões essenciais dos capítulos teóricos, estamos em condições de avançar para o sumário dos principais resultados obtidos durante a fase experimental da presente investigação.

#### Populismo de esquerda na prática – A conclusão

Após termos assentado os alicerces teóricos cruciais para o estudo do populismo de esquerda, avançamos para a construção do edifício propriamente dito, isto é, a compreensão

---

<sup>207</sup> Chantal Mouffe, op. cit., 55.

<sup>208</sup> Marco Damiani, op. cit., 35.

<sup>209</sup> Chantal Mouffe, op. cit., 16.

prática da interação entre partidos populistas de esquerda e partidos sociais-democratas no caso de Espanha e da Grécia, a partir de 2008.

Apesar de nos referirmos aos dois países europeus onde o populismo de esquerda mais sucesso eleitoral obteve, a verdade é que há vários outros factores estruturais que aproximam os dois Estados. De entre eles, destacamos um processo de democratização iniciado na década de 1970, que rompeu com regimes autoritários de maior ou menor duração; um sistema político tradicionalmente assente num estável bipartidarismo governativo, com o poder partilhado à vez entre centro-esquerda e centro-direita; um quadro de profundo sofrimento social provocado pelas consequências económicas da Grande Recessão e, em especial, pelas políticas de austeridade adoptadas em resposta à crise das dívidas soberanas da Zona Euro; e, por último, um cenário de convulsão social e desilusão com a generalidade da classe política que resultou na emergência do movimento dos *Indignados*, face popular de uma mobilização que os partidos populistas de esquerda navegaram politicamente.

Ao invés, foi-nos também possível encontrar elementos que distanciam o grego *SYRIZA* do espanhol *Podemos*. Enquanto o partido de Tsipras correspondia a uma força política de esquerda existente há vários anos no sistema político grego que adoptou, a partir da crise financeira, uma dimensão populista, o *Podemos* nasceu precisamente durante os anos da Grande Recessão já como um partido populista de esquerda. Além disso, observámos facilmente que a dimensão do sucesso obtido pelo partido grego, que lhe garantiu a possibilidade de chefiar o governo do país, foi bastante superior ao alcançado pelo partido liderado por Pablo Iglesias. Na verdade, se o *SYRIZA* conseguiu remodelar o bipartidarismo grego de modo a substituir o *PASOK* na alternância governativa com a *Nova Democracia*, o *Podemos* apenas logrou, e em conjunto com outras forças políticas, construir um quadro pluripartidário do qual é parte relevante, mas não dominante.

Deste modo, não serão surpreendentes os resultados a que chegámos a propósito da correlação entre o sucesso eleitoral de *SYRIZA* e *Podemos* e o conseqüente insucesso de *PASOK* e *PSOE*. Por um lado, tornou-se inegável o efeito catastrófico que, na Grécia, a ascensão do populismo de esquerda teve no ocaso do histórico *PASOK*. Tanto assim que justificou um novo conceito, já aceite na Ciência Política, de *pasokização*, por nós aqui confirmado. Por outro lado, apesar de existente, o impacto negativo da ascensão do *Podemos* sobre o *PSOE* revelou-se mais moderado, algo que explicamos pela menor gravidade da crise económica em Espanha, em comparação com a Grécia, pelo facto de o *PSOE*, ao contrário do *PASOK*, não ter sido governo durante esse período, pela presença de uma série de outros actores políticos com sucesso concomitante ao do *Podemos* e pela forma como, quer o partido de Iglesias, quer o partido de Pedro Sánchez lidaram com esse mesmo sucesso.

Com efeito, recorrendo a métodos de análise quantitativa de manifestos e discursos eleitorais, constatámos que em reacção aos seus bons resultados eleitorais e à crescente probabilidade de ascensão ao governo (ou ascensão de facto), *Podemos* e *SYRIZA* tomaram o mesmo passo estratégico de moderar a retórica populista, ainda que em momentos diferentes da sua evolução. Enquanto o partido grego apenas optou pela inflexão já tendo conquistado o poder, após várias eleições disputadas, os populistas espanhóis fizeram-no logo a partir do momento em que se afiguravam relevantes para o processo de formação do executivo, que vieram a integrar em 2019, coligados com o *PSOE*. Por conseguinte, não podemos descartar a precocidade da moderação populista do *Podemos* a partir de 2015/2016 como uma razão para as perdas eleitorais que se verificaram desde essa altura.

Do lado dos partidos sociais-democratas tradicionais, o mesmo exercício de medição do populismo demonstrou, contra as nossas previsões apontando para um contágio populista, que a estratégia adoptada por *PASOK* e *PSOE* face à ameaça de Iglesias e Tsipras passou pela redução da retórica populista, num evidente esforço de demarcação institucionalista. Contudo,

descobrimos, sim, um contágio ideológico, já que ambos os partidos *mainstream* acentuaram o seu esquerdismo no espectro político como resposta a *SYRIZA* e *Podemos*. Pelo contrário, nestes últimos observámos a trajectória inversa, marcada por uma moderação ideológica perante a iminência ou a concretização do exercício de cargos governativos.

Consequentemente, estamos agora em perfeitas condições de, em poucas palavras, dar satisfação à interrogação que orientou muitas mais páginas. Relembrando-a, perguntava o seguinte: **“Qual foi o impacto da ascensão do populismo de esquerda nos partidos sociais-democratas tradicionais e nas dinâmicas de competição política entre forças de centro-esquerda e esquerda populista, considerando os casos da Grécia e de Espanha no pós-crise financeira de 2008?”**. Em resposta, começamos por afirmar que tanto o *SYRIZA* o *Podemos* contribuíram, ainda que em escalas diferentes, para piores resultados eleitorais de *PASOK* e *PSOE*, respectivamente. Em segundo lugar, ao rápido sucesso dos partidos populistas de esquerda, os partidos históricos da social-democracia grega e espanhola retorquiram com a intensificação do seu esquerdismo ideológico e da sua retórica institucionalista, menos populista que antes. Por último, neste equilíbrio concorrencial a dois, *SYRIZA* e *Podemos* sofreram aquilo que apelidámos de “efeito palácios”: à medida que os portões do poder se lhes eram abertos, eles optaram pela moderação, quer do seu populismo, quer da sua dimensão de esquerda.

#### Contributos para a Ciência

Na sequência das conclusões que acabámos de expor, cumpre-nos destacar o que acreditamos serem alguns contributos positivos para o conhecimento científico a propósito do populismo e do seu impacto nos sistemas políticos em que floresce.

Primeiramente, além de termos acrescentado atenção e labor ao tema muitas vezes negligenciado do populismo de esquerda, fizemo-lo com o foco em países europeus e não latino-americanos, como é mais comum. Nesse sentido, e tendo feito uso extensivo da perspectiva

discursiva de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, continuámos o trabalho desenvolvido no “Cluster Complutense do Populismo” (Madrid) e no “Cluster Tessalonicense do Populismo” (Salónica).

Ademais, fomos capazes de abordar com detalhe a interacção entre partidos populistas de esquerda e partidos sociais-democratas. Com efeito, indo na pegada de investigadores como Tarik Abou-Chadi e Werner Krause,<sup>210</sup> que observaram um contágio ideológico entre partidos populistas de direita e partidos de centro-direita *mainstream*, também nós realizámos o mesmo exercício e obtivemos os mesmos resultados a respeito do outro lado do espectro político.

De igual modo, enquanto Paris Aslanidis e Cristóbal Rovira Kaltwasser<sup>211</sup> explicaram a redução do populismo do *SYRIZA* após a conquista do poder executivo através da pressão exercida por uma série de agentes domésticos e internacionais, nós provámo-la centrando-nos no próprio *SYRIZA* e nos discursos proferidos pelo líder, Alexis Tsipras. Aliás, num exercício repetido para os restantes partidos em estudo, *Podemos*, *PSOE* e *PASOK*, demonstrámos a validade da análise quantitativa de conteúdo como meio para eficazmente medir o populismo ao longo do tempo. Aqui, aplicámos em nome próprio e de forma adaptada à Grécia e a Espanha, os esforços de Matthijs Rooduijn e Teun Pauwels.<sup>212</sup>

Em resultado desse exercício, pudemos complementar a pesquisa do mesmo Matthijs Rooduijn, agora em conjunto com Sarah L. de Lange e Wouter van der Brug. Se da sua análise dos casos de Alemanha, França, Itália, Países Baixos e Inglaterra, eles concluíram que “os

---

<sup>210</sup> Tarik Abou-Chadi, and Werner Krause, “The Causal Effect of Radical Right Success on Mainstream Parties’ Policy Positions: A Regression Discontinuity Approach,” *British Journal of Political Science* 50, no. 3 (2020): 829.

<sup>211</sup> Paris Aslanidis, and Cristóbal Rovira Kaltwasser, “Dealing with populists in government: the SYRIZA-ANEL coalition in Greece,” *Democratization* 23, no. 6 (2016): 1077.

<sup>212</sup> Teun Pauwels, “Measuring Populism: A Quantitative Text Analysis of Party Literature in Belgium,” *Journal of Elections, Public Opinion and Parties* 21, no. 1 (2011): 97-119; Matthijs Rooduijn, and Teun Pauwels, “Measuring Populism: Comparing Two Methods of Content Analysis,” *West European Politics* 34, no. 6 (2011): 1272-1283.

partidos *mainstream* não ficaram mais populistas quando (...) desafiados por partidos populistas”,<sup>213</sup> nós verificámos que exactamente o mesmo se passou com *PASOK* e *PSOE*.

Por último, reforçando as descobertas de Luke March, para quem “a esquerda populista britânica é primeiro socialista e só depois populista”,<sup>214</sup> também aqui constatámos que *SYRIZA* e *Podemos* foram tendencialmente mais céleres e intensos na redução do seu populismo do que na moderação do seu esquerdismo.

Assim, honrados por termos podido subir aos ombros de grandes referências no estudo da esquerda e do populismo, estamos convictos de ter sido capazes de alimentar esse “bichinho álaçre e sedento”<sup>215</sup> que é o conhecimento científico, a maior motivação de qualquer investigador.

#### Recomendações sobre investigação futura

Como é da natureza de todas as dissertações de mestrado, o que as páginas acima foram oferecendo teve mais que ver com um exercício do possível do que com a procura de um ideal. Logicamente, variáveis como o tempo, a extensão aceitável para este género de trabalhos ou limitações da parte de quem escreve impediram a exploração de uma série de temas adicionais. Por este motivo, resta-nos apontar para a possibilidade de, no futuro, se vir a desenvolver pesquisa nesse âmbito.

Tendo em conta que Espanha e Grécia não foram os únicos países da Europa do Sul em que os custos sociais e políticos da Grande Recessão se fizeram sentir, seria útil avançar-se para o estudo do populismo de esquerda em países com Portugal e Itália. Será que partidos como o

---

<sup>213</sup> Matthijs Rooduijn, Sarah L. de Lange, and Wouter van der Brug, op. cit., 571.

<sup>214</sup> Luke March, “Left and right populism compared: The British case,” *British Journal of Politics and International Relations* 19, no. 2 (2017): 300.

<sup>215</sup> António Gedeão, *Pedra Filosofal*, 1956.

*MoVimento 5 Stelle* ou o Bloco de Esquerda se inserem nessa categoria? Especificamente no caso português, um país que também viveu anos de forte recessão económica e a execução de um exigente Memorando de Entendimento com as instituições internacionais, como se explica a ausência de um ímpeto populista de esquerda, pelo menos de dimensão intermédia entre o exemplo grego e espanhol? Perguntas que, se respondidas, muito acrescentariam acerca dos factores determinantes do populismo de esquerda.

Além disso, os próprios partidos populistas que aqui estudámos vivem hoje fases diferentes da sua evolução política. Enquanto o *SYRIZA* lidera a oposição ao governo de Kyriákos Mitsotákis, em Espanha o *Podemos* integra, desde 2019, uma coligação governamental com o *PSOE*. Portanto, valeria muito a pena continuar-se a medir a intensidade populista de ambos os partidos. Da nossa parte, prevemos um reforço na estratégia populista do *SYRIZA* e uma acalmia da mesma no caso do *Podemos*, mas só o estudo dos dois partidos o poderá confirmar.

De uma perspectiva mais teórica, seria igualmente importante comparar as propostas soberanistas que *SYRIZA* e *Podemos* defendem, à escala nacional, no intuito de revitalizar as democracias liberais, com iniciativas como o partido transnacional *DiEM25* (*Democracy in Europe Movement 2025*). Fundado pelo ex-ministro das finanças do primeiro governo do *SYRIZA*, Yanis Varoufakis, este movimento pan-europeu almeja uma “coligação de democratas”<sup>216</sup> sem fronteiras, ao mesmo tempo que partilha características típicas do populismo de esquerda, tais como a construção de um povo (união dos povos europeus) oprimido pelas elites oligárquicas (grandes bancos, burocratas em Bruxelas, a generalidade das elites políticas...). Assim, um contraste entre o populismo soberanista e este populismo transnacional faria todo o sentido. Entre outras questões, podemos-nos interrogar sobre a compatibilidade entre ambos,

---

<sup>216</sup> De Cleen, Benjamin et al, “The Potentials and Difficulties of Transnational Populism: The Case of the Democracy in Europe Movement 2025 (DiEM25),” *Political Studies* 68, no. 1 (2020): 158.

integrando esta dualidade no velho debate, tão típico da esquerda, sobre a primazia da acção nacional ou internacional na luta por um fim partilhado.

Por último, do mesmo modo que aqui examinámos a interacção entre partidos populistas de esquerda e partidos sociais-democratas, importa também explorar a relação dinâmica entre o populismo de esquerda e a extrema-esquerda marxista tradicional.

### Nota final

Depois de um período áureo para o populismo de esquerda, entre 2014 e 2015, a realidade europeia e internacional foi desiludindo muitos daqueles que tinham olhado para *SYRIZA* e *Podemos* como símbolos de um mundo em mudança. Desde a assinatura do terceiro Memorando de Entendimento por parte de Tsipras, até a sequência de resultados desapontantes, não só do *Podemos*, mas também de partidos e personalidades ideologicamente próximas deste, tais como *La France Insoumise*, o *Labour Party* (quando liderado por Jeremy Corbyn) ou mesmo Bernie Sanders, nos Estados Unidos, a verdade é que os anos que se seguiram evidenciaram a ascensão do populismo de direita e uma regressão no populismo de esquerda.

No entanto, já que o sucesso de *SYRIZA* e *Podemos* se deveu a uma conjugação particular de factores estruturais e conjunturais, como a Grande Recessão e a crise da Zona Euro, nada garante que um novo “momento populista” à esquerda não se repita. Com efeito, enquanto escrevemos estas linhas, a Europa progride no esforço de vacinação contra a COVID-19, mas é já sabido que os efeitos socioeconómicos da pandemia perdurarão e afectarão sobretudo os países mediterrânicos.<sup>217</sup> Ora, tendo em consideração que é sobretudo de factores socioeconómicos que a mobilização populista de esquerda se alimenta, é perfeitamente

---

<sup>217</sup> Agência Lusa, “Países do sul da Europa mais expostos ao desemprego que pode atrasar recuperação,” *Diário de Notícias*, 23 de Abril, 2021, <https://www.dn.pt/internacional/paises-do-sul-da-europa-estao-mais-expostos-ao-desemprego-que-pode-atrasar-recuperacao-alerta-moodys-13603243.html>.

plausível que voltemos a presenciar uma nova vaga de esperança para estes partidos. Que poderá ter consequências nos sistemas políticos onde forem bem-sucedidos.

Assim, se prever com detalhe o futuro está fora do alcance de qualquer mortal, ler no passado as tendências que o podem definir é um esforço no qual vale a pena participar. Aqui fica o nosso contributo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros e capítulos de livros

- Agustín, Ó. G., and Marco Briziarelli. "Introduction: Wind of Change: Podemos, Its Dreams and Its Politics." In *Podemos and the New Political Cycle: Left-wing Populism and Anti-establishment Politics*, edited by Óscar García Agustín and Marco Briziarelli, 14-33. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.
- Barr, Robert R. "Populism as a Political Strategy." in *The Routledge Handbook of Global Populism*, edited by Carlos de la Torre, 44-56. New York: Routledge, 2019.
- Crouch, Colin. "Class Politics and the Social Investment Welfare State." In *The Crisis of Social Democracy in Europe*, edited by Michael Keating, 156–68. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.
- Crouch, Colin. *Post-democracy*. Cambridge: Polity Press, 2004.
- Damiani, Marco. *Populist radical left parties in Western Europe*. New York: Routledge, 2020.
- Damiani, Marco. "Radical left-wing populism and democracy in Europe." In *Routledge Handbook of Global Populism*, edited by Carlos de La Torre, 295-306. New York: Routledge, 2019.
- de la Torre, Carlos. "Global populism: Histories, trajectories, problems, and challenges." In *Routledge Handbook of Global Populism*, edited by Carlos de La Torre, 1-27. New York: Routledge, 2019.
- Errejón, Íñigo, and Chantal Mouffe. *Podemos: In the Name of the People*. London: Lawrence & Wishart, 2016.
- Gramsci, Antonio. *Prison Notebooks*. Translated by Quintin Hoare. London: Lawrence & Wishart, 1971.

- Hawkins, Kirk A. "The ideational approach." In *Routledge Handbook of Global Populism*, edited by Carlos de La Torre, 57-72. New York: Routledge, 2019.
- Kaltwasser, Cristóbal Rovira. "Populism and the Question of How to Respond to It." In *The Oxford Handbook of Populism*, edited by Cristóbal Rovira Kaltwasser, Paul Taggart, Paulina Ochoa Espejo, and Pierre Ostiguy. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- Kaltwasser, Cristóbal Rovira, Paul Taggart, Paulina Ochoa Espejo, and Pierre Ostiguy. "Populism: An Overview of the Concept and the State of the Art." In *The Oxford Handbook of Populism*, edited by Cristóbal Rovira Kaltwasser, Paul Taggart, Paulina Ochoa Espejo, and Pierre Ostiguy. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- Katsambekis, Giorgos, and Alexandros Kioupiolis, eds. *The Populist Radical Left in Europe*. New York: Routledge, 2019.
- Katsourides, Yiannos. "The Radical Left." In *The Oxford Handbook of Modern Greek Politics*, edited by Kevin Featherstone and Dimitri A. Sotiropoulos, Chapter 19. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- Keating, Michael, and David McCrone. "The Crisis of Social Democracy." In *The Crisis of Social Democracy in Europe*, edited by Michael Keating, 1–13. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.
- Kioupiolis, Alexandros, and Giorgos Katsambekis. "New Left Populism contesting and taking power: The cases of SYRIZA and Podemos." In *Left Radicalism and Populism in Europe*, edited by Giorgos Charalambous and Gregoris Ioannou, 129-155. New York: Routledge, 2020.
- Laclau, Ernesto, and Chantal Mouffe. *Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics*. London: Verso, 1985.
- Laclau, Ernesto. *On Populist Reason*. London: Verso, 2005.
- Laclau, Ernesto. "Populism: What's in a Name?" In *Populism and the Mirror of Democracy*, edited by Francisco Panizza, 32–55. London: Verso, 2005.

- Lyrintzis, Christos. "The Socialists." In *The Oxford Handbook of Modern Greek Politics*, edited by Kevin Featherstone and Dimitri A. Sotiropoulos, Chapter 18. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- Manwaring, Rob, and Paul Kennedy, eds. *Why the left loses: the decline of the centre-left in comparative perspective*. Bristol: Policy Press, 2018.
- March, Luke. *Radical left parties in Europe*. New York: Routledge, 2011.
- Markou, Grigoris. "Populism in Government: The Case of SYRIZA (2015–2019)." In *Populism in Global Perspective: A Performative and discursive Approach*, edited by Pierre Ostiguy, Francisco Panizza, and Benjamin Moffitt, 178-198. New York: Routledge, 2021.
- McCrone, David, and Michael Keating. "Social Democracy in Crisis: Outlining the Trends in Western Europe." In *The Crisis of Social Democracy in Europe*, edited by Michael Keating, 28–46. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.
- Mouffe, Chantal. *On the Political*. New York: Routledge, 2005.
- Mouffe, Chantal. *Por um Populismo de Esquerda*. Tradução de Helena Ramos. Lisboa: Gradiva, 2019.
- Mouffe, Chantal. "The «End of Politics» and the Challenge of Right-wing Populism." In *Populism and the Mirror of Democracy*, edited by Francisco Panizza, 50-71. London: Verso, 2005.
- Mudde, Cas, and Cristóbal Rovira Kaltwasser. "Populism." In *The Oxford Handbook of Political Ideologies*, edited by Michael Freeden and Marc Stears. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- Panizza, Francisco, and Yannis Stavrakakis. "Populism, Hegemony, and the Political Construction of «The People»: A Discursive Approach." In *Populism in Global Perspective: A Performative and discursive Approach*, edited by Pierre Ostiguy, Francisco Panizza, and Benjamin Moffitt, 21-46. New York: Routledge, 2021.

- Panizza, Francisco. "Introduction: Populism and the Mirror of Democracy." In *Populism and the Mirror of Democracy*, edited by Francisco Panizza, 1-31. London: Verso, 2005.
- Pappas, Takis S., and Paris Aslanidis. "Greek Populism: A Political Drama in Five Acts." In *European Populism in the Shadow of the Great Recession*, edited by Hanspeter Kriesi and Takis S. Pappas, 181– 196. Colchester: ECPR Press, 2015.
- Peruzzotti, Enrique. "Laclau's theory of populism: a critical review." In *Routledge Handbook of Global Populism*, edited by Carlos de La Torre, 33-43. New York: Routledge, 2019.
- Pinto, Jaime Nogueira. *Bárbaros e Iluminados – Populismo e Utopia no Século XXI*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2017.
- Roberts, Kenneth M. "Left, right, and the populist structuring of political competition." In *Routledge Handbook of Global Populism*, edited by Carlos de La Torre, 149-162. New York: Routledge, 2019.
- Sassoon, Donald. "The Long Depression, the Great Crash and Socialism in Western Europe." In *The Crisis of Social Democracy in Europe*, edited by Michael Keating, 14–27. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.
- Segatti, Paolo and Francesco Capuzzi. "Five Stars Movement, Syriza and Podemos: A Mediterranean Model?" In *Populism on the Rise: Democracies Under Challenge*, edited by Alberto Martinelli, 47-72. Milano: Edizioni Epoké – ISPI, 2016.
- Tavares, Rui. *Esquerda e Direita: Guia histórico para o século XXI*. Lisboa: Edições tinta-da-china, 2015.
- Worth, Owen. "Corbyn, Sanders and the contestation of neoliberal hegemony." In *Left Radicalism and Populism in Europe*, edited by Giorgos Charalambous and Gregoris Ioannou, 89-105. New York: Routledge, 2020.
- Zúquete, José Pedro. "From left to right and beyond." In *Routledge Handbook of Global Populism*, edited by Carlos de La Torre, 416-434. New York: Routledge, 2019.

### Artigos científicos

- Abou-Chadi, Tarik, and Werner Krause. "The Causal Effect of Radical Right Success on Mainstream Parties' Policy Positions: A Regression Discontinuity Approach." *British Journal of Political Science* 50, no. 3 (2020): 829–47.
- Aslanidis, Paris, and Cristóbal Rovira Kaltwasser. "Dealing with populists in government: the SYRIZA-ANEL coalition in Greece." *Democratization* 23, no. 6 (2016): 1077–1091.
- Aslanidis, Paris. "Measuring populist discourse with semantic text analysis: an application on grassroots populist mobilization." *Quality & Quantity* 52, (May 2018): 1241–1263.
- Canovan, Margaret. "Trust the people! Populism and the two faces of democracy." *Political Studies* XLVII, (1999): 2-16.
- Crouch, Colin. "The March Towards Post-Democracy, Ten Years On." *The Political Quarterly* 87, no. 1 (January–March 2016): 71-75.
- De Cleen, Benjamin, Benjamin Moffitt, Panos Panayotu and Yannis Stavrakakis. "The Potentials and Difficulties of Transnational Populism: The Case of the Democracy in Europe Movement 2025 (DiEM25)." *Political Studies* 68, no. 1 (2020): 146–16.
- Font, Nuria, Paolo Graziano, and Myrto Tsakatika. "Varieties of Inclusionary Populism? SYRIZA, Podemos and the Five Star Movement." *Government and Opposition* 56, no. 1 (2021): 163–83.
- Fouskas, Vassilis K. "The Greek Conundrum." *The Political Quarterly* 90, no. 4 (October–December 2019): 772-776.
- Gerbaudo, Paolo, and Francesco Screti. "Reclaiming Popular Sovereignty: The vision of the State in the discourse of Podemos and the Movimento 5 Stelle." *Javnost: The Public* 24, no. 4 (2017): 320-335.

- Gerbaudo, Paolo. "The indignant citizen: anti-austerity movements in southern Europe and the anti-oligarchic reclaiming of citizenship." *Social Movement Studies* 16, no. 1(2017): 36–50.
- Gerbaudo, Paolo. "The Populist Era." *Soundings: A journal of politics and culture*, no. 65 (Spring 2017): 46-58.
- Hawkins, Kirk A. "Is Chávez Populist? Measuring Populist Discourse in Comparative Perspective." *Comparative Political Studies* 42, no. 8 (August 2009): 1040-1067.
- Katsambekis, Giorgos. "Radical Left Populism in Contemporary Greece: Syriza's Trajectory from Minoritarian Opposition to Power." *Constellations* 23, no. 3 (2016): 391–403.
- Krause, Werner. "Appearing moderate or radical? Radical left party success and the two-dimensional political space." *West European Politics* 43, no. 7 (2020): 1365-1387.
- March, Luke. "Left and right populism compared: The British case." *British Journal of Politics and International Relations* 19, no. 2 (2017): 282-303.
- Monedero, Juan Carlos. "La democracia agredida: Populismo, posdemocracia y neoliberalismo." *NUEVA SOCIEDAD* 267, (January–February 2017): 142–155.
- Pauwels, Teun. "Measuring Populism: A Quantitative Text Analysis of Party Literature in Belgium." *Journal of Elections, Public Opinion and Parties* 21, no. 1 (2011): 97-119.
- Payá, Pablo Ribera. "Measuring Populism in Spain: content and discourse analysis of Spanish Political Parties." *Journal of Contemporary European Studies* 27, no. 1 (2019): 28-60.
- Rodrik, Dani. "Populism and the economics of globalization." *Journal of International Business Policy* 1, no. 1 (2018): 12-33.
- Rooduijn, Matthijs, and Teun Pauwels. "Measuring Populism: Comparing Two Methods of Content Analysis." *West European Politics* 34, no. 6 (2011): 1272-1283.

- Rooduijn, Matthijs, Sarah L. de Lange, and Wouter van der Brug. "A populist Zeitgeist? Programmatic contagion by populist parties in Western Europe." *Party Politics* 20, no. 4 (2014): 563–575.
- Stavrakakis, Yannis, Giorgos Katsambekis, Alexandros Kioupiolis, Nikos Nikisianis, and Thomas Siomos. "Populism, anti-populism and crisis." *Contemporary Political Theory* 17, no. 1 (2017): 4-27.
- Stavrakakis, Yannis. "The Return of «the People»: Populism and Anti-Populism in the Shadow of the European Crisis." *Constellations* 21, no. 4 (2014): 505-517.
- Taguieff, Pierre-André. "Populismes et antipopulismes: le choc des argumentations." *Mots*, no. 55 (Juin 1998): 5-26.
- Tsakatika, Myrto. "SYRIZA's Electoral Rise in Greece: Protest, Trust and the Art of Political Manipulation." *South European Society and Politics* 21, no. 4 (2016): 519-540.

#### Artigos de órgãos de comunicação social

- Agência Lusa. "Países do sul da Europa mais expostos ao desemprego que pode atrasar recuperação." *Diário de Notícias*, 23 de Abril, 2021. <https://www.dn.pt/internacional/paises-do-sul-da-europa-estao-mais-expostos-ao-desemprego-que-pode-atrasar-recuperacao-alerta-moodys-13603243.html>.
- Gouveia, José Fialho. "Extrema-direita espera ganhar eleições em 2017 e criar uma nova Europa." *Diário de Notícias*, 22 de Janeiro, 2017. <https://www.dn.pt/mundo/extrema-direita-espera-ganhar-eleicoes-em-2017-e-criar-uma-nova-europa-5620826.html>.
- Judis, John. "Us vs Them: The birth of populism." *The Guardian*, October 13, 2016.

### Instrumentos de trabalho

- Lowe, Will. “Yoshikoder: Cross-platform multilingual content analysis.” Java software, version 0.6.5, 2015. <https://yoshikoder.org>.
- Volkens, Andrea, Tobias Burst, Werner Krause, Pola Lehmann, Theres Matthieß, Nicolas Merz, Sven Regel, Bernhard Weßels, and Lisa Zehnter. “The Manifesto Data Collection.” *Manifesto Project (MRG/CMP/MARPOR)*, Version 2020b, (2020). Berlin: Wissenschaftszentrum Berlin für Sozialforschung (WZB).

## ANEXO I – RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA RELATIVA À H1

### GRÉCIA

|  | SYRIZA | PASOK |   |
|--|--------|-------|---|
| Eleições Parlamentares 2009            | 4,6    | 43,92 |   |
| Eleições Parlamentares 2012 (Maio)     | 16,78  | 13,18 |   |
| Eleições Parlamentares 2012 (Junho)    | 26,89  | 12,28 |   |
| Eleições Europeias 2014                | 26,56  | 8,02  | Dentro da coligação "Elia"  |
| Eleições Parlamentares 2015 (Janeiro)  | 36,34  | 4,68  |   |
| Eleições Parlamentares 2015 (Setembro) | 35,46  | 6,29  | Dentro da "Coligação Democrática" ( <i>Dimokratiki Symparataxi, DISI</i> ): PASOK + DIMAR     |
| Eleições Europeias 2019                | 23,75  | 7,72  | Dentro da Coligação "Movimento pela Mudança" ( <i>Kinima Allagis, KINAL</i> ): PASOK + KIDISO |
| Eleições Parlamentares 2019            | 31,53  | 8,1   | Dentro da Coligação "Movimento pela Mudança" ( <i>Kinima Allagis, KINAL</i> ): PASOK + KIDISO |

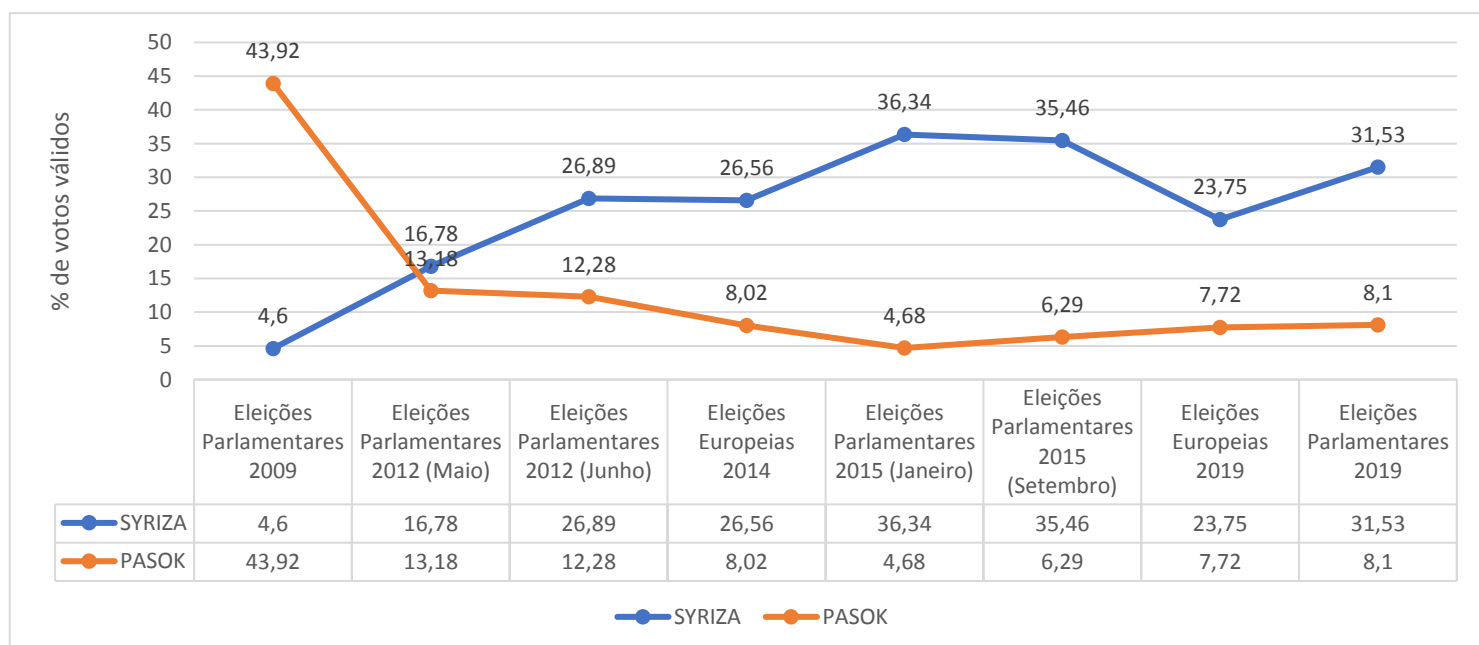


Gráfico 1: Resultados eleitorais de SYRIZA e PASOK entre 2009 e 2019 (Fonte: Ministério do Interior da Grécia, <https://ekloges.ypes.gr/en>).

r: Coeficiente de Correlação Linear (Coeficiente de Pearson)  
-0,883568184

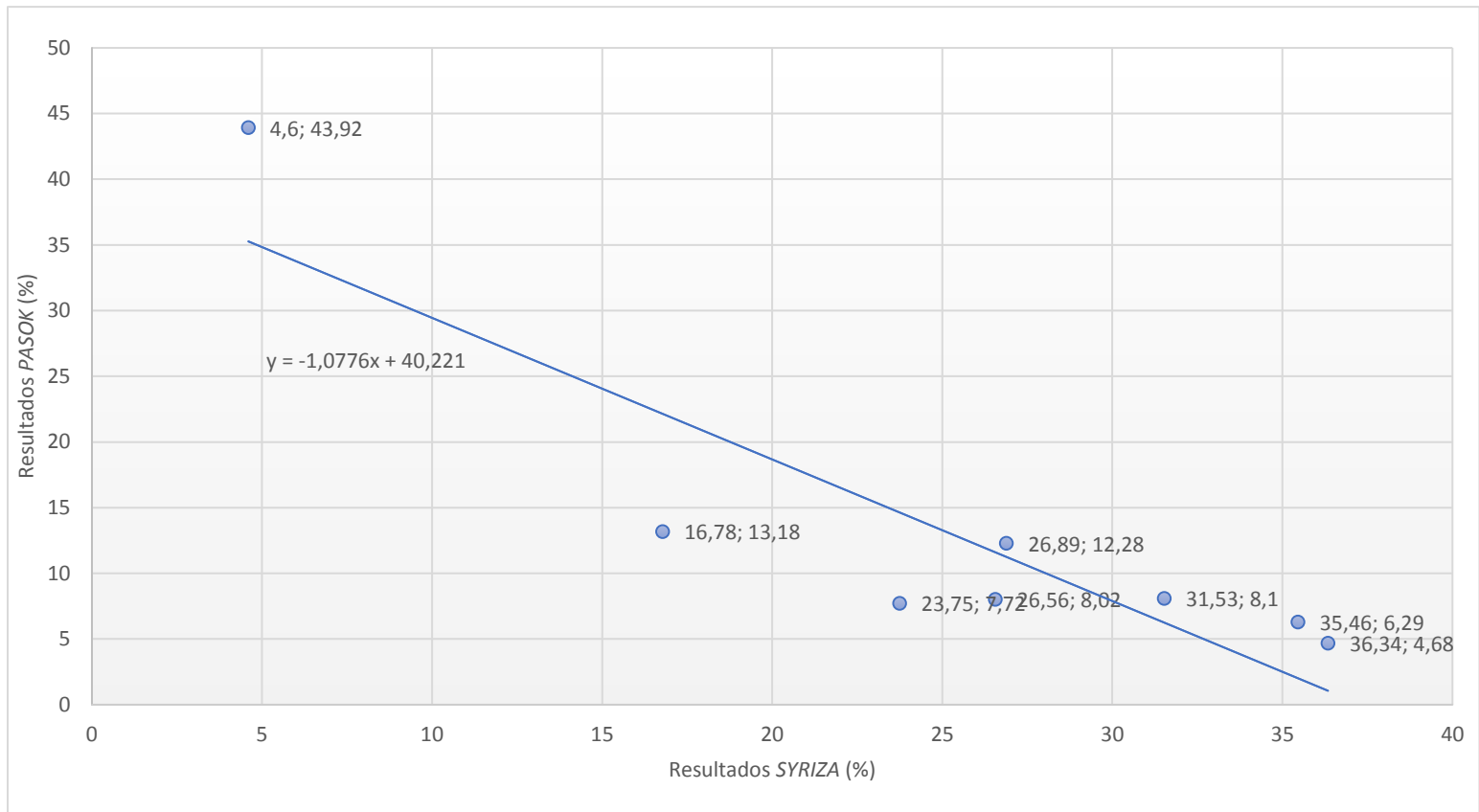


Gráfico 11: Recta de regressão linear entre os resultados eleitorais de SYRIZA e PASOK (2009-2019).

## ESPAÑA

|                                      | Podemos | PSOE  |
|--------------------------------------|---------|-------|
| Eleições Parlamentares 2011          |         | 28,76 |
| Eleições Europeias 2014              | 7,98    | 23,01 |
| Eleições Parlamentares 2015          | 20,66   | 22,01 |
| Eleições Parlamentares 2016          | 21,1    | 22,66 |
| Eleições Parlamentares 2019 Abril    | 14,31   | 28,68 |
| Eleições Europeias 2019              | 10,05   | 32,84 |
| Eleições Parlamentares 2019 Novembro | 12,97   | 28,25 |

*Podemos é Unidas Podemos: Podemos + IU + EQUO*

*Podemos é Unidas Podemos: Podemos + IU + EQUO*

*Podemos é Unidas Podemos: Podemos + IU + EQUO*

*Podemos é Unidas Podemos: Podemos + IU + EQUO*

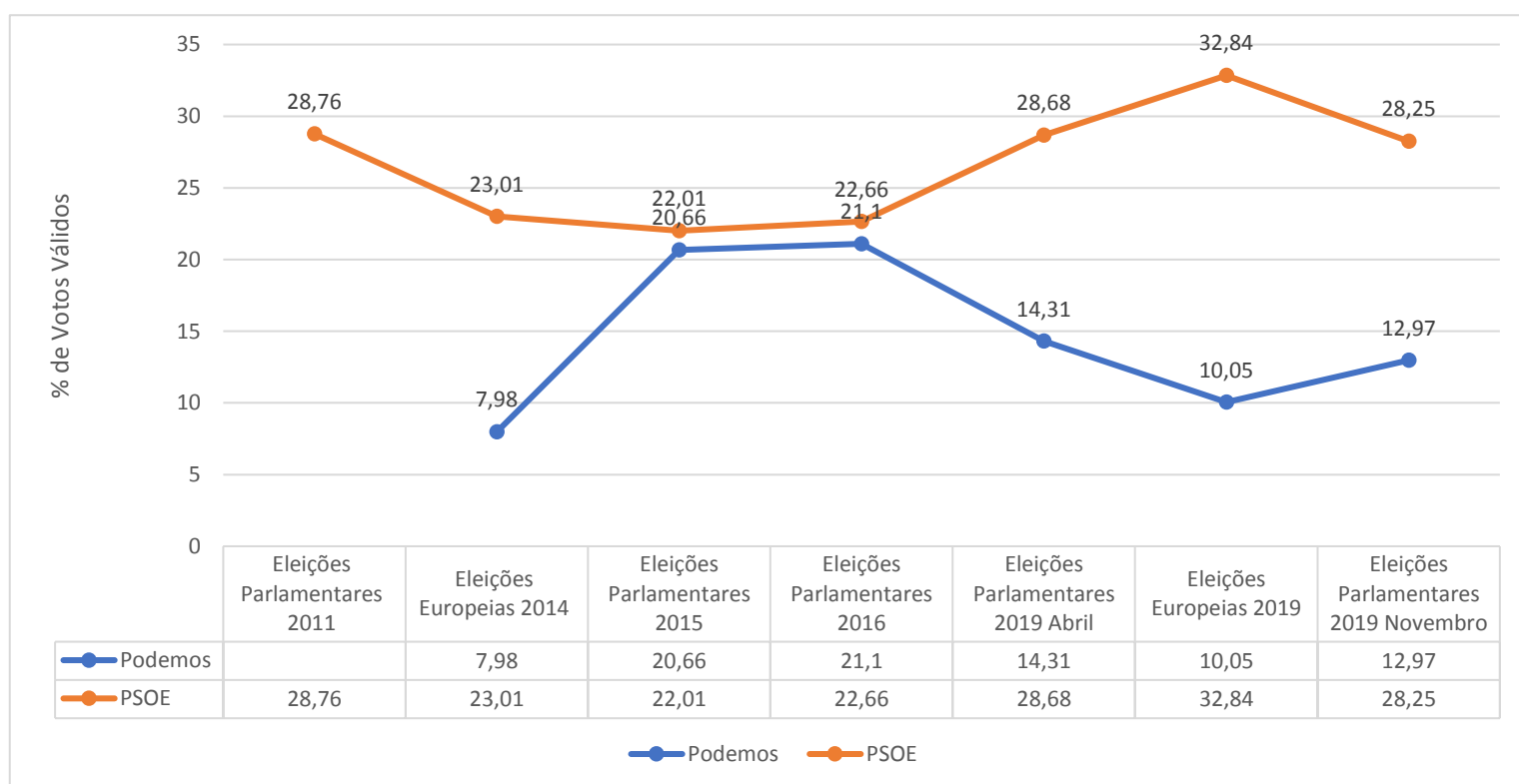


Gráfico 2: Resultados eleitorais de Podemos e PSOE entre 2011 e 2019 (Fonte: Jornal El País: <https://resultados.elpais.com/elecciones/generales.html>).

r: Coeficiente de Correlação Linear (Coeficiente de Pearson)

-0,522980309

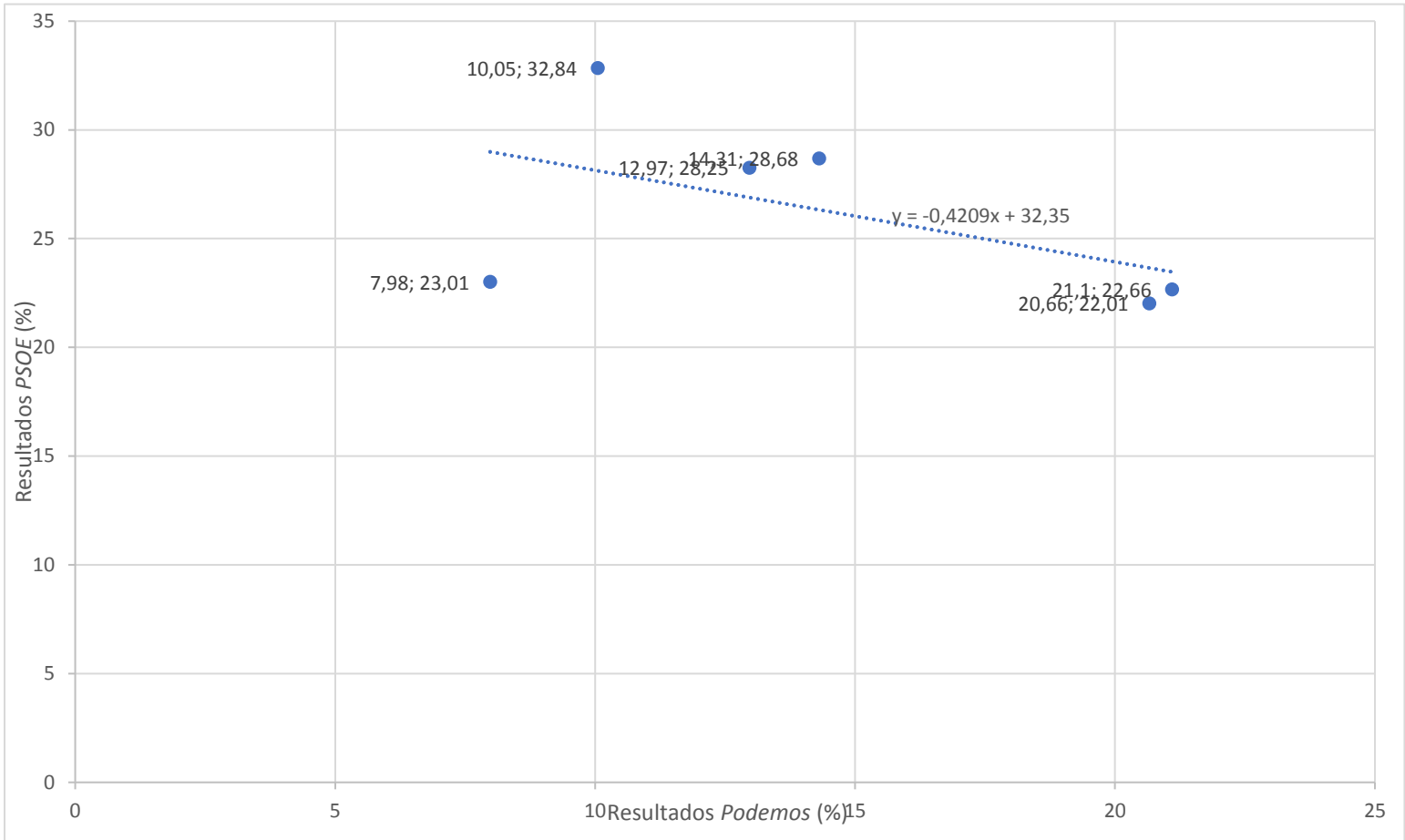


Gráfico 12: Recta de regressão linear entre os resultados eleitorais de Podemos e PSOE (2011-2019).

## ANEXO II – RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA RELATIVA ÀS H2 E H3

### DICIONÁRIO DE POPULISMO (EM INGLÊS)

#### GREECE

- 1) People-centrism / Left-Wing Populist composition of the people

People = λαός

Person = άτομο

(noun) Greek = Έλλην\*

(adjective) Greek = Ελληνικ\*

Country = χώρα

Fatherland = πατρίδ\*

Nation = έθνο\*

National = εθνικ\*

Citizen(s) = πολίτ\*

You = Εσείς, εσάς

Your = σας

We = Εμείς

Us = μας

Everyone = Όλοι

Worker = εργαζόμενος

Workers = εργαζόμενοι

Family = οικογένει\*

Public = δημόσιο

Society = κοινωνία

Majority = πλειοψηφία

Voter = ψηφοφόρ\*

Electorate = εκλογικό

Women = γυναίκ\*

Youth = νεολαία

LGBT = ΛΟΑΤ

Homosexuals = ομοφυλόφιλοι, gay γκέι

Disabled = ΑΜΕΑ

Evicted = έξωση

Migrants = μετανάστ\*

Refugees = πρόσφυγ\*

Minorities = μειονότητα\*

Farmers = αγρότες

Unemployed = άνεργ\*

Poor = φτωχότερ\*

Poor = φτωχοί

Pensioners = συνταξιούχ\*

Privileged = προνομιούχοι

Together= μαζί

Oppressed = καταπιεσμέν\*

Indignados = αγανακτησμέν\*

The 99% = πλειοψηφία

Alliance = συμμαχί\*

Identity = ταυτότητα

South = Νότος

## 2) Left-Wing Populist composition of the elite / Anti-elitism / Antagonism

Oligarchy = ολιγαρχ\*

Establishment = κατεστημένο

ND = Νέα Δημοκρατία ΝΔ ΝΕΑ ΔΗΜΟΚΡΑΤΙΑ

PASOK = Πασόκ ΠΑΣΟΚ ΠΑ.ΣΟ.Κ.

Bankers = τραπεζίτες

Banking system = τραπεζικό

Banks = Τράπεζες

The media = μέσα

Elite = ελίτ\*

The profits = συμφέροντα

Multinationals = Πολυεθνικές

Selling everything in cheap prices = Ξεπούλημα

They = Αυτοί Εκείνοι

Us , them = Εμείς , Αυτοί

Corruption = Διαφθορά

Corrupts = Διαφθείρ\*

Conspiracy = Διαπλοκή

Triangle = τρίγωνο

Sin = αμαρτία

Memorandum = Μνημόνι\*

Betray = Προδίδω

Treason = Προδοσί\*

Traitor = Προδότη\*

Shameful = ντροπιαστικ\*

Scandal = σκάνδαλο\*

Scandalous = σκανδαλώδ\*

Dishonest = ανέντιμ\*

Dishonesty = ανεντιμότητα

Lie = ψέμα

Deceit = δόλος

Deceive = εξαπατώ

Truth = αλήθεια

Kleptocracy = κλεπτοκρ\*

Bipartisanship = δικομματισμ\*

Neoliberal = νεοφιλελεύθερ\*

Parasite = παράσιτ\*

Market = αγορά\*

Arrogant = υπεροπτικ\*

Caste = κάστα  
Mafia = κλίκα\*  
Regime = καθεστ\*  
Empire = αυτοκρατορία  
Creditor = πιστωτ\*, δανειστ\*  
Illegitimate = παράνομ\*, παράτυπ\*  
Troika = τρόικα  
Austerity = λιτότητα\*  
Debt = χρέος  
Eurocrat = ευρωκράτ\*  
Brussels = Βρυξέλλες  
Berlin = Βερολίνο  
German = γερμανικ\*  
Germany = Γερμανία  
Merkel = Μέρκελ  
The Media = μέσα  
Capitalism = καπιταλισμός  
Capitalist = καπιταλιστικ\*  
Oppressor = δυνάστης, τύραννος  
Oppression = καταδυνάστευση  
The 1%  
The enemy = εχθρ\*, εχθρικ\*  
The old parties = παλιό  
The fight = μάχ\*  
The war = πόλεμ\*  
The battle = διαμάχ\*  
Propaganda = προπαγάνδα  
Despotic = δεσποτικ\*, τυραννικ\*  
Speculator = κερδοσκό\*

### 3) Valorisation of Popular Sovereignty

Popular = λαϊκ\*

Referendum = δημοψήφισμα

To vote = ψηφί\*

Vote = ψήφο\*

Voice = φωνή

Democracy = δημοκρα\*

Undemocratic = αντιδημοκρατικ\*

Hope = ελπίδα

Freedom = ελευθερία

Independence = ανεξαρτησία

Protectorate = προτεκτοράτο

Colony = αποικία

Colonialist = αποικιοκρατ\*

Dignity = αξιοπρέπεια , τσίπα

Election = εκλογές

Parliament = βουλή , κοινοβούλιο

Assembly = συνάθροιση , συνέλευση

Self-determination = αυτοδιάθεση

Self-governing = αυτόνομ\*

Sovereignty / sovereign= κυριαρχ\*

Justice = δικαιοσύνη

Victory = νίκ\*

Rebirth = αναγέννηση

Protest = διαμαρτυρία, διδήλωση/διαδηλώσεις

Participati\* = συμμετοχή

Representati\* = αντιπροσώπευση

Right= δικαίωμα

Equality = ισότητα

Universal = καθολικό

Activism= ακτιβισ\*

## SPAIN

### 1) People-centrism / Left-Wing Populist composition of the people

People = pueblo

Person = persona

Spaniard = español\*

Country = país

Fatherland = patria

Nation = nación

National = nacional

Population = población

The Citizens = ciudadan\*

Identity = identidad\*

You = usted/ tú / ti

Your = tu

We = nosotros

Us = nosotros

Our = nuestr\*

Everyone = todos

Working people = trabajador\*

Families = familias

The Public = el público

The Society = la sociedad

The majority = la mayoría

Anonymous = anónimo\*

Voter = votante\*

Electorate = electorado

Women = mujer\*

Youngster = joven

Youngsters = jóvenes

Youth = juventud

LGBT = lgbt\*

Homosexual = homossexual\*

Migrant = Inmigrante\* (refugiad\*, deportad\*)

Minorities = las minoría\*

Farmers = agricultor\*

Evicted = desalojad\* / desahuciad\*

Disabled = discapacidad\* / dependiente\*

Unemployed = desemplead\*

The Poor = pobre\*

Pensioners = pensionista\*

Together = juntos

The South = sur

Oppressed = oprimid\*

Indignados = Indignad\*

La gente = La gente

The 99% = el 99%

Alliance = alianza

Precari\*

desfavorecidos

## 2) Left-Wing Populist composition of the elite / Anti-elitism / Antagonism

Oligarchy = oligar\*

Establishment = el establecimiento / el sistema dirigente

The powerful = os poderos\*

The banks = Los bancos / La banca

Bankers = banquero\*

The banking system= el sistema bancario

The media = los medios de comunicación/ la prensa

Elite = la elit\*

Big corporations = grandes corporaciones

Multinationals = multinacional\*

Financiers = financieros / financieras

They = ellos

Corruption = corrup\*

Memorandum = memorandum

Betray = traici\*

Traitor = traidor\*

Shameful = vergonzoso

Scandal = escándalo\*

Dishonest = deshonesto\*

Oppressor = opres\*

Sin = pecado

Lie = mentira\*

Deceit = engaño\*

Truth = verdad

Kleptocracy = cleptocra\*

Partocracy = partitocracia / partidocracia

PPSOE = PPSOE

Regime = Régimen

Bipartisanship = bipartidis\*

Neoliberal = neoliberal\*

Evil = mal

Parasite = parasito\*

The market = el mercado\*

Arrogant = arrogante\*

Caste = casta

Mafia = mafia  
Empire = imperio  
Creditors = acreedor\*  
Troika = troika  
Austerity = austeri\*  
Debt = deuda  
Eurocrats = eurócra\*  
Brussels = Bruselas  
Berlin = Berlín  
Merkel = Merkel  
The North = el norte  
Capitalism = capitalis\*  
The 1% = el 1%  
The enemy = enemigo\*  
the fight = lucha / pelea  
the battle = batalla\*  
Propaganda = propaganda  
Illegitimate = ilegítima\*  
Despots = déspota\*  
Despotism = despotism  
Speculators = especula\*  
Monopolistas  
Fondos buitres  
Franquismo

### 3) Valorisation of Popular Sovereignty

Popular = popular  
Referendum = referend\* / consulta  
Vote = el vot\* / los votos / votar  
Voice = voz

Voices = voces

Democracy = democra\*

Freedom = libertad

Change = cambi\*

Protectorate = protectorado

Colony = colonia\*

Dignity = dign\*

Protest = protesto\* / manifestación\*

Election = elección / elecciones

Representation = representac\*

Parliament = parlament\*

Participation = participa\*

(Popular) Assembly = Asamblea\*

Self-determination = auto-determinación / autodeterminación

Self-rule = autogobierno

Sovereignty = soberan\*

Right = derecho\*

Equality = igual\*

Universal = universal

Justice = justicia / just\*

Victory = Victoria

We will win = Venceremos

Movement = movimiento / movimientos / 15M

Rebirth = renacimiento

Activism = activis\*

Empoderamento

Movilización

Calle\*

## RESULTADOS APÓS A APLICAÇÃO DOS DICIONÁRIOS VIA *SOFTWARE YSHIKODER*

### GRÉCIA – SYRIZA

| SYRIZA                                       | People-centrism counts + (ratio) | Anti-elitism counts + (ratio) | Popular Sovereignty counts (ratio) | Total counts (ratio) | Ratio per 1000 |
|--|----------------------------------|-------------------------------|------------------------------------|----------------------|----------------|
| TSIPRAS THESSALONIKI 4-05-2012 LEGISLATIVAS  | 92 (0,03)                        | 35 (0,011)                    | 53 (0,017)                         | 180 (0,058)          | 58             |
| TSIPRAS THESSALONIKI 15-06-2012 LEGISLATIVAS | 86 (0,027)                       | 13 (0,004)                    | 43 (0,013)                         | 142 (0,044)          | 44             |
| TSIPRAS HERAKLION 23-05-2014 EUROPEIAS       | 112 (0,034)                      | 27 (0,008)                    | 45 (0,014)                         | 184 (0,056)          | 56             |
| TSIPRAS ATENAS 22-01-2015 LEGISLATIVAS       | 154 (0,044)                      | 33 (0,009)                    | 58 (0,017)                         | 245 (0,07)           | 70             |
| TSIPRAS SYNTAGMA 18-09-2015 LEGISLATIVAS     | 87 (0,03)                        | 50 (0,017)                    | 42 (0,014)                         | 179 (0,061)          | 61             |
| TSIPRAS SYNTAGMA 24-05-2019 EUROPEIAS        | 277 (0,044)                      | 58 (0,009)                    | 48 (0,008)                         | 383 (0,061)          | 61             |
| TSIPRAS SYNTAGMA 5-07-2019 LEGISLATIVAS      | 211 (0,046)                      | 26 (0,006)                    | 33 (0,007)                         | 270 (0,058)          | 58             |

| DISCURSOS               | Ratio per 1000 |
|-------------------------|----------------|
| 4-05-2012 LEGISLATIVAS  | 58             |
| 15-06-2012 LEGISLATIVAS | 44             |
| 23-05-2014 EUROPEIAS    | 56             |
| 22-01-2015 LEGISLATIVAS | 70             |
| 18-09-2015 LEGISLATIVAS | 61             |
| 24-05-2019 EUROPEIAS    | 61             |
| 5-07-2019 LEGISLATIVAS  | 58             |

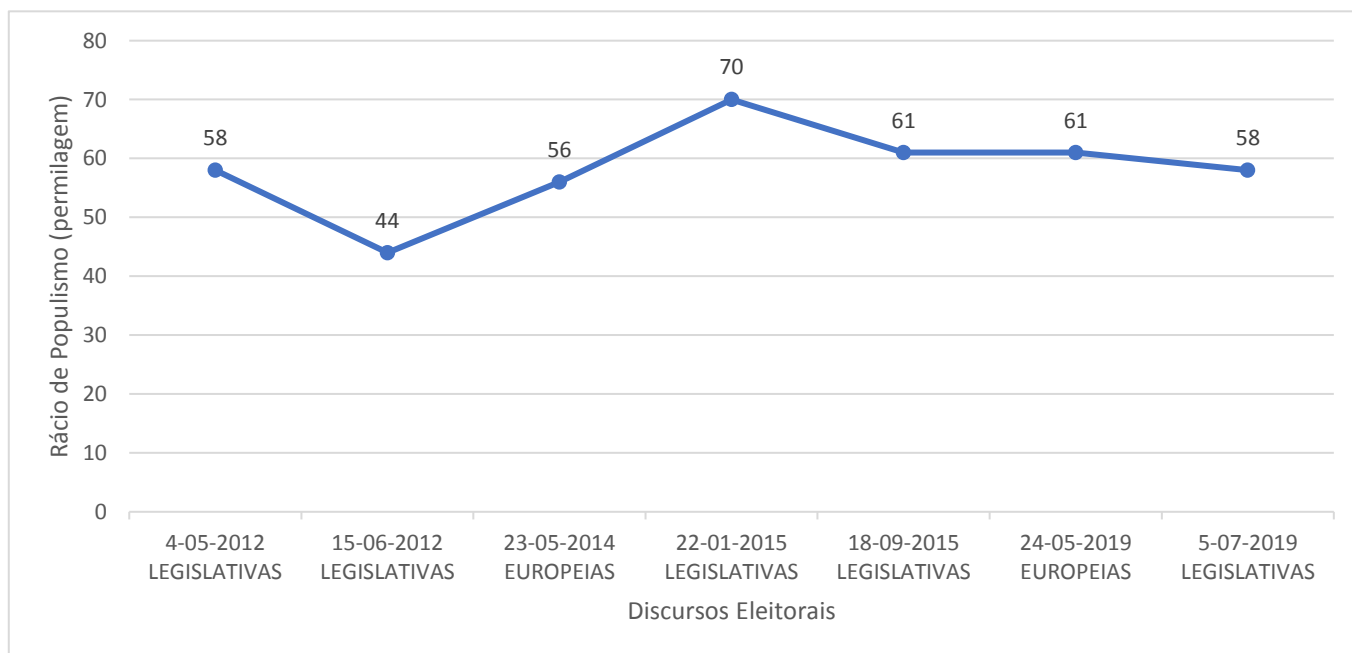


Gráfico 3: Evolução da retórica populista do SYRIZA, medida através de rácios de termos populistas (em permilagem).

## GRÉCIA - PASOK

| PASOK  | People-centrism counts + (ratio) | Anti-elitism counts + (ratio) | Popular Sovereignty counts (ratio) | Total counts (ratio) | Ratio per 1000 |
|--|----------------------------------|-------------------------------|------------------------------------|----------------------|----------------|
| EVANGELOS VENIZELOS ATENAS 4-05-2012 LEGISLATIVAS    | 110 (0,041)                      | 14 (0,005)                    | 25 (0,009)                         | 149 (0,055)          | 55             |
| EVANGELOS VENIZELOS ATENAS 15-06-2012 LEGISLATIVAS   | 123 (0,035)                      | 26 (0,007)                    | 22 (0,006)                         | 171 (0,049)          | 49             |
| EVANGELOS VENIZELOS ATENAS 21-05-2014 EUROPEIAS      | 95 (0,022)                       | 49 (0,011)                    | 47 (0,011)                         | 191 (0,044)          | 44             |
| EVANGELOS VENIZELOS XANTHI 23-01-2015 LEGISLATIVAS   | 133 (0,028)                      | 26 (0,006)                    | 42 (0,009)                         | 201 (0,043)          | 43             |
| FOFIS GENNIMATA THESSALONIKI 10-09-2015 LEGISLATIVAS | 64 (0,021)                       | 18 (0,006)                    | 22 (0,007)                         | 104 (0,034)          | 34             |
| FOFIS GENNIMATA THESSALONIKI 24-05-2019 EUROPEIAS    | 88 (0,034)                       | 15 (0,006)                    | 52 (0,02)                          | 155 (0,06)           | 60             |
| FOFIS GENNIMATA ATENAS 3-07-2019 LEGISLATIVAS        | 49 (0,026)                       | 6 (0,003)                     | 21 (0,011)                         | 76 (0,04)            | 40             |

| DISCURSOS               | Ratio per 1000 |
|-------------------------|----------------|
| 4-05-2012 LEGISLATIVAS  | 55             |
| 15-06-2012 LEGISLATIVAS | 49             |
| 21-05-2014 EUROPEIAS    | 44             |
| 23-01-2015 LEGISLATIVAS | 43             |
| 10-09-2015 LEGISLATIVAS | 34             |
| 24-05-2019 EUROPEIAS    | 60             |
| 3-07-2019 LEGISLATIVAS  | 40             |

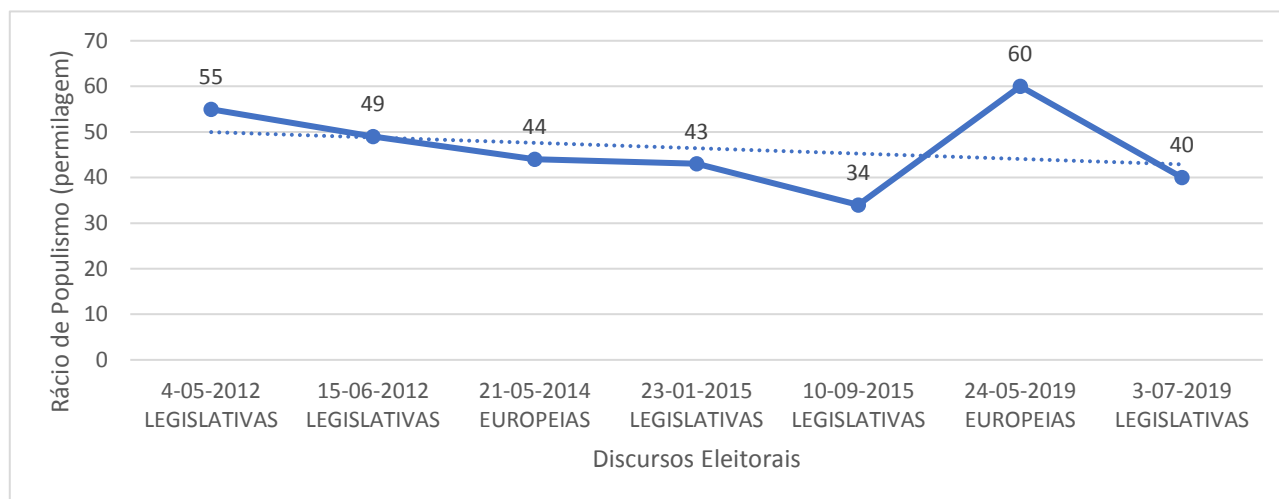


Gráfico 5: Evolução da retórica populista do PASOK, medida através de rácios de termos populistas (em permilagem).

## ESPAÑA – Podemos

| PODEMOS  | People-centrism counts + (ratio) | Anti-elitism counts + (ratio) | Popular Sovereignty counts (ratio) | Total counts (ratio) | Ratio per 1000 |
|--|----------------------------------|-------------------------------|------------------------------------|----------------------|----------------|
| Manifesto fundacional "Mover ficha" 2014         | 72 (0,039)                       | 21 (0,011)                    | 61 (0,033)                         | 154 (0,083)          | 83             |
| Programa Colaborativo- Europeias 25/05/2014      | 208 (0,021)                      | 55 (0,006)                    | 254 (0,026)                        | 517 (0,053)          | 53             |
| Documento politico 2015                          | 234 (0,028)                      | 66 (0,008)                    | 183 (0,022)                        | 483 (0,057)          | 57             |
| Acordo Pré-eleitoral - Eleições gerais 26/6/2016 | 156 (0,02)                       | 51 (0,007)                    | 128 (0,017)                        | 335 (0,044)          | 44             |
| Programa Eleitoral - Eleições Gerais 28/04/2019  | 740 (0,024)                      | 172 (0,006)                   | 366 (0,012)                        | 1278 (0,042)         | 42             |
| Programa Eleitoral - Europeias 26/05/2019        | 451 (0,015)                      | 147 (0,005)                   | 715 (0,025)                        | 1313 (0,045)         | 45             |
| Programa Eleitoral - Eleições Gerais 10/11/2019  | 883 (0,023)                      | 209 (0,006)                   | 437 (0,012)                        | 1529 (0,041)         | 41             |

| Manifestos/Programas Eleitorais                  | Ratio per 1000 |
|--|----------------|
| Manifesto fundacional 2014                       | 83             |
| Programa Europeias 25/05/2014                    | 53             |
| Documento Político 2015                          | 57             |
| Acordo Pré-Eleitoral - Eleições gerais 26/6/2016 | 44             |
| Programa Eleitoral - Eleições Gerais 28/04/2019  | 42             |
| Programa Eleitoral - Europeias 26/05/2019        | 45             |
| Programa Eleitoral - Eleições Gerais 10/11/2019  | 41             |

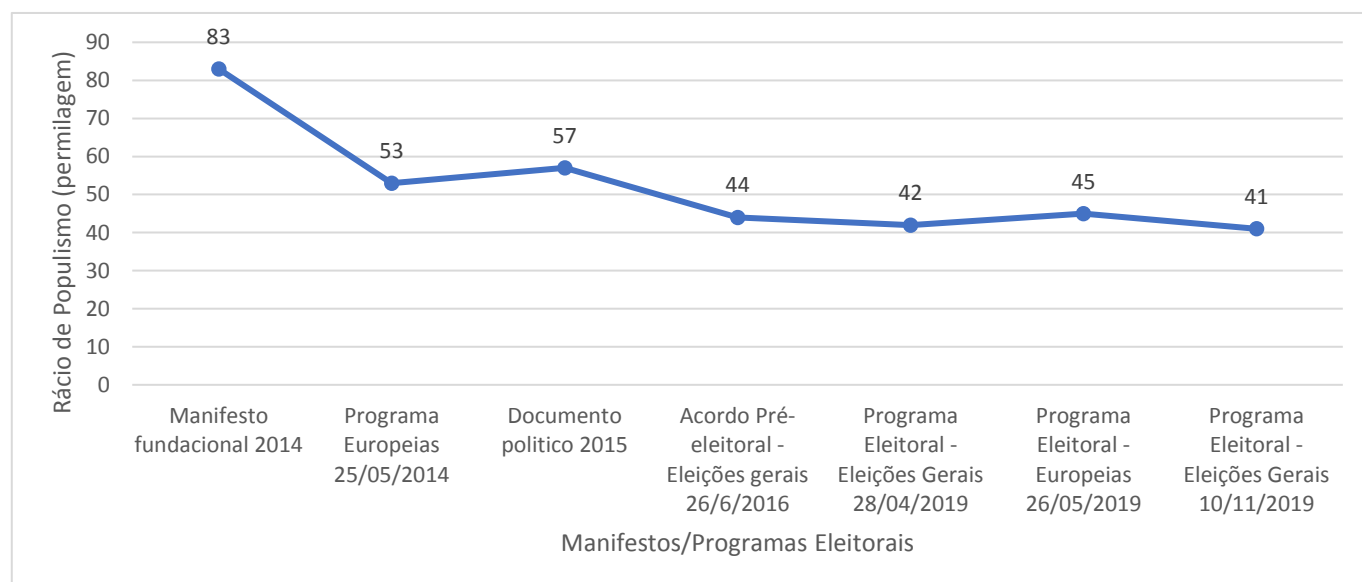


Gráfico 4: Evolução da retórica populista do Podemos, medida através de rácios de termos populistas (em permilagem).

## ESPAÑA – PSOE

| PSOE  | People-centrism counts + (ratio) | Anti-elitism counts + (ratio) | Popular Sovereignty counts (ratio) | Total counts (ratio) | Ratio per 1000 |
|---|----------------------------------|-------------------------------|------------------------------------|----------------------|----------------|
| Programa Eleitoral - Europeias 25/05/2014       | 545 (0,022)                      | 175 (0,007)                   | 366 (0,015)                        | 1086 (0,043)         | 43             |
| Programa Eleitoral - Eleições Gerais 20/12/2015 | 3106 (0,024)                     | 552 (0,004)                   | 1445 (0,011)                       | 5103 (0,039)         | 39             |
| Programa Eleitoral - Eleições Gerais 26/06/2016 | 3362 (0,024)                     | 595 (0,004)                   | 1549 (0,011)                       | 5506 (0,04)          | 40             |
| Programa Eleitoral - Eleições Gerais 28/04/2019 | 1623 (0,022)                     | 149 (0,002)                   | 846 (0,012)                        | 2618 (0,036)         | 36             |
| Programa Eleitoral - Europeias 26/05/2019       | 215 (0,02)                       | 34 (0,003)                    | 155 (0,014)                        | 404 (0,037)          | 37             |
| Programa Eleitoral - Eleições Gerais 10/11/2019 | 345 (0,022)                      | 36 (0,002)                    | 215 (0,014)                        | 596 (0,038)          | 38             |

| Programas Eleitorais                            | Ratio per 1000 |
|---|----------------|
| Programa Eleitoral - Europeias 25/05/2014       | 43             |
| Programa Eleitoral - Eleições Gerais 20/12/2015 | 39             |
| Programa Eleitoral - Eleições Gerais 26/06/2016 | 40             |
| Programa Eleitoral - Eleições Gerais 28/04/2019 | 36             |
| Programa Eleitoral - Europeias 26/05/2019       | 37             |
| Programa Eleitoral - Eleições Gerais 10/11/2019 | 38             |

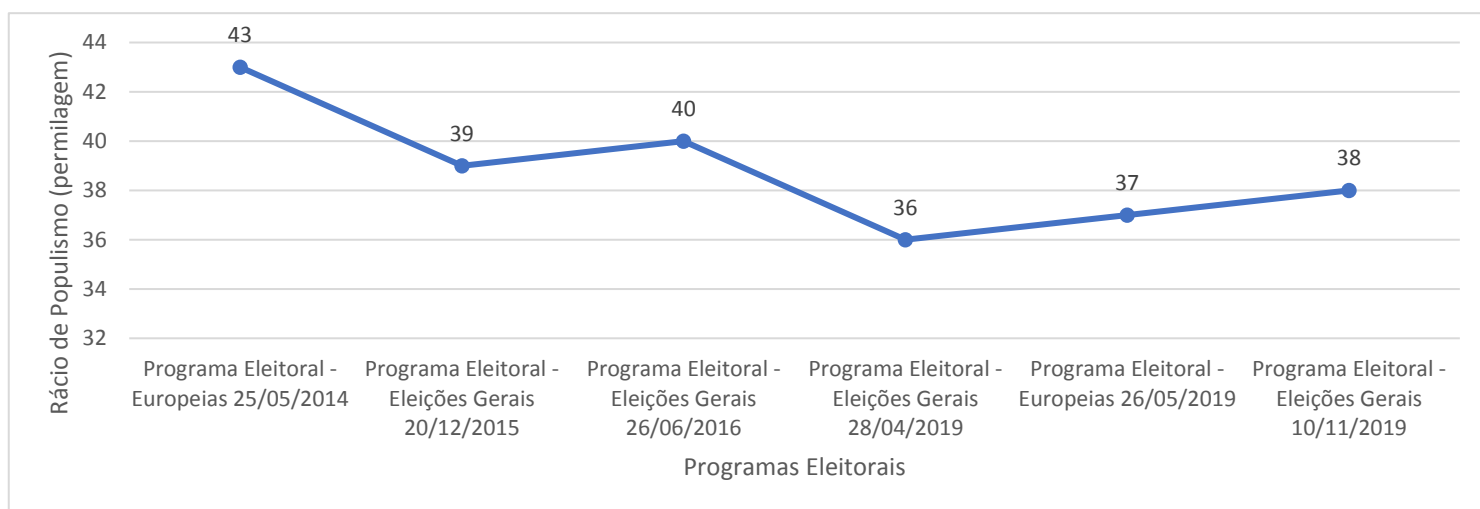


Gráfico 6: Evolução da retórica populista do PSOE, medida através de rácios de termos populistas (em permilagem).

# ANEXO III – RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA RELATIVA ÀS H4 E H5

## GRÉCIA

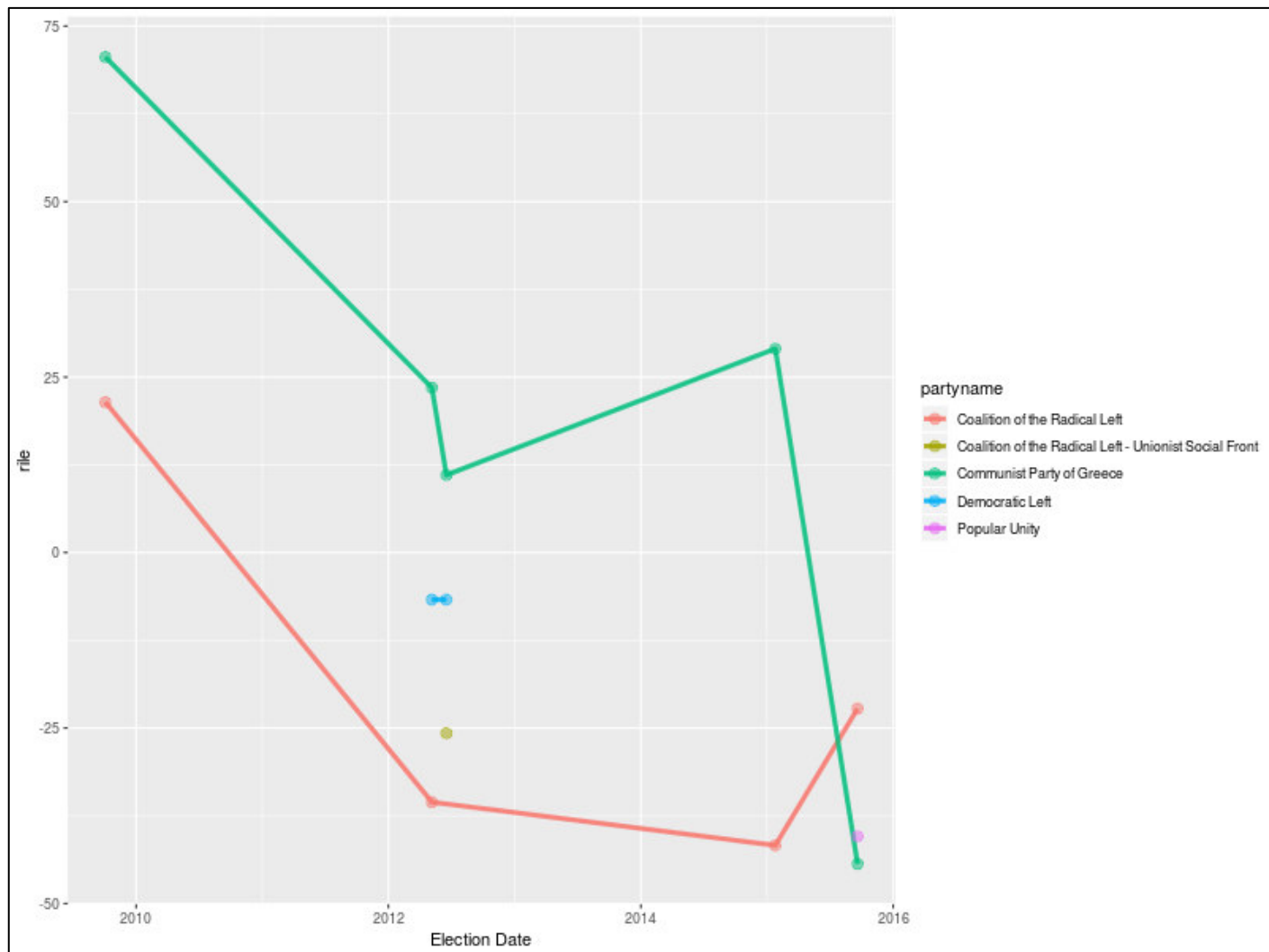


Gráfico 7: Evolução ideológica dos partidos gregos de esquerda radical numa escala de esquerda-direita.

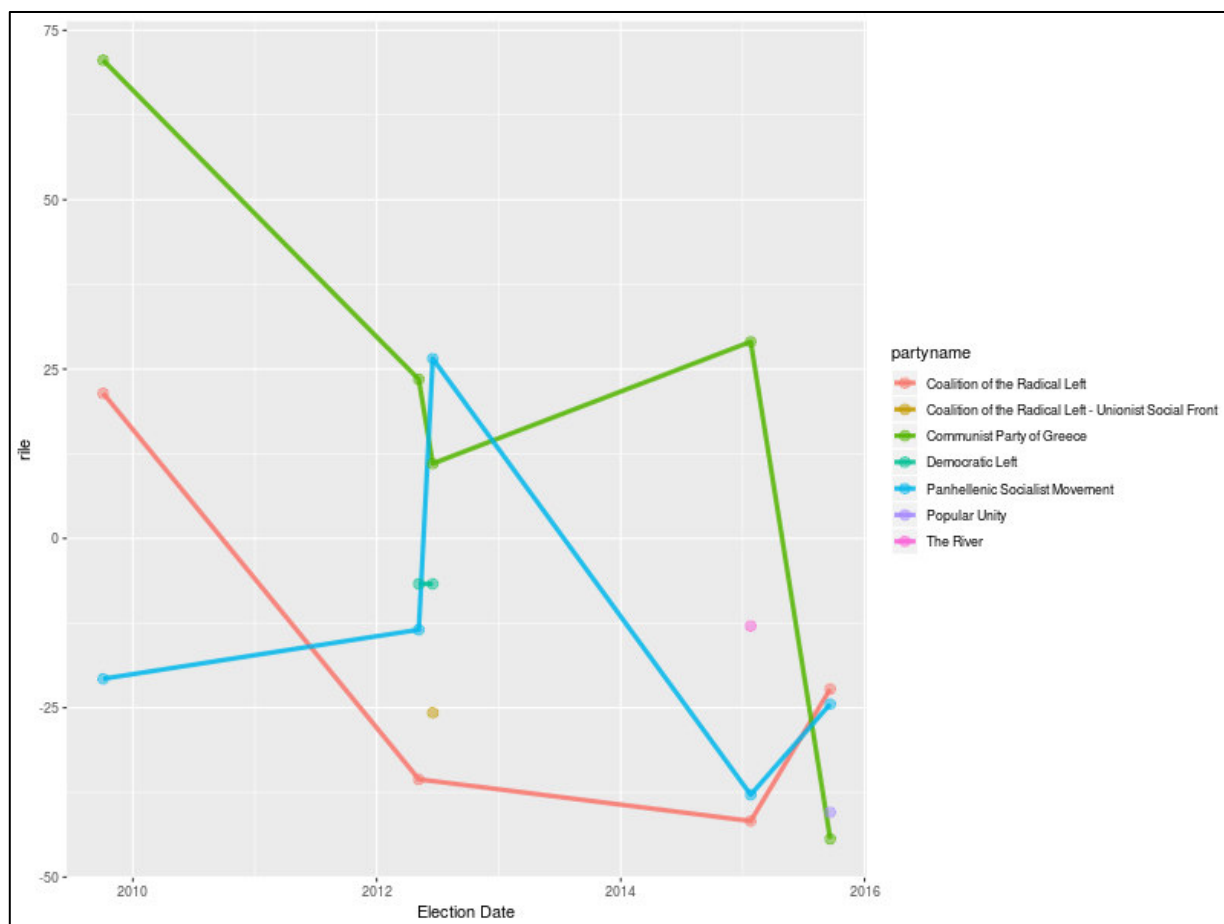


Gráfico 8: Evolução ideológica dos partidos gregos de esquerda radical e de centro-esquerda numa escala de esquerda-direita.

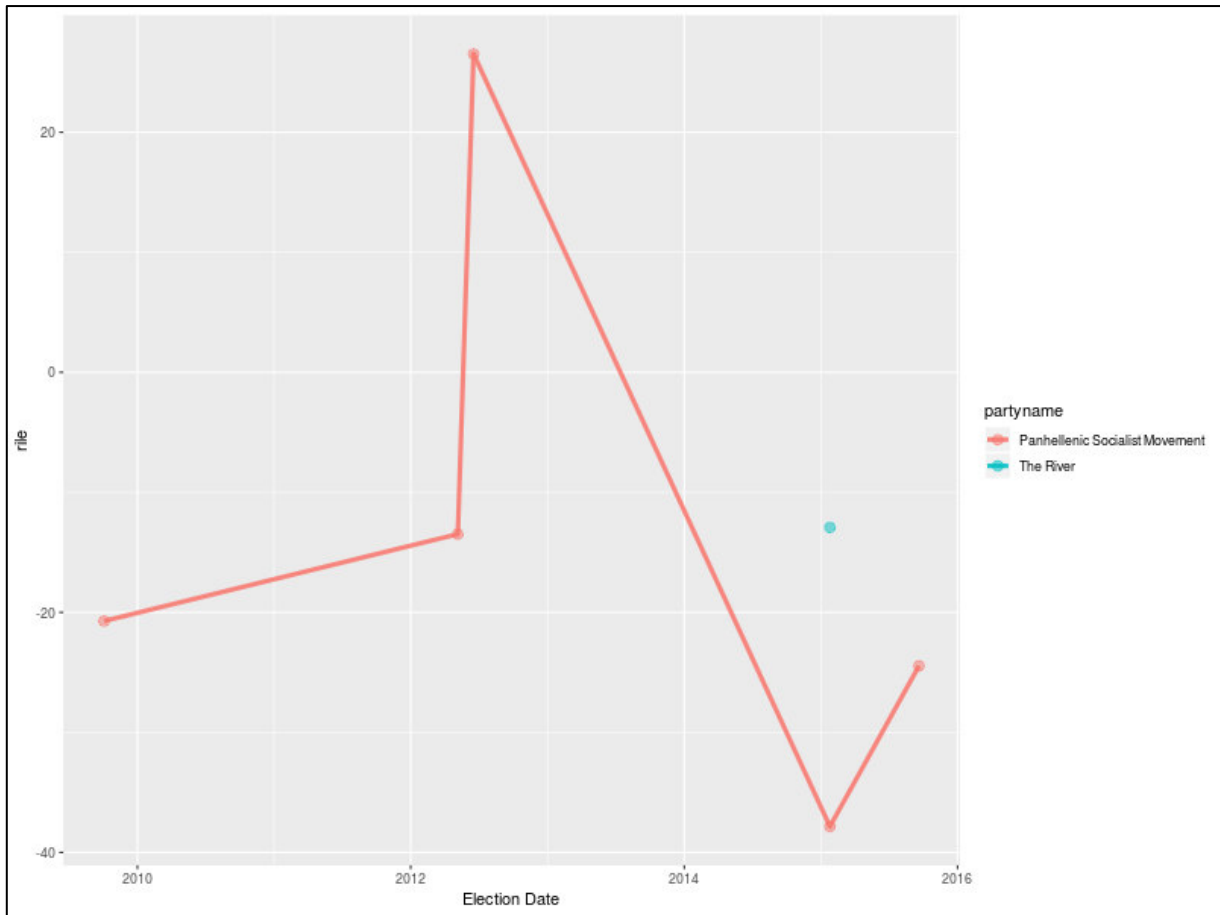


Gráfico 10: Evolução ideológica dos partidos gregos de centro-esquerda numa escala de esquerda-direita.

## ESPAÑA

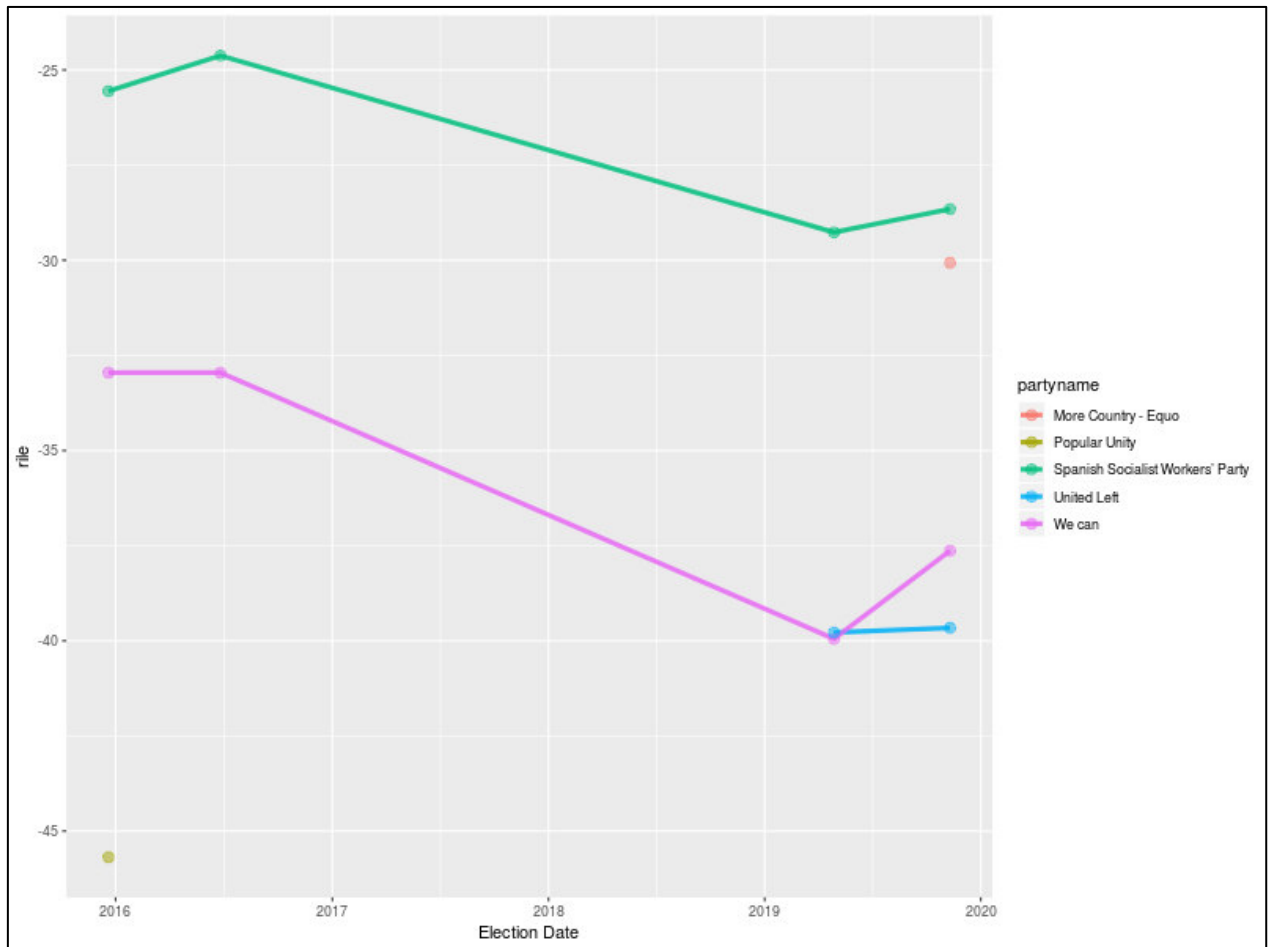


Gráfico 9: Evolução ideológica dos partidos espanhóis de esquerda radical e de centro-esquerda numa escala de esquerda-direita.